

ANA PAULA MORETTI PAVANELLO MACHADO

**NOS TERRENOS DA CIDADE: UM OLHAR SOBRE O CIRCO, O
CIRCO-TEATRO E O PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS
ANOS DE 1920 A 1950.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teatro (Mestrado) do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edécio Mostaço

FLORIANÓPOLIS

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA PAULA MORETTI PAVANELLO MACHADO

**NOS TERRENOS DA CIDADE: UM OLHAR SOBRE O CIRCO, O
CIRCO-TEATRO E O PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS
ANOS DE 1920 À 1950.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teatro para a obtenção do Grau de Mestre em Teatro, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Profa Vera Regina Martins Collaço, Dra
Coordenadora do PPGT

Banca Examinadora

Orientador: _____
Prof. Edécio Mostaço, Dr.
Orientador

Membro: _____
Prof^a. Ermínia Silva (parecerista externo), Dra.

Membro: _____
Prof^a Vera Regina Martins Collaço, Dra

Membro: _____
Prof. Valmor Beltrame (suplente), Dr.

Florianópolis, 10 de maio de 2010.

À Deus pelo dom da vida, ao esposo
Rodney por todo o amor.

Aos meus pais, Aldo e Ana e a minha irmã
Elisa.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da minha vida, pela alegria que tenho em viver, trabalhar e pesquisar.

Ao meu esposo, Rodney, por todo o seu amor e incentivo à minha pesquisa, por entender de forma tão carinhosa todas as ausências necessárias.

Aos meus pais Aldo e Ana que estiveram o tempo todo me incentivando nesta pesquisa, que me auxiliaram em todos os momentos.

A minha irmã Elisa, que procurou ler, orientar e me incentivou durante toda a pesquisa.

Ao Prof. Edécio por todo o carinho, atenção e dedicação que teve ao orientar a minha pesquisa. Sua ajuda foi fundamental para este trabalho.

Aos professores Vera Collaço, Valmor Beltrame e Ermínia Silva que participaram da minha banca de qualificação e deram sugestões valiosas para o crescimento desta pesquisa.

A minha amiga Fabiane Watzko que leu com disponibilidade e paciência o meu trabalho.

A Doraci Demarchi que também se dispôs a ler e contribuir com a minha pesquisa.

Aos meus amigos: Francis, Daniela, Ricardo, Kandine, Antonio e Juci que nos momentos mais difíceis e estressantes possibilitaram que eu me distraísse e esquecesse um pouco o trabalho.

Ao Programa de Pós Graduação da UDESC que me deu a oportunidade de realizar este mestrado.

Ao CNPq- CAPES pela bolsa concedida e a oportunidade de me dedicar apenas a pesquisa.

As secretárias do Programa de Pós-Graduação da UDESC, Mila e Sandra por toda a simpatia e alegria em atender prontamente os alunos.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Eugenio Victor Schomeckel, em especial à Silvia e ao Ademir, que prontamente me atenderam e ajudaram no que foi possível durante toda a pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca Estadual de Santa Catarina pelo empenho em conseguir os jornais que necessitava.

Aos amigos e colegas do mestrado que dividirão durante estes dois anos as angústias, as dificuldades e alegrias deste percurso.

E, principalmente, a todos os entrevistados, que tão gentilmente repartiram comigo parte de suas vidas e que fizeram-me compreender um pouco da história de Jaraguá do Sul. Pela paciência, disponibilidade e carinho que tiveram comigo ao longo das entrevistas.

RESUMO

MACHADO, Ana Paula Moretti Pavanello. **Nos terrenos da cidade: Um olhar sobre o Circo, o Circo-Teatro e o Parque-Teatro em Jaraguá do Sul nos anos de 1920 a 1950.** Dissertação (Mestrado em Teatro). Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2010.

Esta dissertação investiga as influências da presença do circo, circo-teatro e parque-teatro em Jaraguá do Sul, dentro do contexto de desenvolvimento e crescimento da cidade entre os anos de 1920 a 1950. Nesse sentido, a cidade e sua história são debatidas ao longo dos três capítulos que compõem este trabalho. Jaraguá do Sul, que foi fundada e colonizada por imigrantes e descendentes de italianos e alemães, era uma cidade de pequeno porte, com economia direcionada para as atividades agropecuárias. Os circos, circos-teatros e parques-teatros representaram uma das poucas opções artístico-culturais que vinham de fora da cidade. Durante os anos aqui enfocados, os jaraguenses conviveram com diferentes situações políticas, tais como os reflexos da 1ª Guerra Mundial, o Integralismo, a Ditadura Vargas, a 2ª Guerra Mundial, entre outros. Todas essas situações foram fundamentais para o cotidiano da cidade e influenciaram a presença dos circos, circos-teatros e parques-teatros na cidade.

Palavras-Chave: Circo. Circo-Teatro. Parque-Teatro. História. Jaraguá do Sul.

ABSTRACT

MACHADO, Ana Paula Moretti Pavanello. **In The land of the city: A look at the Circus, the Circus-Theater and the Park Theater in Jaraguá do Sul, from 1920 to 1950.** Dissertation (Master of Theatre) State University of Santa Catarina-UDESC. Post Graduation Program in Theatre, Florianópolis, 2010.

This research proposes to investigate the influences of the circus' presence, theater-circus and children's theater-park in Jaraguá do Sul into the context of development and growth of the city between years 1920 and 1950. In this sense, the city and its history are discussed along three chapters of this dissertation. Jaraguá do Sul, which was founded and colonized by immigrants and descendants of Italians and Germans, was a small town, and the focus of the economy were agricultural activities.

The presence of the circus, theater-circus and theater-parks, represented one of the few artistic and cultural options that use to come from out of town. During the researched years, people who were born and lived in Jaraguá do Sul had to deal with different political issues, such as the reflections of the First World War, the Integralism, Vargas Dictatorship, Second World War, among others. All these situation have been fundamental and very important to this city and influenced the presence of the circus, theater-circus and theater-parks in the city.

Key-Words: Circus. Theater-Circus. Theater-Park. History. Jaraguá do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura nº1: Mapa com a localização geográfica de Jaraguá do Sul	22
Figura nº2: Fotografia do centro do distrito de Jaraguá no início dos anos de 1910	24
Figura nº3: Fotografia de rua no distrito de Jaraguá no início dos anos de 1920	25
Figura nº4: Imagem do Circo de Philipe Astley	31
Figura nº5: Cartaz-Propaganda do Circo Chiriani	32
Figura nº6: Fotografia do Centro do Distrito de Jaraguá do Sul nos anos de 1920.	34
Figura nº7: Propaganda do Circo Familiar	37
Figura nº8: Propaganda do Circo Novo Horizonte	40
Figura nº9: Relatório do Município de Joinville	41
Figura nº10: Foto do centro do distrito de Jaraguá no início dos anos de 1920.	44
Figura nº11: Foto de rua alagada de Jaraguá do Sul no início dos anos de 1920.	45
Figura nº12: Propaganda do Grande Circo Parissete	47
Figura nº13: Propaganda do Grande Circo Olympico	50
Figura nº14: Propaganda do Grande Circo Irmãos Stevanovich	53
Figura nº15: Fotografia de Estação Ferroviária de Jaraguá do Sul	61
Figura nº16: Fotografia da Estação Ferroviária de Jaraguá do Sul	62
Figura nº17: Imagem do Palhaço Benjamin de Oliveira	67
Figura nº18: Imagem do Palhaço Benjamin de Oliveira	71
Figura nº19: Charge do Jornal O Clarim	75
Figura nº20: Fotografia dos Escoteiros Integralistas	79
Figura nº21: Fotografia do centro do distrito de Jaraguá no início dos anos de 1930	80
Figura nº22: Fotografia do centro do distrito de Jaraguá no início dos anos de 1930	81
Figura nº23: Fotografia da Sociedade de Atiradores Jaraguá	85
Figura nº24: Fotografia do centro do distrito de Jaraguá no início dos anos de 1930	87
Figura nº25: Livro de Requerimentos da Prefeitura de Jaraguá do Sul	91
Figura nº26: Fotografia do terreno em que ficavam armados os circos no início dos anos de 1930	94
Figura nº27: Fotografia de um circo montado em Jaraguá do Sul	94
Figura nº28: Propaganda do Grande Circo Norte Americano	98

Figura nº29: Propaganda do Circo Irmãos Marcovich_____	109
Figura nº30: Fotografia de Jaraguá do Sul em 1941_____	113
Figura nº31: Fotografia da inauguração do prédio da Prefeitura Municipal_____	115
Figura nº32: Propaganda do Parque Teatro Guarani_____	117
Figura nº33: Fotografia da inauguração da Estação Rodoviária_____	120
Figura nº34:Fotografia da praça Prefeito Ten. Leônidas Cabral Hebster_____	121
Figura nº35:Fotos dos Diabos Brancos (Circo Irmãos Queirolo)_____	124
Figura nº36: Imagem sobre a Bomba Atômica_____	126
Figura nº37: Fotografia de Jaraguá do Sul nos anos de 1940_____	131
Figura nº38: Livro de Requerimentos de Diversões em Jaraguá do Sul nos anos de 1940_____	132 e 133
Figura nº39:Fotografia dos alunos do Colégio São Luiz no Parque-Teatro Filadélfia_____	135
Figura nº40: Fotografia dos alunos do Colégio São Luiz no Parque-Teatro Filadélfia_____	136
Figura nº41: Fotografia dos alunos do Colégio São Luiz no Parque-Teatro Filadélfia_____	137

LISTA DOS ENTREVISTADOS



AZEVEDO, ALDAZIRA PIAZEIRA

Nasceu no dia 14 de março de 1924. Filha de Emílio Piazeira e Elisa Doubrawa Piazeira Estudou primeiramente com a professora Idea Gomes Silva e posteriormente completou seus estudos no Grupo Escolar Abdon Batista. Casou-se no dia 14 de outubro (não recorda o ano) com Murilo Bareto de Azevedo. Teve um filho, Sávio Murilo Piazeira de Azevedo. Durante trinta anos trabalhou na Celesc como chefe do setor comercial até aposentar-se.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 18/09/2009 no Asilo Lar das Flores.



FREIBERGUER, OTOKAR OSVALDO

Nasceu no dia 20 de outubro de 1930 em Jaraguá do Sul, filho de Pedro Francisco e Rau Freiberguer, teve 6 irmãos e 5 irmãs. Sempre morou no bairro Estrada Nova e estudou na Escola Estrada Nova até o terceiro ano primário. Quando era pequeno ajudava os pais no cultivo da lavoura e aos 18 anos passou a trabalhar na Ferrovia, trocando dormentes e trilhos e da qual só saiu aposentado, como supervisor de operações.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 15/05/2009 na casa do entrevistado.



LEUPRECHT, BRUNO

Nasceu no dia 06 de novembro de 1926 em Cruz da Esperança em São Paulo. Mudou-se para Jaraguá do Sul em 1937. Estudou no Colégio Divina Providência até 1940. Completou os estudos no Colégio São Luiz no final da década de 1940. Casou-se em 1949 com Luzia, com quem teve 8 filhos, 14 netos e 7 bisnetos. Trabalhou desde 1949 até a década de 1970 na Loja Picolli e Leuprecht Ltda, que vendia armarinhos e tecidos.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 16/10/2009 na casa do entrevistado.



MAHFUD, AMADEUS

Nasceu em 11 de outubro de 1926 em Jaraguá do Sul. Estudou na Escola Jaraguá entre 1934 e 1936. Em 1937 ingressou no grupo escolar Abdon Batista onde permaneceu até 1939. No início da década de 1940 seu pai ficou doente e ele parou de estudar. Em 1946 começou a trabalhar no Fórum como fiscal auxiliar e posteriormente passou a escrivão. Em 23 de julho de 1949 casou-se com Alay da Silva Mahfud, de cujo matrimônio nasceu a filha Maria Elizabeth Mahfud Watzko, casada com Wilson José Watzko, cujos netos são William e Cristiano Mahfud Watzko. Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello em 20/11/2008



MAJCHER, OLGA PIAZEIRA.

Nasceu em Jaraguá do Sul em 25 de julho de 1934. Estudou no Colégio Divina Providência. Formou-se em Pedagogia e em Ciências Sociais. Realizou Pós-Graduação em Administração de Empresas. Trabalhou no Cartório do Registro Civil, como professora da Rede Pública e Particular. Foi gerente durante 10 anos de Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos no Comércio e Indústria Breithaupt S.A. Casou-se em 1953 com Stanislaw Majcher e teve 04 filhos. Atualmente é aposentada e dedica-se a estudar a história de Jaraguá do Sul. Conta com três livros publicados na aérea.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 15/10/2009 na casa da entrevistada.



RUDGE, ÁLIDA VICTORIA GRUBBA

Álida Victoria Grubba Rudge nasceu em 1903 no Distrito de Jaraguá. Casou-se em 1926 com Manuel Rudge. Tiveram um filho, Ademar Rudge e um neto Ademar Rudge Filho. Trabalhou durante anos no Comercio de Bernado Grubba, e também como gerente na filial em Porto União. Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 13/11/2008 na casa da entrevistada.



SCHIMITZ, MARIA PICCININI

Nasceu no dia 16 de julho de 1935. Filha de Lavínia Pereira Piccinini e de Arcângelo Piccinini. Estudou no Colégio Divina Providência. Quando era nova trabalhou na Fábrica de Calçados Gosch. Casou-se com José Schimitz em 27 de setembro de 1952 com quem teve três filhos. Após o casamento deixou o emprego para cuidar da casa e dos filhos.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 13/10/2009 na casa do entrevistado.



SCHIMITZ, JOSÉ

Nasceu no dia 09 de março de 1935. Filho de Clemente Schimitz e Julia Shbeitzer Schimitz. Estudou no Colégio São Luiz até formar-se no Segundo Complementar. Serviu por dois anos no exército e dali saiu como sargento. Casou-se em 27 de setembro de 1952 com Maria Piccinini Schimitz. No ano de 1960 fundou a Confecções Sueli, empresa que fabricava roupas infantis e que funcionou até 1997.

Entrevista realizada por Ana Paula Moretti Pavanello Machado em 13/10/2009 na casa do entrevistado



SPRINGMANN, YARA FISCHER

Nasceu em Jaraguá do Sul em 7 de março de 1935. Estudou no Colégio Divina Providência, no ano de 1948 foi estudar no internato Sagrada Família em Blumenau e posteriormente em Curitiba, no Conservatório. Em 1955 casou-se com Fernando Arthur Springmann e em 1956 participou da criação da Orquestra da Sociedade de Cultura Artística. No ano de 1958 acompanhou o marido Fernando em uma especialização na Alemanha na área de música, lá continuou os estudos de piano. Regressando à Jaraguá do Sul passou a lecionar piano na SCAR. Entrevista realizada em 20/10/2009 na casa da entrevistada.

SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	08
Lista dos Entrevistados.....	10
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 O CIRCO CHEGOU A JARAGUÁ DO SUL.	21
1.1 JARAGUÁ DO SUL E SUA HISTÓRIA.....	21
1.1.1 Do “Estabelecimento Jaraguá” a “Colônia de Jaraguá”	22
1.1.2 Dos primeiros habitantes à imigração.....	25
1.2 O CIRCO E SUA HISTÓRIA.....	29
1.2.1 A constituição do Circo Moderno.....	29
1.2.2 O Circo chega ao Brasil	31
1.3 E O CIRCO CHEGOU!JARAGUÁ E O CIRCO NO INÍCIO DOS ANO DE 1920.....	33
1.4 NEM MESMO A CHUVA IMPEDE O CIRCO! JARAGUÁ DO SUL E O CIRCO NO FINAL DOS ANOS DE 1920.....	42
1.5 CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO, MODERNIDADE E O CIRCO.....	58
CAPÍTULO 2 O CIRCO-TEATRO NOS ANOS DE 1930 E A POPULAÇÃO JARAGUAENSE.....	67
2.1 O CIRCO-TEATRO E SUA HISTÓRIA.....	67
2.2 INÍCIO DOS ANOS 1930: AGITAÇÕES POLÍTICAS, HIGIENIZAÇÃO, CRESCIMENTO E O CIRCO-TEATRO	73
2.3 DO DISTRITO AO MUNICÍPIO, DO CIRCO AO CIRCO –TEATRO.....	87
2.4 INFLUÊNCIAS DO CIRCO-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS ANOS DE 1930.....	102

CAPÍTULO 3 CHEGOU A NOVIDADE! O PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NA DÉCADA DE 1940.....	110
3.1 ANOS DE 1940 E O PARQUE-TEATRO.....	110
3.2 GUERRA, DESENVOLVIMENTO E PARQUE-TEATRO.....	110
3.3 JARAGUÁ DO SUL: O CIRCO, O CIRCO-TEATRO E O PARQUE-TEATRO NO FINAL DOS ANOS DE 1940.....	128
3.4 INFLUÊNCIAS DO PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS ANOS DE 1940.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Mestrado nasceu do desejo de escrever uma história, a qual se encontra dispersa em arquivos públicos e privados e que pode ser contada através de documentos, fotografias e das memórias daqueles que a vivenciaram e a fizeram. História esta que, se não for escrita, poderá se perder como tantas outras que já devem ter se perdido no Brasil. História que não seja mera descrição de acontecimentos e fatos, mas que reflita sobre eles e construa um novo olhar sobre os mesmos. Principalmente uma História que conte um pouco sobre a cidade de Jaraguá do Sul.

Assim, essa História tem um espaço bem determinado: a cidade de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. Nasci e vivo em Jaraguá do Sul e percebo o quão deficitária é a sua historiografia. Prova disso é o fato de que não existem mais de dez títulos historiográficos sobre o município. Ao verificarmos o fazer teatral constatamos que não há nenhum livro publicado com essa temática, apenas uma pesquisa de conclusão de curso realizada por mim ao final do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UDESC, a qual tinha como objeto de estudo o teatro realizado pelos jaraguenses nos anos 1920. Por isso, torna-se evidente a relevância da escolha do objeto e da sua temática.

Entretanto, o desejo não se restringia apenas em escrever qualquer história, queria escrever sobre as companhias estritamente teatrais que vieram se apresentar em Jaraguá do Sul no início do século XX. Porém, ao mergulhar no universo das fontes, verifiquei que não há este objeto histórico, ou seja, que as companhias estritamente teatrais não visitaram a cidade nesse período. A partir dessa constatação, mudei o foco da pesquisa e voltei-me às apresentações teatrais em outras modalidades, como as apresentadas pelas companhias circenses e pelos parques de diversões, que continham em seus programas apresentações de pequenas peças, números ou esquetes teatrais.

Com apenas 26 anos, o Circo, o Circo-Teatro e o Parque-Teatro eram totalmente novos em minha vida. Isto é explicado pelo fato de que no período da década de 1980 e 1990 havia diminuído a circulação dos circos e parques em Jaraguá do Sul. Recordo-me apenas na infância de ter assistido aos circos com números tradicionais e muito poucos deles continham esquetes teatrais. Em relação ao parque-teatro, nunca presenciei a montagem de um deste em Jaraguá do Sul no final do século XX.

Assim, estava exposto um grande desafio, um universo artístico totalmente novo para mim, com um desenvolvimento e especificidade próprios. Resolvi aceitar o desafio me imposto por Clio, musa da História, e mergulhei na aventura e apaixonei-me por um mundo fascinante e surpreendente.

Após ter decidido o objeto de foco, houve a necessidade de situá-lo temporalmente. Assim, o recorte histórico adotado (1920 a 1950) teve como primeiro critério a vontade de trabalhar com esse período histórico, por já ter realizado pesquisas nesse mesmo recorte e, segundo, por causa da presença abundante, nesse período, de diversos grupos de circos, circos-teatro e parques-teatro em Jaraguá do Sul.

Para que essa pesquisa seja relevante não basta apenas um recorte espacial e temporal definido, há que se esclarecer o que, de fato, irá se pesquisar e, nesse caso, a grande pergunta é: quais as influências da presença do circo, circo-teatro e parque-teatro nos habitantes jaraguenses dentro do contexto de desenvolvimento e crescimento da cidade dos anos de 1920 a 1950?

Clarificadas algumas das peças principais do quebra-cabeça, bastou iniciar a sua montagem. Para isso era necessária a “cola” que mantivesse as peças unidas, ou seja, a orientação teórico-metodológica a ser utilizada, neste caso, a História Cultural. A respeito da História Cultural, Roger Chartier afirma que “tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. (1990,p.17). E é essa construção da realidade que procurarei investigar no meu trabalho. Vários autores que colaboraram para a compreensão da História Cultural, entre eles, o próprio Roger Chartier, Peter Burke, Jacques Le Goff, Michel de Certeau e Sandra J.Pesavento.

Para a compreensão do objeto de pesquisa foi necessário recorrer aos estudos referentes à temática proposta, ou seja, o circo, o circo-teatro e o parque-teatro. Percebemos que este é lacunar, como afirma Ermínia Silva, ao referir-se aos estudos efetuados sobre a temática, do final do século XIX e início do século XX, que há um “certo silêncio sobre essa presença circense na maior parte da bibliografia que estuda e pesquisa a história das distintas expressões culturais da época”.(2007, p.21). E arrisco a afirmar que estes silêncios estendem-se além deste período descrito pela autora. Sendo assim, os estudos referentes a esta prática são poucos, sendo reduzido o número de pesquisadores que se interessam na investigação desta modalidade artística. Entre estes pesquisadores, destaco as contribuições relevantes de

Roberto Ruiz, Regina Horta Duarte, Ermínia Silva, Paulo Merísio, Lourival de Andrade, entre outros.

Roberto Ruiz em sua pesquisa identifica a gênese do circo no Brasil, desde suas origens europeias e o seu desenvolvimento nos séculos XVIII até o século XX no Brasil. Nessa pesquisa destaca os principais nomes, famílias e acontecimentos circenses, principalmente no século XX brasileiro até a situação atual (1987) do circo brasileiro. Apesar de ser uma pesquisa mais comprometida em informar o todo, no sentido de que não realiza nenhum aprofundamento específico sobre uma temática em particular, o que leva a ser alvo de algumas críticas, ela é relevante justamente por informar pontos importantes da gênese circense e sua chegada ao Brasil. Dessa forma, a principal contribuição de Roberto Ruiz para essa pesquisa são os acontecimentos históricos informados.

A pesquisadora Regina Horta Duarte analisa o panorama relativo a Minas Gerais durante o século XIX, focando aspectos do nomadismo e da memória, o primeiro de forma positiva e singular, e a memória como formadora de identidade circense. O recorte temporal e espacial realizado pela autora é distante do abordado nessa pesquisa, entretanto os debates por ela suscitados a respeito da visão e da importância para os habitantes de Minas Gerais da passagem dos circos foi o que tornou essa referência fundamental para essa dissertação. Em muitos momentos aqui realizo correlações dos sentimentos dos mineiros perante o circo, analisados pela pesquisadora, em contraponto com a reação manifestada pelos jaraguenses. Guardando a devida distância histórica dos objetos, percebo que os sentimentos identificados pela autora são semelhantes àqueles por mim rastreados, e não encontro dificuldade em utilizar algumas de suas reflexões.

Ermínia Silva traz uma importante contribuição ao traçar um panorama da pesquisa que traz o circo como objeto, discorrendo sobre as confluências e distâncias entre elas e ao trazer a família como representativa para a constituição circense. Seu trabalho torna-se importante para esta pesquisa justamente por explicitar o panorama das investigações no país e fazer compreender as diferenças temáticas e teóricas entre autores. Já em sua tese, elegeu a figura de Benjamim de Oliveira como um dos grandes herdeiros do circo-teatro; procurando, através desta personagem, trazer à tona todos os outros circenses que fizeram parte da construção desta história. Utiliza como recorte temporal todo o século XIX até o ano de 1910. Para mim constituiu-se em referência fundamental, pois a autora derruba em muitos momentos algumas “verdades” sobre a gênese circense e sobre a sua dinâmica, além de

esclarecer de forma aprofundada os aspectos do Circo-Teatro no Brasil, valiosos para o entendimento do objeto histórico desta dissertação.

Paulo Merísio faz um estudo do espaço cênico circense contemporâneo. E explicita, em sua tese, a interpretação melodramática dos grupos de circo-teatro nas décadas de 1970 e 1980. A contribuição de Paulo Merísio com o seu estudo foi importante por esclarecer alguns pontos históricos da prática circense no Brasil ao longo dos anos.

A dissertação de Lourival Andrade Junior, intitulada “Mascates de sonhos: As experiências dos artistas de circo-teatro em Santa Catarina - Circo Teatro Nh’Ana”, é a única que trabalha com a temática do circo-teatro em Santa Catarina. Suas reflexões abarcam as experiências do referido circo, que circulou pelo interior catarinense nos anos de 1960 e 1970. Sua pesquisa é relevante, não apenas por ser a única que focaliza o estado, mas também por refletir sobre como trabalhavam e quais as dificuldades encontradas pelos Circos-Teatros no período.

Para a compreensão de seu objeto, o levantamento historiográfico não pode ficar restrito à bibliografia específica disponível, devendo recorrer às outras fontes existentes sobre a História de Jaraguá do Sul. Afinal, com o recorte espacial adotado e o seu contexto de transformações durante três décadas, torna-se indispensável refletir sobre aspectos da cidade. Nesta, como afirma Pesavento, “as dimensões do espaço e do tempo apresentam-se como um desafio” (2004, p.27). Desafiador na medida em que se procura compreender uma cidade do passado, cidade diferente da que se observa no presente, cidade esta, utilizando a metáfora de Pesavento, um palimpsesto, no qual há vestígios deixados pelo tempo a serem desvendados. Para apoiar tais reflexões, importantes autores como Jacques Lê Goff, Michel de Certeau e Sandra J. Pesavento são adotados.

Um dos caminhos para o conhecimento da cidade, afirma Pesavento, é a erudição, ou seja, “é preciso que se tenha um conhecimento histórico acumulado sobre a cidade”. (2007, p.6). Assim, foi necessário compulsar autores como: Frei Aurélio Stulzer (primeiro historiador de Jaraguá do Sul) que em seu livro, “O primeiro livro do Jaraguá”, trata da constituição da cidade e de seus primeiros habitantes. Já, Emílio da Silva, autor de “Jaraguá do Sul: um capítulo na povoação de Jaraguá do Sul”, enfoca os acontecimentos a partir dos grandes nomes políticos e sociais da cidade. Esses dois estudiosos abordaram amplamente o passado de Jaraguá do Sul, porém o fizeram pelo viés político, passando ao largo de aspectos enfocados por autores contemporâneos da história da cidade, em trabalhos de conclusão de

curso e dissertações, como: Olga Maycher, Anselmo Schöner e Regina S.Kitta.

Verificadas essas informações historiográficas, a investigação histórica tem o seu ponto inicial calcado na análise dos diferentes tipos de fontes históricas. Fontes estas de diversas origens, como: jornais de Jaraguá do Sul e de Joinville, fotos de diversos períodos de Jaraguá do Sul e do circo e parque-teatro, documentos oficiais, como relatórios econômicos, sociais, leis, entre outros. Tais fontes se encontram em arquivos particulares e públicos, como a Biblioteca Estadual em Florianópolis e o Arquivo Municipal de Jaraguá do Sul Eugenio V. Schomoeckel. Entretanto, a precariedade e escassez das fontes foram um obstáculo a ser transposto durante toda a pesquisa. E, por fim, também recorri a relatos orais de pessoas que vivenciaram os acontecimentos históricos estudados.

Faz-se necessário evidenciar a importância da entrevista oral aqui empregada, fonte indispensável para essa pesquisa, uma vez que os documentos escritos nem sempre esclareceram muitos dos aspectos enfocados, o que só se tornou possível através do recurso à memória. Sobre tal aspecto, Pesavento afirma que “a história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele.”(2007). Ela complementa: “ traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não existe mais.” (2007). Todas as entrevistas, totalizando oito, foram gravadas digitalmente e realizadas respeitando as regras, os procedimentos e principalmente a ética da História Oral. Apresento, nas páginas iniciais, a descrição de todos os entrevistados com informações biográficas que justificam as escolhas de nomes para esse trabalho. Infelizmente, a historiografia jaraguaense não conta com nenhum trabalho de resgate de memória. Sendo assim, não foi possível utilizar outros relatos além daqueles aqui registrados.

Esclarecidos os procedimentos, atendo-me a descrever a organização adotada. No primeiro capítulo, “O Circo chegou a Jaraguá do Sul”, trabalho com a história de Jaraguá do Sul, desde os seus primeiros habitantes, o desenvolvimento econômico, político e a 1ª Guerra Mundial. Faço uma breve descrição histórica da gênese circense e sua chegada ao Brasil. Tais informações são pertinentes na medida em que auxiliam o esclarecimento de como era Jaraguá do Sul na década de 20, quais as companhias circenses que se instalaram na cidade e, por fim, qual o imaginário dos habitantes em relação a essas companhias.

No segundo capítulo, “O Circo-Teatro nos anos de 1930 e a população jaraguense”, estudo a presença dos circos-teatros em Jaraguá do Sul ao longo da década de 1930. Para isso, identifiquei os principais acontecimentos econômicos, sociais e políticos que possam ter influenciado a cidade, bem como o imaginário da população em relação a estes.

No terceiro capítulo, “Chegou a novidade! O Parque-Teatro em Jaraguá do Sul na década de 1940”, apresento os Parques-Teatro que visitaram Jaraguá do Sul em 1940. As transformações urbanas, econômicas e políticas que dominaram a década e que foi fator constituinte para a presença dessa atividade no município serão debatidas, bem como a estrutura, organização e funcionamento dos Parques-Teatro.

Por fim, essa pesquisa pretende contribuir para diminuir as lacunas referentes aos entendimentos dos circos, circos-teatro e parques-teatros no Brasil e abrir novas discussões sobre o tema, ampliando as questões e dúvidas que poderão ser abordadas por outras investigações.

CAPÍTULO 1 O CIRCO CHEGOU A JARAGUÁ DO SUL

Como abordado na introdução, procuro identificar as influências da presença do circo, circo-teatro e parque-teatro junto aos habitantes jaraguaenses dentro do contexto de desenvolvimento e crescimento da cidade dos anos de 1920 a 1950. Porém, para compreender este objeto de pesquisa é importante trazer alguns dados sobre as origens do município e do circo, num breve parêntese, para apoiar as posteriores reflexões.

1.1 JARAGUÁ DO SUL E SUA HISTÓRIA

O vocábulo Jaraguá é de origem tupi-guarani significando, dentre outros, senhor do campo, dono do campo, dominador do campo ou do vale. Acredita-se que o nome tenha sido dado pelos índios ao atual Morro da Boa Vista, haja visto este elevar-se, imponente, sobre o vale, como o senhor da região. Situada na zona fisiográfica no litoral, no nordeste do Estado de Santa Catarina e distante 205 quilômetros da capital, Jaraguá do Sul possui os seguintes limites geográficos com outros municípios:

Norte - Campo Alegre, São Bento do Sul

Sul - Rio dos Cedros, Pomerode, Blumenau, Massaranduba

Leste - Guaramirim, Schroeder, Joinville

Oeste - Corupá

Para melhor visualização da cidade, segue a reprodução de um mapa do município:



Figura nº 01

Fonte: <http://portal.jaraguadosul.com.br>, visitado em 10/01/2009.

1.1.1. DO “ESTABELECIMENTO JARAGUÁ” À “COLÔNIA JARAGUÁ”

Jaraguá do Sul, segundo consta dos dados oficiais, foi criado no ano de 1876 quando Emílio Carlos Jordan¹ arrendou 430 hectares de terras do patrimônio dotal da Princesa Isabel e do Conde d’Eu² e, nessas terras, instalou o seu “*Estabelecimento Jaraguá*”, um complexo composto por engenho de açúcar, de farinha de mandioca, de fubá, contendo uma olaria e uma serraria, onde trabalhavam cerca de 60 homens que vieram com ele, oriundos em grande parte do norte do país.

¹ Emílio Carlos Jordan nasceu em 1838, em Namur, Bélgica. Casou-se no Brasil com Helena Caffier, com quem teve onze filhos. Era engenheiro, professor, escritor e militar. Chegou ao posto de Coronel, participou da Campanha do Paraguai sob o comando do Conde d’Eu, com quem tinha uma relação de amizade que acabou beneficiando seus negócios (SILVA, Emílio da. **Jaraguá do Sul: um capítulo na povoação do Vale do Itapocu**. Jaraguá do Sul, 1975, pp. 29-32).

² A princesa Isabel, primogênita de Dom Pedro II, casou-se, em 1864, com o Conde d’Eu. De acordo com o costume, recebeu de dote uma área de terras, segundo a lei de 17 de setembro de 1870, o qual constava de 98 léguas a serem demarcadas na província de Sergipe e de Santa Catarina. Em 25 de janeiro de 1876 Emílio Carlos Jordan arrendou estas terras e instalou nelas um Engenho de Açúcar.

Emílio C. Jordan não foi o primeiro morador daquelas terras, pois antes de sua chegada elas foram povoadas por índios do tronco linguístico Jê, mais especificamente da etnia Xokleng. Esse grupo recebia diversas denominações, e a utilizada na época era “*botocudo*”, devido a um enfeite labial usado pelos adultos homens. Não há muitas referências de como se dava a presença indígena na região, e também de sua relação com os imigrantes. O historiador Frei Aurélio Stulzer afirma que não era muito conturbada, e para ele isso foi perceptível pela falta de registro das mesmas.

Desde o início do “*Estabelecimento Jaraguá*”, houve a preocupação com o desenvolvimento econômico das terras e, para isso, era necessário tornar navegável o rio que margeava a região, o Itapocu, retificando curvas que impediam sua plena navegabilidade, único meio de transporte de cargas e mantimentos para Jaraguá. Outra preocupação era a colonização das terras, uma vez que este ponto fazia parte dos contratos assinados com o governo imperial. Frei Aurélio Stulzer transcreve um desses anúncios publicados no Jornal “*Colonie – Zeitung*”, do município de Joinville e que tinha um alcance entre os moradores dessa localidade. A reportagem é datada de 1876 e, para atrair imigrantes para a colonização, trazia a seguinte notícia:

O encarregado de Suas Altezas o Senhor Príncipe e Senhora Princesa Conde d’Eu, faz saber que arrenda ou vende terras a colonos nacionais e estrangeiros do “Domínio Itapocu” dos mesmos Augustos Senhores. Os arrendamentos são por 15 anos com faculdade de compra no prazo de 10 anos. A compra pode ser a dinheiro ou a praza em 5 pagamentos anuais. Os contractos na cidade em seu escriptório³.

Joinville 2 de novembro de 1876.
Emílio Carlos Jordan (Silva, 1973, p.64).

Em 1885, o nome passa de “Estabelecimento Jaraguá” para “Colônia Jaraguá”. Mas, as adversidades existentes, como a precariedade das estradas, ou seja, picadas, a dificuldade de trazer colonos, fizeram com que, em 1888, o coronel Jordan, por escritura pública, assinasse um termo de desistência do arrendamento. No ano de 1896, ele volta a requer mais uma vez a cessão de terras, sendo que em 1898 as vende aos banqueiros franceses Pecher e Cia. A partir dessa venda, Domingos Rodrigues da Nova Jr. tornou-se o administrador da Colônia e, em

³ O escriptório de Emílio Carlos Jordan localizava-se no município de Joinville.

1903, compra as terras e torna-se seu proprietário. Em 1907, as terras da Colônia Jaraguá são novamente vendidas. Dessa vez, para uma sociedade formada por Francisco Tavares Sobrinho, Cezar Pereira de Souza e Ângelo Piazero (Silva, 1973, p.65).

No período inicial dessa constituição, a “Colônia Jaraguá”, no momento da demarcação das terras, pertencia à cidade de São Francisco do Sul. No ano de 1876, o controle passa para Paraty (atual Araquari) até 1883, quando é anexada à cidade Joinville. Joinville mantém esse domínio que se estende até 1896, quando o controle retorna a Paraty e, em 1898, é novamente anexada a Joinville, tornando-se distrito desta. Somente em 1934 é que Jaraguá do Sul emancipa-se e torna-se um município (Silva, 1973, p.114).



Figura nº 02

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul. Ano: em torno de 1912.

Nesta fotografia observa-se que não havia ponte de ligação entre as duas margens do rio, uma vez que esta havia sido levada pela enchente e só foi construída uma ponte metálica um ano após esse registro fotográfico. Nesse período, a travessia era realizada por meio de balsas de propriedade do Sr. George Czerniewcz.

Na fotografia acima, visualizamos o distrito de Jaraguá em seus primórdios. Essa foto é datada da primeira década do século XX e percebemos o núcleo central e urbano do distrito.

Não havia naquele momento ponte para atravessar o rio e o transporte era feito através

de canoas. A ponte foi construída em 1909 e levada por uma enchente em 1910; a ponte metálica foi construída no ano de 1913. A seguir visualizamos uma fotografia de uma das ruas centrais do distrito no início do século XX.



Figura nº03

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul.

Não foi possível especificar o ano da fotografia acima, mas a que tudo indica trata-se do início do século XX. A fotografia retrata uma das ruas centrais do município.

1.1.2 - DOS PRIMEIROS HABITANTES À IMIGRAÇÃO

Com relação aos primeiros moradores de Jaraguá do Sul, afirma-se que foram os 60 trabalhadores vindo com o fundador Emílio Carlos Jordan em 1876, sendo 54 negros e 6 brancos provenientes da região norte do país (Stulzer, 1973, p.35). Após a falência do engenho, alguns trabalhadores negros foram para as cidades vizinhas como Joinville e São Francisco, outros resolveram permanecer e instalaram-se no “Morro da Boa Vista”, que ficou

conhecido como “Morro da África”.⁴ Desde o “Estabelecimento Jaraguá”, depois da “Colônia Jaraguá” ou mesmo já quando era distrito de Joinville, havia uma preocupação muito forte com a colonização e ocupação desse espaço geográfico. Anselmo Schöner aponta três frentes migratórias para Jaraguá do Sul: a primeira partindo de Joinville, e sob coordenação da Companhia de Colonização de Hamburgo⁵; outra sob os cuidados da Agência de Terras e Colonização de Blumenau⁶; e, por fim, uma corrente sob administração da sociedade criada por Jordan (Schöner,2000, p.31).

A imigração para Jaraguá do Sul insere-se dentro do contexto estadual e nacional ocorrido no final do século XIX no Brasil, quando houve uma forte imigração de pessoas originárias principalmente da Itália, Portugal, Alemanha, Espanha.⁷ Esses estrangeiros dirigiram-se em grande número às regiões Sul e Sudeste do país. Essa imigração, em grande escala, foi realizada como uma das possibilidades para promover o povoamento de grandes extensões de terras e também suprir a necessidade de mão de obra, escassa desde a crise do sistema escravagista. Os lotes de terra eram vendidos através de preços módicos e tornavam-se uma saída para a população, urbana e rural, de baixa renda da Europa.

Os imigrantes chegam ao Brasil a partir das grandes Companhias Colonizadoras que tinham contrato com o poder imperial. O contrato previa a instalação de certo número de imigrantes por extensão de terra, e também era dever da Companhia fornecer equipamentos e materiais de primeira necessidade. Previa ainda a construção de estradas, hospitais, igrejas e escolas. A propaganda realizada para a conquista do imigrante quase sempre o frustrava na chegada e no encontro com as condições reais de sobrevivência (Schöner,2001,p.23).

⁴ O morro da Boa Vista é localizado no bairro Boa Vista que fica próximo ao Centro da cidade de Jaraguá do Sul.

⁵ Companhia Colonizadora de Hamburgo foi criada em 1849, a partir do contrato firmado em Hamburgo pelo procurador do Príncipe de Joinville e da Princesa Dona Francisca, Leonce Aube, com o senador Schoroeder. Neste contrato, eram cedidas 8 léguas quadradas demarcadas em uma mapa para o estabelecimento de futura colônia. Sendo que por este contrato Schoroeder deveria introduzir cerca de 1.500 imigrantes de ambos os sexos no período de 15 meses.

⁶ A Agência de Terras e Colonização era um órgão público do governo do Estado de Santa Catarina e uma de suas sedes era em Blumenau e eram responsáveis pelas vendas de lotes de terras.

⁷ Sobre a imigração europeia neste período, Zuleika Alvim afirma que “mais de 50 milhões de europeus - população global da Itália hoje - deixaram o continente entre 1830-1930. Grande parte teve como destino a América do Norte [...] mas 11 milhões, ou seja, 22% do total foram para América Latina, dos quais 38% eram italianos, 28% espanhóis, 11% portugueses, 3% franceses e alemães. Desses 11 milhões que foram à América Latina, 33% foram para o Brasil”. (p.220-221) ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org). **História Privada do Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A colonização em Jaraguá, à exceção dos húngaros, não ocorreu de forma direta, através de uma companhia que visasse especificamente à Colônia. Dessa forma, os habitantes eram oriundos dos municípios vizinhos, como Joinville e Blumenau, através das três frentes migratórias já expostas. Os húngaros chegaram por volta de 1890, eram 200 famílias provindas do distrito de Veszprém e 30 famílias provindas de Szekesfekérvár, na Hungria. Essas famílias instalaram-se nos bairros: Garibaldi e Jaraguá 84.⁸

Os poloneses também tiveram participação importante na constituição da cidade. Vindos a partir de 1890, instalaram-se em pequenas comunidades, as quais eram bem organizadas e procuravam manter suas tradições e costumes, tanto que, em algumas capelas que se situavam nas terras por eles ocupadas as missas eram realizadas em polonês.⁹

Os imigrantes de origem italiana vieram em maior número, chegaram em 1893, vindos de Rodeio e do Rio dos Cedros, região do Médio Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Eram oriundos principalmente da região do Tirol e de Trento, na Itália. No ano de 1899, construíram a primeira escola em Jaraguá, voltada para os imigrantes de língua italiana. Nessa escola, ensinava-se em italiano e português (Stulzer, 1973, p. 101).

Os primeiros imigrantes alemães vieram do município de Joinville, em 1889, através da compra de lotes vendidos por Emílio Carlos Jordan. Nesse lote, de cerca de 25 hectares, o imigrante construía uma casa com madeira da propriedade e tinha uma pequena produção agrícola. Em um censo datado de 1912, dos oito mil habitantes de Jaraguá, quatro mil e quinhentos falavam a língua alemã, ou seja, 57% do total (Stulzer, 1973, p.102).

Antes de adentrarmos nos anos de 1920, necessitamos refletir um pouco sobre 1º Guerra Mundial (1914-1919), pois esta teve desdobramentos concretos no município de Joinville e nos seus distritos. As escolas alemãs foram convocadas a prestar auxílio à Alemanha, por meio de doações em dinheiro à Cruz Vermelha Alemã. As coletas, conjuntamente com os nomes dos seus doadores, foram entregues ao Consulado Imperial Alemão. A maioria das escolas contribuiu para a causa, como, por exemplo, a Escola Alemã em Rio da Luz da Vitória (atual bairro Rio da Luz) que, em recibo datado de 1917, doou 13 mil réis em favor dos soldados cegos (Welk, 1999, p.43).

⁸ Página da internet: <http://www.jaraguadosul.com.br/etnias/index.htm>, visitado em 1º de setembro de 2006.

⁹ Página da internet: <http://www.jaraguadosul.com.br/etnias/index.htm>, visitado em 1º de setembro de 2006.

O conflito mundial trouxe outras consequências para o distrito, como a falta de professores nas escolas, pois alguns tiveram de regressar à pátria para o alistamento na guerra, enquanto outros foram demitidos pelo governo brasileiro. Em 1917, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, novas atribuições sucederam, prejudicando, mais uma vez, o sistema educacional. As escolas alemãs existentes no sul do Brasil deveriam obrigatoriamente ser extintas, já que dever-se-ia zelar pela preservação da unidade nacional em contraposição ao germanismo declarado nas zonas de colonização alemã (Welk, 1999). Apesar da ordem de fechamento das escolas alemãs, muitas delas, no sul do país, como também no distrito de Jaraguá, continuaram suas atividades, em razão de seu isolamento e das más condições de acesso àquelas localidades.

O impacto da 1ª Guerra Mundial foi além dos aspectos educacionais. O fim do conflito mundial resultou em uma mudança econômica significativa, o deslocamento do centro financeiro da Europa para os Estados Unidos. Entretanto, no distrito de Jaraguá, os países do velho continente continuavam a despertar o interesse, bem como a estabelecer as referências quanto aos traços culturais.

Os países que representavam a pátria-mãe de muitos dos habitantes, como Alemanha e a Itália, eram os países tomados como referência. Dessa forma, durante os anos 1920, foram inúmeras as reportagens publicadas nos jornais que destacavam a ascensão de nomes importantes na política desses países, como Adolf Hitler e Benedito Mussolini, além de notícias diversas sobre os referidos países. Por exemplo, em reportagem de 24 de março 1924, o jornal *O Correio do Povo*¹⁰ noticiava o boicote em Berlim de chapéus parisienses e também,

¹⁰ O jornal *O O Correio do Povo* é uma fonte fundamental na pesquisa, pois é único que circulava em todo o período pesquisado. Abro espaço neste momento para tecer alguns comentários sobre a imprensa escrita em Jaraguá do Sul. O primeiro jornal de Jaraguá intitulava-se *Der Jaraguá Bote* e circulou por volta de 1900 a 1901. Era manuscrito em papel almaço e em língua alemã; não foi localizada nenhuma edição deste jornal. *O O Correio do Povo* teve a sua 1ª edição em 10/05/1919, era dirigido por Venâncio Porto e circulava todas as 4ª feiras. Era bilíngue, ou seja, metade dele em alemão e metade em português, excetuando boa parte dos anos 40 por motivos políticos. O jornal continuou bilíngue até a década de 1980. Durante os anos de 1932 a 1934, ele permaneceu fechado por questões políticas e financeiras, e é o único que continua sendo editado até os dias de hoje. Em 03/09/1919 foi publicado o *Jaraguá Zeitung* (Jornal de Jaraguá), tendo como diretor Arthur Muller. Era um jornal exclusivamente alemão que procurava noticiar os reflexos da crescente nacionalização e trazer notícias da Alemanha. Desse jornal não foram localizadas edições. Em 30/09/1933 circula pela primeira vez *Gazeta de Jaraguá*, do diretor Miranda Pinto, era um jornal que se intitulava independente, sem estar ligado às questões políticas, semanal. Sua circulação durou menos de um ano. Em 19/02/1934 circulou o jornal *Jaraguá*, bilíngue, porém não coincidiam as reportagens escritas em alemão com as escritas em português. Era um jornal Integralista, semanal, e da parte em português, que tinha como redator Ricardo Gruenwaldt, restam apenas algumas edições.. Por fim, neste período pesquisado em julho de 1937 foi criado o jornal *Imperador*, bilíngue,

em 31 de março 1924, a proibição das danças públicas na capital alemã, entre outros. As notícias referentes aos dois países não foram as únicas a preencher as linhas do jornal, as que se referiam ao comunismo também faziam parte do semanário jaraguense, sendo que o comunismo era forte e amplamente criticado nas linhas do jornal, explicitando principalmente uma possível revolução mundial que poderia ser precipitada pelos bolcheviques.

Compreendido um pouco sobre a constituição de Jaraguá do Sul, passemos ao entendimento de outra ponta da nossa pesquisa, o circo. Entender sua gênese, funcionamento e estrutura são fundamentais para identificar as influências que este teve sobre o Brasil.

1.2 O CIRCO E SUA HISTÓRIA

1.2.1 A CONSTITUIÇÃO DO CIRCO MODERNO

O Circo, tal como é conhecido atualmente, é uma criação em certa forma recente na história da humanidade. Apesar disso, nomear um único criador é correr o risco de negar a herança herdada da fusão das manifestações culturais que deram origem ao circo moderno. Entretanto, a bibliografia especializada elege como referência para a constituição desta atividade Philippe Astley (1742-1814).

Os espetáculos de demonstrações equestres eram muito prestigiados na Europa no século XVIII, ocorriam ao ar livre em praças ou em locais fechados. Astley inaugurou em 1770 o *Astley's Royal Amphitheatre of Arts* que, segundo Andrade, conferiu “mais elegância e distinção aos números de estrebaria, trazendo para o centro das atenções sua própria companhia de quartel e alcançando um sucesso estrondoso para a época” (2006, p.40). Ainda de acordo com Andrade, uma das inovações de Astley “foi transferir a apresentação para dentro de uma arena de 13 metros de circunferência, a qual reproduzia a atmosfera do picadeiro militar de treinamento, rodeada de bancadas de madeira, instalando-se, no início, em um terreno baldio” (2006, p.40).

Entretanto, não foi o fato de fazer apresentações em um local fechado a grande contribuição de Astley para que seja considerado um dos percussores do Circo Moderno.

semanal, e fazia apologia ao regime monarquista, circulou até a instalação do Estado Novo, em 1937. Não restam edições desse jornal (Schmoeckel, 1999).

Segundo a pesquisadora Erminia Silva, sua grande inovação foi o espetáculo apresentado. Ela afirma que

No início, oferecia aos londrinos acrobacias equestres sobre dois ou três cavalos, e os maneava com sabre. Quando começou a se apresentar no espaço cercado por tribunas de madeiras, não realizava apenas jogos ou corridas a cavalo, como a maioria dos grupos no período. A uma equipe de cavaleiros e acrobatas, ao som de um tambor que marcava o ritmo dos cavalos, associou dançarinos de corda (funâmbulos), salteadores, acrobatas, malabaristas, Hércules e adestradores de animais (2007, p.35).

Essa associação com outros números fez com que Astley criasse uma nova forma de espetáculo. Dessa forma, o circo moderno foi integralmente “concebido a partir do cavalo, o que motivou a expressão ‘circo de cavalinhos’” (Bolognesi, 2003, p. 36). E no qual o “modo de produção do espetáculo pressupunha enredo, uma história com encenação, música e grande quantidade de cavalos e artistas” (Silva, 2007, p.37).

Não podemos deixar de nomear uma importante contribuição nesta estruturação moderna do circo: a participação do inglês Charles Hughes (1747-1794), que havia sido um dos cavaleiros de Astley. Em 1780, ele cria a sua própria companhia, o Royal Circus, sendo essa a primeira vez que aparece o nome de circo para designar esse tipo de apresentação e com um espaço constituído por pista e plateia com camarotes e arquibancadas. No ano de 1794 o Anfiteatro utilizado por Astley foi destruído pelo fogo, mas ele o reconstruiu de acordo com o empreendimento de Hughes, com pista e palco (Silva, 2007, p.36).



Figura nº04

Fonte: http://www.ibiblio.org/fiddlers/circus_files, visitado em 19/01/2009.

Na imagem acima, visualizamos o edifício coberto de P. Astley e, nesta, verificamos o número equestre apresentado no circo. Podemos identificar na imagem a arena circular onde realizavam os números equestres e, ao redor, camarotes onde ficavam os espectadores.

Antonio Franconi (1737?-1836), que trabalhou no anfiteatro construído por Astley na França, no ano de 1793, assumiu a direção desse empreendimento, porque Astley teve de se retirar da França devido aos embates deste país com a Inglaterra. Ao cessarem as divergências entre os dois países, Astley voltou no ano de 1802 e retomou as atividades à frente do seu circo. Franconi seguiu para o interior da França, reduto de manifestações populares tradicionais e região na qual continuou a trabalhar erguendo o seu próprio circo, e acrescentou um palco para a representação de pantomimas (Bolognesi, 2003, p.32).

Como afirma Roberto Ruiz, “no mundo dos espetáculos, uma iniciativa de sucesso não demora a ter imitadores, adaptadores, seguidores” (Ruiz, 1988, p.18). Dessa forma, a invenção de Astley foi copiada e adaptada por muitos artistas em todo o mundo. No século XIX, identificam-se as primeiras companhias na América, que trazem o modelo proposto por Astley e, em solo brasileiro, essa forma de divertimento irá encontrar terreno fértil para seu desenvolvimento.

1.2.2 O CIRCO CHEGA AO BRASIL

Antes da chegada do primeiro circo no Brasil, podem-se identificar, desde o final do século XVIII, apresentações de origem circenses, ou seja, não era um espetáculo com todas as suas atrações, mas números circenses que se apresentavam nas praças ou nos pequenos teatros existentes. Essas pessoas vinham ao Brasil tentar uma vida melhor e acabavam ficando e repassando os seus conhecimentos e, dessa forma, as raízes circenses foram se infiltrando no Brasil.

Os circos começaram a chegar ao Brasil no século XIX e a primeira apresentação circense em solo brasileiro ocorreu em 1834, organizada por Giuseppe Chiarini, de tradicional família circense europeia. Conduzido por ele e sua esposa, esse circo fez enorme sucesso com suas arlequinadas, não apenas no Brasil, mas em todo o continente sul-americano; toda a família tomava parte no espetáculo (Silva, 2007).



Figura nº 05

Fonte: <http://www.madcap.com.br>, visitado em 21/01/2009.

Cartaz - Propaganda do Circo Chiarini, considerado por muitos pesquisadores como o primeiro circo que realizou apresentações em solo brasileiro.

A partir deste, grandes companhias circenses começaram a chegar ao Brasil. Estas perfaziam os roteiros econômicos, acompanhando os grandes ciclos como o do café, da borracha e as festividades religiosas; o que garantia um público prévio para as apresentações. Alguns artistas retornaram a seus países de origem, mas outros permaneceram fundando companhias próprias. Algumas dessas trupes acabaram contratando artistas locais, sendo que as apresentações, nesse período, contava com números de destreza corporal, habilidade sobre o cavalo, a presença de cômicos e números de dança (Andrade, 2006, p.61).

Em 1842, no Brasil, temos a primeira notícia de uma companhia que se denomina equestre, de propriedade do norte-americano Alexandre Lowand. Ela começou a incorporar brasileiros, escravos e não escravos, na sua trupe. Em fins do século XIX, essa junção tornou-se mais usual e frequente nas companhias estrangeiras (Silva, 2007, p.64).

No século XIX, a presença circense era muito comemorada pela população das cidades percorridas; todavia, chegar até as cidades era tarefa árdua devido à ausência ou más condições das estradas. Assim, os circos eram os únicos que chegavam às localidades distantes e tornavam-se os portadores das tendências artísticas, musicais e teatrais.

Nesse período, o meio de transporte utilizado pelas trupes era, em sua grande maioria, constituído por carroças puxadas por animais de carga, como bois, burros e cavalos. Tudo o que fosse necessário para a montagem do espetáculo e para a sobrevivência dos artistas era transportado por meio dos animais, assim os objetos pessoais deveriam ser funcionais e essenciais para não representarem um peso extra (Silva, 2007, p.87).

No quesito organizacional, verificamos a aprendizagem dos números circenses e o trabalho na montagem da estrutura. O ensino do saber circense no circo iniciava-se na infância e perpassava vários estágios, sendo de responsabilidades de todos. As técnicas eram transmitidas oralmente e uma rigorosa rotina de ensaio acompanhava as crianças, desde o nascer do sol até a hora do espetáculo. Havia crianças que não estavam aptas fisicamente para os números de riscos, então desenvolviam os números menos perigosos, e aquelas que não possuíam um bom desempenho nesses números, podiam trabalhar fora de cena, especializando-se na montagem e desmontagem do circo (Silva, 1996, p.72). A riqueza e a profundidade da atividade circense vão além destas poucas linhas, porém, para os objetivos propostos por esta pesquisa, este é o momento de voltar o olhar a Jaraguá do Sul e o início dos anos de 1920, quando temos a primeira presença circense na cidade.

1.3. E O CIRCO CHEGOU! JARAGUÁ E O CIRCO NO INÍCIO DOS ANOS DE 1920

Até o momento, as trajetórias de Jaraguá do Sul e do Circo andaram separadas. Entretanto, foi na década de 1920 que esses caminhos se cruzaram e, a partir de então, vamos compreender um pouco como ocorreu tal encontro e as consequências deixadas.

Jaraguá do Sul, no início de 1920, computava poucos edifícios em sua área central, que naquele momento era habitado pela população mais rica do distrito. A fotografia seguinte nos permite uma visualização desses edifícios.



Figura nº 06

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul. Ano: em torno de 1920. Na fotografia reproduzida acima, visualizamos a ponte Abdon Batista (atualmente restam apenas as pilastras desta ponte) elevada sobre Rio Itapocu, que dava acesso na Rua Abdon Batista para quem viesse de Joinville; foi construída no ano de 1913. Identificamos a passagem sobre a ponte de dois automóveis, possivelmente um Ford Bigode. Ao fundo, as edificações do distrito, que se comparadas à fotografia nº 1 já são um número maior, demonstrando o aumento do mesmo.

No recenseamento de 1920, o distrito de Jaraguá, de forma estimativa, contava com 17.794 pessoas, das quais 1.125 eram estrangeiras, sendo que mais de 80% vivia na zona rural, corroborando o caráter agrário da cidade e de sua produção econômica. Politicamente, a intendência de Jaraguá foi administrada entre 1920 a 1924 por Leopoldo Jansen que passou o cargo para Arthur Müller, que a governou até 1929.

No aparelho administrativo, Jaraguá, como já citado, era distrito de Joinville, o segundo,

criado em 1895, sendo que a cidade contava com mais três distritos. O terceiro era o de Hansa, criado em 1907, o quarto era o Bananal, de 1919, havendo ainda um quinto, o de Corveta, criado em 1922 (Relatório de Joinville, 1922). Nessa mesma ordem, podem ser classificados quanto às populações e desenvolvimento econômico.

Sobre a presença circense no distrito, a Álida G. Rudge¹¹ narra: “minha mãe foi até Curitiba para assistir (ao circo) e Joinville, porque gostava” (2008). Em relação ao distrito de Jaraguá do Sul, ela comenta que o teatro não vinha, mas “o circo era o único que vinha” (2008). E sobre a reação dos moradores em relação ao circo, ela afirma que “nós sempre ficávamos contentes pra ver o circo” (2008).

Este “contente pra ver o circo”, segundo outras fontes, era recorrente no interior brasileiro e fez-se presente também em Jaraguá do Sul, porque, nessas cidades, como afirma Ermínia Silva

Independente da condição modesta da companhia, os circos tornavam-se, para a maioria daquelas cidades, as únicas atrações, mexendo com as fantasias e expectativas das pessoas de todas as condições sociais, idades, cores e credos (Silva, 2007, p.85).

Regina Horta Duarte comenta que essa expectativa era estabelecida com a chegada do circo na cidade. Isso não acontecia somente em relação ao Circo nas cidades mineiras no século XIX, mas também em Jaraguá no século XX, pois “a armação do circo despertava a curiosidade dos habitantes (...) os arredores da praça escolhida enchiam-se de crianças maravilhadas e adultos” (1995, p.34). A “magia” gerada com o circo ocorria pela empatia com os artistas, uma vez que “visto pelos meninos da época como super-heróis ou seres mágicos de pele colorida, os artistas parecem situar-se entre o humano e o divino” (Duarte, 1995, p.36). Dessa forma, “não apenas o espaço físico da cidade era invadido, mas as relações entre os habitantes eram contagiadas pela irreverência e por tudo de diferente que aqueles saltimbancos representavam” (Duarte, 1995, p.36).

Os circos eram aguardados pela população, pois traziam as novidades da área artística brasileira, pois outras formas artístico-culturais não se apresentavam no distrito. Assim, o

¹¹ A entrevista com a senhora Álida G. Rudge foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em novembro de 2008. Todas as referências que aparecerem a senhora Álida nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

circo tornou-se um transmissor cultural das tendências musicais e mais tarde teatrais que ocorriam nos grandes centros.

Dessa forma, a primeira presença de um circo em Jaraguá do Sul data de abril de 1921, o “Circo Familiar”. Não podemos afirmar com certeza que apenas em 1921 chegou o primeiro circo na cidade, porém, de acordo com as intensas pesquisas históricas nos arquivos públicos de Jaraguá do Sul, Joinville e Florianópolis, essa foi a primeira presença registrada na história do município. Assim, se antes dessa data tivemos a presença circense, o que é plausível historicamente, infelizmente não foram localizados dados que possam comprová-lo. Assim, para as considerações a seguir, tomamos a data de 1921 como esta primeira presença em Jaraguá do Sul, com o Circo Familiar.

O jornal da época, *O Correio do Povo*, trouxe apenas uma acanhada nota: “Tem sido bem concorridos os espetáculos do Circo Familiar. Tem merecido aplausos generosos os trabalhos realizados” (1921, n.104, p.03). Esse foi o único comentário encontrado sobre este circo no referido jornal.

Na sede do município, Joinville, ao recorrermos às informações concernentes às apresentações circenses, nota-se que a posição cultural é diferenciada da que sucedia no seu primeiro distrito. Estabelecer essa relação entre sede e distrito é fundamental para a compreensão da presença circense em solo jaraguaense, como será aventado ao longo da pesquisa.

O Circo Familiar também realizou funções em Joinville, sobre as quais se averiguaram cinco reportagens ou notas da presença do circo na cidade, que comentavam a presença do público e as atrações levadas ao picadeiro. Antes de estas ocorrerem, no dia 17 de abril de 1921, o semanário *Jornal de Joinville*¹² havia noticiado que as apresentações na cidade foram adiadas alguns dias devido à “força maior”. Ao relacionarmos as datas da apresentação em Jaraguá do Sul e a notícia de “força maior”, percebe-se que esse “transtorno” era exatamente a apresentação para o público jaraguaense.

As apresentações em Jaraguá do Sul eram pouco divulgadas pelo jornal do distrito nos anos de 1920. Quando ocorria, eram apenas poucas linhas com esparsas informações. Diversamente sucedeu nos jornais de Joinville, onde foi apurada uma intensa propaganda,

¹² Na sede do distrito, Joinville, na década de 1920, houve maior circulação da informação através de três periódicos: o “Kolonie-Zeitung”, fundado em 1862; “*Jornal de Joinville*”, de 1919 e “A Notícia”, de 1923.

com amplo número de informações e a presença de fotografias ilustrativas. A seguir, é possível ratificar tal informação:



Figura nº 07

Fonte: *Jornal de Joinville*, 1921, n.32, p.03.

Na propaganda veiculada acima identificamos pontos importantes, como a direção do circo que estava a cargo de Olympio Silva e Thomás Sôba, como também o nome do empresário, o J. Alfredo Muñoz. A propaganda dá destaque aos números de cavalos e cachorros amestrados. A propaganda ainda informava preço dos ingressos: Camarotes eram 18\$000, os bancos reservados eram 3\$000 , a geral 1\$500 e para crianças 1\$000.

Para elucidar a ocorrência e recorrência dessa situação, pode-se creditar tal fato ao custo de veiculação da propaganda. A notícia acima, como outras, possivelmente era paga, pois como afirma Ermínia Silva, os “jornais, quando existia e quando o empresário podia pagar, já era um meio de propaganda desde o início do século XIX” (Silva, 2007, p.188). Assim, talvez os circos que permaneciam poucos dias em Jaraguá do Sul não acreditaram ser viável investir em propaganda na imprensa e, assim, talvez, elegeram confiar no “boca a boca” e na agitação característica da chegada do circo em uma cidade pequena.

Analisando a tipografia da propaganda veiculada, percebemos, ao primeiro olhar, que o destaque é dado ao nome do circo, dos diretores e ao proprietário; valoração esta comum naquele período, sendo que era o proprietário do circo quem ficava em evidência e não os artistas que compunham a trupe. Essa situação irá inverter-se nas décadas subsequentes e será debatida ao longo desta dissertação.

Observação importante está no nome do circo, Circo Familiar, e na linha abaixo continua com o nome de “Companhia equestre, gymnastica, contorcionista, buffa e com agregação zoológica”, tentando englobar no próprio nome boa parte das atividades apresentadas como espetáculo; situação comum e recorrente no período para os demais circos que circulavam pelo Brasil. Outra informação verificada nessa propaganda está no fato de que, quase na totalidade dos anúncios, há a presença das atrações levadas ao picadeiro pelas companhias, possivelmente na intenção de aguçar a curiosidade do espectador. Apesar de ter-se analisado uma reportagem pelas características encontradas nesta década, percebe-se que os circos utilizaram este mesmo padrão de anúncio.

No ano de 1922 não foram encontrados registros que possam indicar a presença circense no distrito. Apenas em 1923 tivemos a visita de outra companhia em Jaraguá do Sul, o Circo Dois Irmãos. Através da reportagem do Jornal *O Correio do Povo*, pode-se sugerir esta companhia como a primeira presença noticiada da apresentação de uma pantomima em Jaraguá do Sul. Observe:

Circo Dois Irmãos. Com grande sucesso tem extreado aqui o “Circo dois irmão” que traz um bom grupo de artistas. Os serviços agradaram de forma que sempre houve boas casas. Especialmente agradaram os números de gymnastica, os animais amestrados e o palhaço Tatita, que é impagável em seu papel. Hoje e amanhã terão lugar os últimos espetáculos, devendo hoje ser levada a pantomima “ Os bandidos da gruta Negra”. Daqui este circo irá a Joinville (*O Correio do Povo*, 1923, n.198, p.04.)

A respeito da pantomima apresentada, não foi possível precisar seu enredo. É possível identificar, contudo, que ele continha os elementos contemporâneos ao seu tempo, e que utilizava números cômicos e pantomimas concomitantemente com os números de ginásticas e de animais adestrados. Contudo, percebe-se, certa prevalência de números artísticos tradicionais, sendo esses os de destreza corporal e adestramento de animais.

No início dos anos de 1920, as reportagens destacam que o público prestigiava as apresentações, pois “sempre houve boas casas”, ficando evidente a preferência do público pelo palhaço, pelos números de ginástica e os animais amestrados.

O Circo Dois Irmãos partia de Jaraguá do Sul em direção a Joinville, porém não foram localizadas referências das apresentações desse circo na cidade; talvez alteraram o roteiro para outra região.

No decorrer do ano de 1923 encontramos uma reportagem, no mínimo curiosa, no Jornal *O Correio do Povo*, intitulada de “Bom Achado”. Ela narra um possível furto efetuado por uma integrante de uma companhia circense. Eis a reportagem na íntegra:

Bom achado...Elene Argentinita, que faz parte da companhia dos Polichinellos, passava em Joinville, pela Rua 15, quando viu juntar uma carteira.

E’ minha, disse a artista passando a mão na carteira e seguindo o caminho.

Dahi a pouco o negociante voltava a dita rua, procurando a carteira que havia perdido e na qual se achavam 340\$000. Daqui e dali, obteve de um pequeno a informação de que a “artista de teatro” levava a carteira que elle achara.

Foi ao hotel e Elene, negou haver tomado a carteira do pequeno.

Não satisfeita, a victima levou o caso a polícia.

Compareceu a ladra e jurou por todos os Santos como estava innocente, nada tendo. Nada porem, como uma palmatória , ainda mesmo que seja só para mostrar aos cynicos.

Argetinita viu a palmatória e confessou tim tim por tim tim...

(*O Correio do Povo*, 1923, n.203, p.04.).

Pelo texto, evidencia-se certo preconceito com a artista, especialmente ao ser empregada a palmatória para a obtenção da confissão, tornando algumas perguntas latentes: Será que ela não confessou apenas por causa do castigo? Ela de fato teria furtado a carteira? São perguntas que não podem ser respondidas, mas fica manifesto o olhar com que o artista (sendo de circo ou de teatro) era perpassado, sendo este em certos momentos confundido com ladrão e as mulheres com prostitutas, confirmando as imagens construídas em torno do artista teatral ou circense, muitas vezes negativo. Sobre essa mesma reportagem, ao recorrer ao semanário joinvillense, nada é noticiado a respeito do episódio. O porquê deste silêncio? Esta é mais uma pergunta sem resposta devido às insuficientes fontes históricas.

Em 1924, chegava ao distrito o Circo Novo Horizonte, o qual em reportagem no jornal expunha as atrações mais importantes que trazia a Jaraguá do Sul:

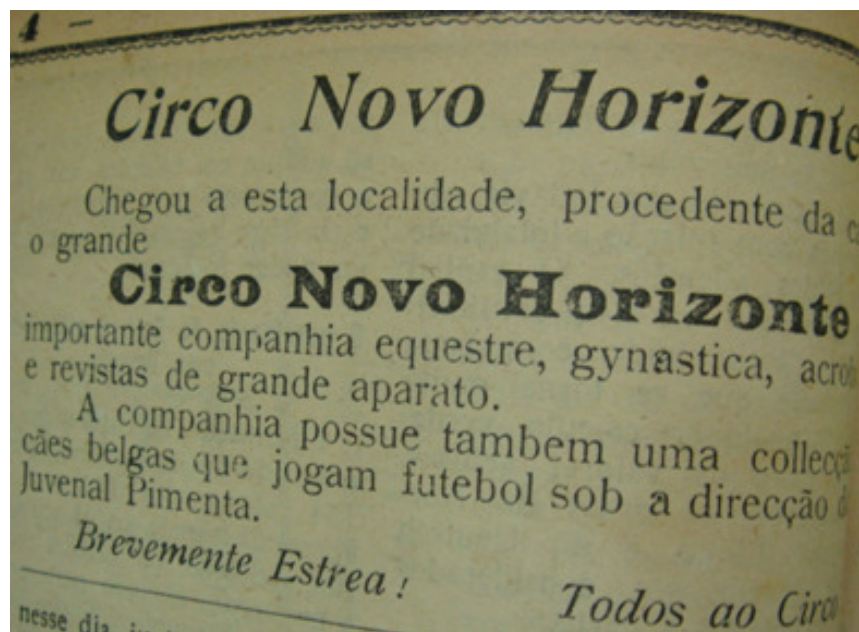


Figura nº 08

Fonte: *O Correio do Povo*, 1924, n.212 p.04.

Tanto o Circo Novo Horizonte quanto os demais que já tinham estado no distrito e os que vieram depois pagavam taxas para a sede do município, Joinville, cujo valor variou ao longo dos anos de 1920. Nas atividades “circo de cavaleiros, gymnastica e outros” era cobrado o valor de 15\$ por apresentação (Relatório de Joinville, 1922). Esse valor, à época, equivalia a quinze ingressos de criança; sendo mais barato que um assento de camarote de primeira. Entretanto, a atividade circense não era a única taxada no distrito. Quase a totalidade das atividades artístico-culturais e esportivas pagavam taxas para serem realizadas. A seguir visualizamos essa tabela, com o valor de todas as taxas cobradas:

TABELLA C

Taxa sobre jogos e divertimentos

a) Baile, dentro da cidade	20\$
Idem fora da cidade	15\$
b) Bailes de sociedade com estatutos registrados dentro da cidade	10\$
Idem fora da cidade	6\$
As sociedades com estatutos registrados querendo gosar desta taxa, devem apresental-os á Superintendencia.	
c) Concerto vocal e instrumental, ou domin-gueiras publicas	10\$
d) Representação lyrica, por espectaculo	20\$
e) Circo de cavallinhos, gymnastica e outros, por espectaculo	15\$
f) Cosmorama, diorama, cinematographo, prestidigitador e outros semelhantes, por trimestre: 1. classe	30\$
2. " "	40\$
g) Outros divertimentos não especificados, por espectaculo	10\$
h) Expositor de animaes pelas ruas ou casas, por mez	10\$
i) Tocador de realejo, harpa e outros instru-mentos, por mez	10\$
k) Banda de musica ambulante, por mez	20\$
l) Bilhar, cada um	25\$
m) Jogo de bolas, pêla e semelhantes, licitos	15\$
n) Carreira de cavallos, cada corrida, havendo apostas em dinheiro, sendo responsavel pelo pagamento o proprietario da raia	20\$
o) Ring de patinação, por anno	10\$

Figura nº 09

Fonte: Relatório do Município de Joinville, 1922.

Na tabela acima identificamos todas as atividades taxadas pela sede do município, Joinville. Percebemos que há uma grande variedade artístico-cultural e esportiva, desde bailes, passando por exposição de animais, corridas e cavalos e *rings* de patinação.

As mais diversificadas atividades de jogos e divertimentos estavam listadas na tabela, porém nem todas existiram em Jaraguá do Sul, uma vez que a tabela era única para o município e os seus quatro distritos. Ao confrontarmos os valores arrecadados com as taxas, percebe-se que, depois da sede, o distrito que mais arrecadou com os jogos e divertimentos foi Jaraguá, com cerca de \$ 469.100. Boa parte desse dinheiro veio dos bailes, das apresentações musicais e dos dois cinemas. Essas três atividades, durante os primeiros anos da década de 1920, foram as mais praticadas em Jaraguá.

Nestes primeiros anos da década de 1920 foram esparsas as apresentações circenses, sendo apenas três em quatro anos. Talvez um dos motivos tenha sido a dificuldade de acesso a Jaraguá naqueles tempos. A estrada de ferro fora inaugurada, com grande sucesso, apenas em

1910, por duas locomotivas. Emílio da Silva afirma que “o povo aí por perto delirava de contentamento. Sentia o progresso marchando depressa rumo a Jaraguá” (Silva, 1975, p.301). Além do problema das estradas mal cuidadas, havia o problema dos rios, uma vez que a primeira ponte, construída em 1909, foi levada por uma enchente um ano depois, sendo construída uma ponte metálica em 1913 (Crescendo com a nossa História 2001, p.35). No início dos anos de 1920, o acesso a Jaraguá era realizado através de uma estrada de barro que fazia ligação entre o 1º distrito e a sede do município.

Em 1925 o Circo Aurora apresentou-se no distrito, mas no ano seguinte nenhum circo visitou a cidade. Assim como este, os demais circos procuravam armar suas estruturas nas ruas centrais, o que facilitava o acesso da população. O Circo Aurora armou as suas lonas na Rua Presidente Epitácio Pessoa, uma das principais do centro de Jaraguá.

É apenas nos anos finais da década de 1920 que temos a presença mais constante de circos na cidade, mas este fato não pode ser justificado através da melhoria das condições de acesso, pois uma enchente forte no final da década prejudicou o acesso à cidade. Talvez a explicação esteja no aumento de companhias que circulavam no estado no final da década de 1920.

1.4 NEM MESMO A CHUVA IMPEDE O CIRCO! JARAGUÁ E O CIRCO NO FINAL DOS ANOS DE 1920

Ao se encaminhar para o final dos anos de 1920, a condição econômica de Jaraguá, nesse período, foi apresentada em um relatório de 1928, pelo prefeito de Joinville:

Nos districtos ruraes de Bananal, Jaraguá e Hansa a lavoura continua em franca prosperidade, sendo avultada a respectiva produção. [...] A população desses districtos tem uma orientação de trabalho já muito adiantada. Avultam na sua produção agrícola o milho, o arroz e o assucar.(...)
Outra fonte de riqueza para os nossos lavradores seria a pecuária, com a respectiva industrialização. A indústria de preparados de carne, de queijo e manteiga está construindo efficientemente para a prosperidade dos nossos três grandes districtos ruraes, onde se contam 9 fabricas de produção de lacticínios (Relatório de Joinville, 1928, p.16).

O prefeito assinalou a preponderância da atividade agrícola para a economia do distrito, porém percebemos a existência de uma indústria nascente, relacionada com a produção

agropecuária. Em Jaraguá, o custo de vida era alto para os habitantes, como se depreende de uma tabela comparativa, publicada em 1928 pelo jornal *O Correio do Povo*:

Alimento	Florianópolis	Jaraguá
Açúcar	900rs	1\$000
Milho Saca	13\$000	15\$000
Manteiga kg	4\$000	6\$000
Ovoc dz	1\$000	1\$000

Tabela nº01

Fonte:1928, n. 548. p.04

Os registros de veículos constituem outro elemento relevante para o panorama econômico do distrito. No Relatório de 1927 foi registrada a existência de 35 automóveis de passageiros, 27 caminhões de carga, 14 carros de mola de 4 rodas, 942 carretas de 4 rodas e 75 bicicletas (Relatório de Joinville, 1927). Dos automóveis de passageiros, vinte e três eram Ford Bigode, que serviam como táxi, fazendo principalmente o trajeto entre Jaraguá e Florianópolis, via Blumenau e Brusque. Não havia no distrito nenhum “auto-ônibus”. Pelo número de carretas de 4 rodas, percebe-se a importância rural do distrito, uma vez que elas serviam para o transporte da produção agrícola, majoritariamente para a sede do município, Joinville.

O núcleo comercial do distrito encontrava-se na parte central, principalmente ao redor da Estação Ferroviária, local de embarque e desembarque de toda a produção com destino a Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Nos anos finais da década de 1920, a população do distrito de Jaraguá passou por várias dificuldades, atreladas aos prejuízos causados por uma enchente que atingiu o Vale do Itapocu. Foi necessário concentrar esforços e recursos para a recuperação, especialmente das estradas do distrito, para que o mau estado das vias de acesso não prejudicasse o transporte e o comércio, que já estava debilitado devido às chuvas.

Quando as chuvas vieram com maior intensidade, acabaram danificando as estradas no distrito de Jaraguá, pois eram precárias, de terra batida, e produziram uma grande lama que dificultava o tráfego. Na fotografia da página seguinte, da década de 1920, podemos verificar

o estado da Rua Marechal Deodoro da Fonseca, uma das vias centrais no município de Jaraguá do Sul e na fotografia seguinte a Rua Emilio Carlos da Silva com um carro atolado.



Figura nº10

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul. Ano: década de 1920.
Na fotografia acima identificamos a Rua Abdon Batista, atual Av. Marechal Deodoro da Fonseca
(atualmente a avenida mais importante da cidade.)



Figura nº 11

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul.

Não foi possível precisar a data da fotografia, porém podemos identificar a década, trata-se de 1920. Na rua era Emilio Carlos da Silva identificamos um carro atolado após a chuva, acontecimento constate no distrito ao longo de toda a década. Ao fundo da fotografia verificamos a Casa de Secos e Molhados “Reinoldo Rau”.

A eletricidade atendia a região central do distrito, sendo fornecida pela Empresa Joinvillense de Eletricidade. Em julho de 1930, iniciou-se a construção da Usina Hidrelétrica de Bracinho, atualmente no município de Schoroeder, com duas turbinas, constituindo-se a maior usina do Estado de Santa Catarina, na época.

A vida social do distrito no final dos anos de 1920 era de certa forma agitada. Havia seis salões de bailes: Salão *Buhr*, Salão *Lorenzen*, Salão *Eskersen*, Salão *G. Blanck*, Salão *Kamke* e Bosque da Saúde. Estes eram multifuncionais, serviam tanto para bailes, como apresentações teatrais, musicais e salas de cinema. No distrito, havia um local próprio para as sessões cinematográficas, denominado Cine Central. Com suas sessões dominicais de filmes mudos, acompanhados por violão e piano com músicos do distrito, tornou-se um importante ponto de encontro e divertimento para os habitantes.

Nesse período, houve a fundação da Sociedade Familiar de Diversões, que era uma sociedade teatral, e a criação da primeira orquestra, denominada Sociedade Musical Jaraguaense. Além dos salões de bailes, dos cinemas e das sociedades culturais nascentes,

havia as diversas sociedades voltadas para a prática esportiva, entre elas as de futebol, mas principalmente, para a prática do tiro esportivo. São elas: Sociedade de Atiradores de Jaraguá, o *Sport Club* Germânia, o *Club* Teutônia e a Sociedade Aimoré.

Antes de adentrarmos nas companhias circenses do final dos anos de 1920, faz-se importante uma breve referência sobre a veiculação cinematográfica no distrito. Seguindo uma tendência nacional, o cinema “parecia encantar todos os grupos da sociedade” (Gomes, 2004, p. 53). Entretanto, não podemos afirmar que em Jaraguá este se tornou um concorrente para as companhias circenses. Os filmes apresentados eram de grandes companhias norte-americanas, como a Universal e a Paramount. Sobre essa presença estadunidense, Mello afirma

A importância do cinema neste período coincidiu com a ascensão a indústria cinematográfica norte-americana em todo o mundo. Após um período em que a produção mundial esteve bastante descentralizada, o pós-guerra é caracterizado por uma inundação de filmes norte-americanos por todo o planeta, incluindo o Brasil (2004, p.59).

Esses filmes traziam em seus elencos renomados atores e atrizes que ditavam moda entre os espectadores. E, em termos de divulgação, os filmes recebiam maior ênfase do que as apresentações circenses, havendo nesta década um espaço semanal no jornal *O Correio do Povo*, intitulado “Serões Cinematográficos”, que continha os resumos dos filmes a serem levados à tela no fim de semana. As sessões cinematográficas, em vários momentos, coincidiram com as funções circenses, mas não foi possível situar a preferência do circo ou do cinema entre o público do distrito.

No ano de 1927 o Circo Parisette chega à cidade realizando três apresentações. No jornal da distrital, apenas um pequeno destaque para essas funções. Porém, no jornal da sede do município o circo realizou uma intensiva propaganda dos seus espetáculos, com veiculações como:



Figura nº 12

Fonte: *Jornal de Joinville*, 1927, n.110, p.04

Sete veiculações, como esta acima, foram registradas no semanário joinvillense, com algumas alterações, como a pantomima a ser apresentada no dia ou as fotografias que serviam de ilustração. Possivelmente, a artista estampada na propaganda deveria ser uma das mais importantes no circo, pois

a figura estampada no jornal, além de possibilitar um maior alcance na divulgação, reforça a análise de alguns pesquisadores de que a relação das pessoas do período com a fotografia, qualquer que fosse sua classe social, passava pela demonstração de ascensão social (Silva, 2007, p.188).

Nos anos de 1920, os circos que estampam a fotografia de seus artistas eram certamente os de melhor condição financeira, pois aumentavam os custos quando veiculadas na imprensa. Durante toda a década de 1920, nenhuma propaganda desse tipo foi realizada em Jaraguá do Sul. O circo descrito acima permaneceu todo o mês de maio em Joinville desempenhando funções às quintas-feiras, sextas-feiras, sábados e domingos e, posteriormente, instalou sua lona, em Jaraguá do Sul. A ausência de propaganda ostensiva na imprensa da cidade pode ser interpretada como “pouco caso” com o distrito, o que, como verificamos, não foi uma peculiaridade do Circo Parisette. A explicação mais plausível para essa situação é a de que os circos em Jaraguá do Sul desempenhavam apenas duas a três apresentações, assim, a localidade tornava-se apenas ponto de passagem para as companhias.

No ano de 1928 o acesso a Jaraguá foi dificultado pelas chuvas, desestimulando as companhias circenses de se deslocarem para o distrito. Em março de 1928 chegou a ser veiculado no jornal *O Correio do Povo* a presença do Circo Cubano, que havia realizado apresentações em São Francisco e Joinville, mas, mesmo com a expectativa criada, esse circo não chegou a apresentar-se no distrito. Ele passou por São Francisco para depois armar suas estruturas em Joinville, estreando no fim de março, permanecendo na cidade até metade do mês de abril, com três sessões semanais e muita repercussão na cidade. Destaques do circo, segundo o periódico, foram as apresentações no arame e na corda e as comédias encenadas pelo palhaço “Tampinha”. Além desses sucessos, vale destacar a apresentação do número “O homem enterrado vivo”, no dia 13 de abril de 1928, na qual o artista Florentino Alarcon permaneceria duas horas enterrado a dois metros de profundidade (*Jornal de Joinville* 1928, n. 80, p.04). Infelizmente, o jornal não comenta o sucesso ou não desse número.

A principal proeminência nesta década em relação às atrações circenses era a figura do palhaço. Dessa forma, os palhaços não podem ficar à margem da discussão, uma vez que surgiram no circo, em cena, desde os tempos de Astley, a partir da contratação de saltimbancos para se apresentarem entre os números equestres. Como a base dos espetáculos eram os cavalos, o trabalho dos palhaços deveria estar vinculado a eles. Sobre as cenas realizadas no circo, Bolognesi afirma que o “*clown* estreou no picadeiro como um cavaleiro desajeitado, que cai constantemente do animal e que o monta de trás para frente, dentre outras proezas” (2003, p.64). E esse “clown” que estava sobre o cavalo, logo desceu e juntou ao seu repertório bofetadas, pontapés e agilidade acrobática. Tais números, que consistiam em pequenas entradas cômicas, receberam o nome de *reprise* e até hoje fazem parte do repertório *clownesco*. Acerca dessa relação entre o militar e o circense, Andrade afirma que “unidos pela intenção de criar um espetáculo completo, encontraram afinidades que resultaram no engrandecimento da representação” (2006, p.42).

Os cômicos foram aperfeiçoando e distinguindo-se até culminar na divisão do *Clown Branco* e o *Augusto*. Tendo o *Clown Branco* “como característica a boa educação, refletida na fineza dos gestos e a elegância dos trajés e movimentos” (Bolognesi, 2003, p.72). E o *clown Augusto* destaca-se pela “estupidez e se apresenta frequentemente de modo desajeitado, rude e indelicado” (Bolognesi, 2003, p.74). E as situações cômicas ocorriam na relação entre os dois.

Astley ampliou a participação dos palhaços, uma vez que estes passaram a representar pantomimas alusivas a motivos militares e históricos. Eram mimodramas representados pelos palhaços sobre os cavalos. A junção dos militares com os artistas populares culminou em um espetáculo recheado de originalidade e diversão. As apresentações de pantomimas consistiam na união da música com a expressão corporal, sendo o ritmo marcado pela agilidade e velocidade, apresentando os enredos centrados em contos de fadas, temas épicos e históricos.

Nas reportagens do jornal *O O Correio do Povo* há sempre simpatia e admiração pela figura do palhaço, sempre o enaltecendo, talvez porque

o palhaço transfere para a plateia uma sensação de otimismo e esperança, revelando-se um ser que não se deixa abater, mesmo quando todas as circunstâncias lhe parecem contrárias. Por mais difíceis que tenham sido as experiências por ele vividas, ao final, antecipadamente, temos a absoluta convicção de que para aquela risível criatura tudo acabará bem e não lhe deixará uma única seqüela sequer. Nesse momento, a figura do palhaço assemelha-se a uma entidade superior, que provoca o riso justamente pelo inusitado do que lhe ocorre e pelo inesperado de suas reações diante das adversidades. (Andrade, 2006, p.19).

A função de “fazer rir” que o circo tinha foi uma fórmula de sucesso para sessões lotadas porque “os números cômicos, por sua vez, ao explorar os estereótipos e situações extremas, evidenciam os limites psicológicos e sociais do existir” (Bolognesi, 2003, p.14). Portanto, a partir do momento que o palhaço entrava no palco brincando com as mais inusitadas e importunas situações, era como que o olhar do público se deslocado para a realidade objetiva da plateia (Andrade, 2006, p.14).

Notamos, portanto, que o palhaço era percebido positivamente, como o encantador, o responsável pelos momentos agradáveis e descontraídos da função, em que a única tarefa era rir dos enganos e patadas realizadas por ele. Sobre esse artista, a senhora Álida recorda-se das músicas cantadas por eles, “o palhaço perguntava que era ladrão de mulher, e o povo respondia, é como me lembro disto” (2008).

Em junho de 1928, apresentou-se no Salão Hern Eskelsen o *Circus Vorstellung*, porém este apenas foi anunciado na parte alemã do jornal *O Correio do Povo* e, por se tratar de um circo com origem alemã, talvez fosse voltado para os descendentes e imigrantes alemães (1928, n.515, p.02). Não há veiculação da presença desse circo na cidade de Joinville.

No dia 04 de agosto de 1928 estreou, para apenas duas apresentações, o Circo Olympico, de propriedade de Olympio Silva e representado por Ernesto Laguna. Como

propaganda, foi veiculado no jornal que um dos espectadores ilustres, que já havia assistido a sua apresentação, fora o então governador Adolfo Konder. Outro ponto importante na propaganda do circo foi citar no jornal a presença do “botequim” de Franz Becker, morador da cidade e da cerveja da marca THIEDE. Dessa forma, o circo anunciava a presença de bebidas para os seus espectadores. A seguir, há essa propaganda, na qual ainda verificamos o anúncio das principais atrações, as quais envolviam número com animais adestrados.

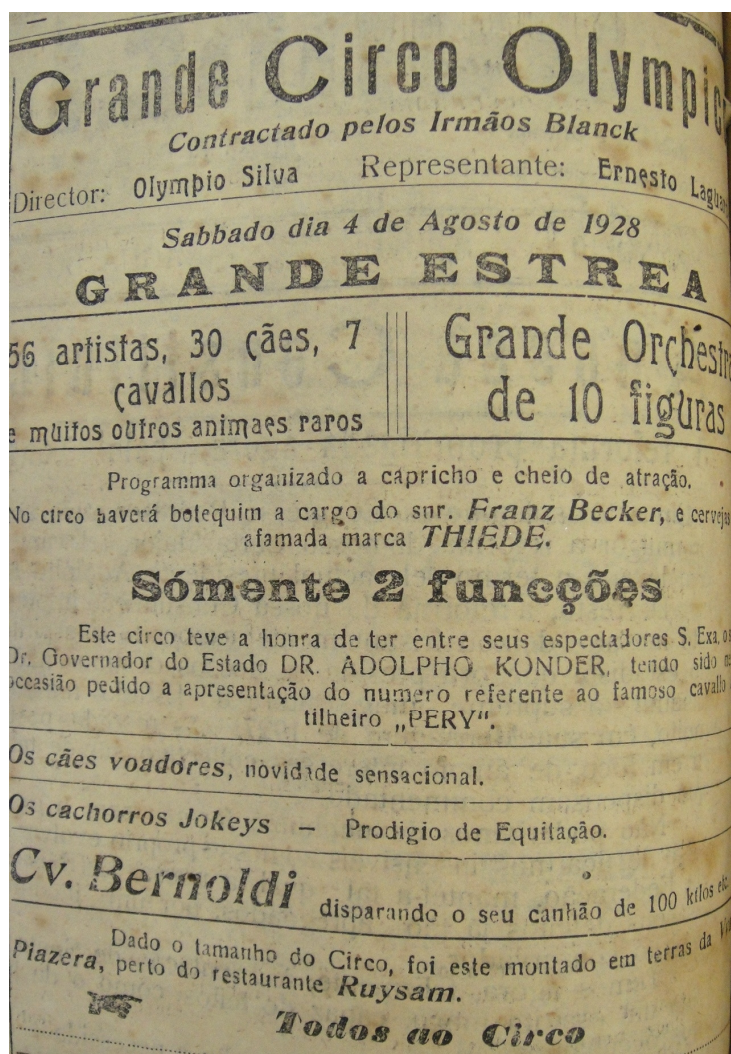


Figura nº13

Fonte: *O Correio do Povo*, 08 de agosto de 1928, n.524, p.05

As informações da propaganda acima: Grande Circo Olympico, contratado pelos Irmãos Blanck, diretor é Olympio Silva e o representante Ernesto Laguna. No sábado dia 04/08/1928 era a data da estréia. Eram 56 artistas, 30 cães e 7 cavalos. Grande Orquestra com 10 figuras. Programa Organizado a capricho e cheio de atrações. No circo haverá botequim a cargo do Snr. Franz Becker, e cerveja da afamada marca THIEDE. Somente 2 funções. Este circo teve a honra de ter entre seus espectadores S. Exc. Seu Dr. Governador do Estado DR. ADOLPHO KONDER, tendo sido a ocasião pedido a apresentação do numero referente ao famoso cavalo-artilheiro “PERY”. Os cães voadores, novidade sensacional. Os cachorros Jokeys- prodígios de Equitação. CV. BERNOLDI disparando o seu canhão

de 100 kilos. Dado o tamanho do Circo, foi este montado em terras do PIAZEIRA, perto do restaurante RUYSAM. Todos ao Circo.

Esse circo também teve repercussão na parte alemã do jornal com uma nota que anunciava o espetáculo e suas principais atrações. Sua presença na sede do município foi marcante, isso fica claro pela divulgação e comentários presentes no jornal. Duas semanas antes da sua chegada, ele já gerava comentários no *Jornal de Joinville*, devido a sua fama, seu elenco e as cidades por onde passara. Pode-se, através das apresentações realizadas em Joinville, conjecturar os possíveis números assistidos pelo público jaraguense. Seguem-se os comentários das apresentações em Joinville:

O espetáculo de hontem foi abrilhantado pelos artistas Cav Bernoldi, o “homem foraleza”, que executou um magnífico trabalho, demonstrando a sua prodigiosa força: Negrita e Rolita, que apareceram em gymnastica de salão: Mr. Saturno, phonambulista extraordinário; os “cães sábios em número interessantíssimos; o cavalo “Pery” que novas proezas de sensação; enfim, foram apresentados muitos trabalhos dignos de serem vistos por todos (1928, n. 95.p.04).

Além dessas, outros grandes sucessos foram as apresentações realizadas pelo Jeca Gambá, imitador de caipira, que cantava modas de viola maliciosas, e os palhaços Arthur e Tira-Tira. Concomitantemente às apresentações tradicionais, o Circo organizou um torneio futebolístico, cujos times foram formados pelas artistas circenses que defendiam as cores dos times da cidade; Caxias, Elite, Recreativo e América. Na primeira partida, realizada no dia 28 de agosto de 1928, enfrentaram-se o Caxias e o Elite, porém os goleiros eram dos respectivos times da cidade, o Sr. João Paschoa (Caxias) e o Sr. Orlando Cribari (Elite); o resultado do jogo foi de 9 a 4 para o Elite. No dia 30 de agosto, foi realizada a partida entre o América e o Recreativo, este último vencendo por 9 a 7. No dia primeiro de setembro, foi realizada a partida final do torneio entre o Elite e o Recreativo, em que o Elite sagrou-se campeão por um placar de 13 a 2, recebendo o troféu oferecido pelo próprio circo, juntamente com um empresário da cidade, Victor Bausch. Após o fim do torneio, o circo deixou a cidade de Joinville.

As partidas do torneio aconteciam após as apresentações, ou seja, quem quisesse acompanhar as mulheres jogando futebol, primeiro teria de assistir às apresentações artísticas. A estratégia de utilizar nomes e cores dos clubes da cidade provavelmente foi engendrada na tentativa de trazer ao circo espectadores que talvez não comparecessem às apresentações.

Outro fator era a empatia causada no espectador pelo fato de o circo valorizar a cidade. Essa iniciativa futebolística não foi adotada nas apresentações em Jaraguá do Sul, isso se deve em parte pelo número pequeno de habitantes que seria atingido, lembrando que a população na parte central do distrito era de um pouco mais de mil habitantes. Outro motivo pode ser que, em apenas duas apresentações, não haveria tempo hábil para tal proposta.

As companhias circenses, através da análise das fontes, eram, na sua maioria, de pequeno e médio portes, como o Grande Circo Olympico que visitou a cidade, cuja trupe era composta de 56 artistas de ambos os sexos, além dos animais que realizam os números circenses.

Em março de 1929, após apresentações no mês de fevereiro em Joinville, o distrito jaraguense recebeu o circo mais importante até então, o Circo Romano que tinha naquele momento 42 anos de existência, sendo que 24 deles na Europa, segundo nota veiculada no jornal (*O Correio do Povo*, 1929, n. 589, p.02). Era dirigido pelo Sr. Cassnel e uma das apresentações foi em benefício do Hospital e das escolas Jaraguá e São Luiz. Foi a primeira vez no distrito que houve uma apresentação circense em benefício de alguma instituição. Essa prática era comum nos circos no Brasil no final do século XIX e início do XX. Ermínia Silva, sobre essa prática, explica que

Os espetáculos em “benefício” ou “festival a favor” constituíam uma prática realizada pelos teatros e circos, cuja a renda destinava-se a artistas escolhidos pelos donos das próprias companhias. (...) O benefício não era apenas para os artistas, mas também para entidades religiosas civis, órfãos, viúvas, igrejas, vítimas de calamidades públicas, etc., já que os circos, em particular, os realizavam como uma forma de estabelecer vínculos com as populações locais (Silva, 2007, p.57).

Através das reportagens no jornal, percebe-se que foi muito elogiado e prestigiado o circo, principalmente por realizarem uma sessão para beneficiar as instituições do distrito. Nas palavras do jornalista, “não deixa de merecer um registro especial, a generosidade dos seus directores, do espetáculo hontem realizado em beneficio do hospiral, o que aqui agradecemos em nome da população jaraguense”(*O Correio do Povo*, 1929, n. 596, p.02). As apresentações em benefício de alguma instituição da cidade também foram realizadas pelo mesmo circo em Joinville, conotando, dessa forma, uma recorrência de tal estratégia para angariar a simpatia da população.

Finalizando as apresentações na década de 1920, tivemos em novembro de 1929 a

presença do Circo Irmãos Stevanovich que realizou duas apresentações e aproveitou para divulgar a apresentação de animais no período da manhã, como segue abaixo na propaganda veiculada no jornal *O Correio do Povo*:

GRANDE CIRCO
Irmãos Stevanovich

Armado em Jaraguá

Grande companhia Equestre, Gimnastica, Aerobatica e Zoologica.

30 ARTISTAS DE AMBOS OS SEXOS.

De passagem por esta localidade, para Blumenau, fará 2 únicos espectáculos.

Colleção zoologica — Tigres, Onças, Ursos, Jaguatiricas, Zebu da india, cavallo poni Russo, e a unica no Brasil
ZEBRA AFRICANA

HOJE — ás 8,30 Formidavel ESTREIA — HOJE

PREÇOS	
Camorites	25000
Cadeiras de 1.ª Fil.	5000
" " 2.ª "	4000
Bancos —	2000
Crizesgas —	1000

Amanhã, das 10 horas em diante, exposição das Feras

A NOITE ULTIMA FUNÇÃO

Figura nº 14

Fonte: 1929, n. 597, p.03

A propaganda acima anunciava que o Grande Circo Irmãos Stevanovich estava armado em Jaraguá e que se tratava de uma “Grande Companhia Equestre, Gimnastica, Aerobatica e Zoologia”. Cerca de 30 artistas, de ambos os sexos, estava de passagem por Jaraguá e estava indo a Blumenau e, por isso, realizaria apenas 2 funções. Anunciavam também que a coleção zoológica contava com tigres, onças, ursos, jaguatiricas, zebu da Índia, cavalos, pôneis russos e a zebra africana. A estreia foi no dia 10 de novembro, às 20h30min .

Na divulgação das apresentações realizadas em Joinville, foi veiculada a notícia de “Optimo repertório de Dramas, Revistas e Comédias” (*Jornal de Joinville*, 1929, p.02). Dessa forma, percebemos a presença teatral na chamada das apresentações. A comédia “Agencia Artística” foi apresentada na noite do dia 29 de outubro de 1929 e na noite do dia 31 foi levado a cena um drama em 3 atos intitulado “ A verdade de um escravo”. Além das apresentações circenses e teatrais, constou na programação uma luta de *boxe* entre o campeão

cearense Carlos Brady (que fazia parte da companhia) e o amador José Antonio Santos, que foi derrotado no quinto *round*. Após esse embate, o campeão foi desafiado pelo joinvillense Hans Blanck em uma luta que não teve *rounds* definidos, apenas terminou quando um dos dois venceu. Outra forma de divulgação do circo foi uma apresentação em benefício do asilo joinvillense. Após essas apresentações, o circo deixou a cidade rumo a São Francisco.

Ao logo da década de 1920, aumentaram os valores cobrados pelos jogos e divertimentos. No ano de 1922, foram cobrados 15\$, por apresentação circense; já em 1928 eram de 18\$ por apresentação (Relatório de Joinville, 1928). Pode-se entender que a cobrança aumentou de acordo com o aumento do preço da entrada do circo.

Para constatar o preço praticado na década de 1920 nas entradas circenses, podemos empregar como parâmetro os praticados pelo Circo Stevanovich, em 1929. Para assistir do camarote custava cerca de 25\$000, dinheiro que na época equivalia quase a duas sacas de milho. Assim, para assistir dos camarotes, deveria ter-se uma boa condição financeira. Havia preços mais acessíveis, ou seja, com o equivalente a quase 1 kg de manteiga podia assistir ao circo das cadeiras na primeira fila. Com o preço de 2 kg de açúcar, assistia-se ao espetáculo da geral e as crianças pagaram o valor correspondente a uma dúzia de ovos para prestigiar os artistas circenses.¹³ Sobre os preços pagos para assistir à função circense, a entrevistada, a senhora Alida Grubba Rudge, que nasceu em 10 de julho de 1903, e presenciou o circo na década de 1920, não se recorda, porém afirma que “poltrona era um preço e arquibancada era outro preço, era mais barato. E meu pai comprava poltrona” (2008).

Acerca das estruturas dos circos que armaram as suas estruturas em Jaraguá do Sul, não foram localizados registros que apontem a estrutura exata. Entretanto, através de estudos dos padrões dos circos da época no Brasil, podemos presumir a estrutura dos circos em Jaraguá. Para tanto, vamos compreender um pouco as transformações que teve a estrutura circense.

No Brasil, em termos de estruturas circenses, podemos verificar algumas formas de circo, as quais foram, ao longo dos anos, sendo aprimoradas e desenvolvidas. A pesquisadora Ermínia Silva explica um pouco sobre as diferentes estruturas circenses. Iniciemos com o *Circo Tapa-beco*, em meados do século XIX

¹³ Estes preços foram comparados ao apresentado na reportagem do jornal *O O Correio do Povo*, Jaraguá do Sul, 28 de maio de 1928.

Circo de Tapa-beco (...) Um terreno baldio, ladeado por duas casas, recebia na frente e no fundo uma cobertura, como uma cortina, de tecido de algodão.(...) No meio deste terreno, um círculo feito com uma corda- corda de bacalhau- presa por pedaços de madeiras, assegurava o espaço para que os circenses artistas e animais trabalhassem. Este picadeiro já media 13m de diâmetro, medida que os circenses consideravam universal ou tradicional. (...) Este tecido era “tingido com oca”: jogavam-se o pano em um buraco feito no chão de terra vermelha e transparente, caso contrário o povo não pagava para assistir o espetáculo.(..) Ao lado deste círculo levantava-se um mastro de eucalipto, jacarandá ou ipê. No topo era colocado um travessão-escandalosas- formando meio T. Na ponta destas escandalosas prendiam-se roldanas, das quais desciam as cordas para os números aéreos, poucos ainda (1996, p.106-107.)

Entretanto, além do Circo Tapa-beco, outra importante adaptação foi o *Circo de Pau-a-Pique* que teria início nas décadas de 70 e 80 do século XIX. Ermínia Silva comenta que

Representa um salto significativo quanto à demonstração da capacidade criativa, aliada a conhecimentos sobre circo de seus antepassados (...) Para montar um circo de pau-a-pique a madeira cortada no mato, doada ou comprada de alguma fazendeiro, era serrada e disposta em círculos, enfiada no chão e presas umas a outras, pregadas com cordas, com pano de algodão em volta. Este circo ainda não era coberto e também não havia iluminação, mantendo os espetáculos diurnos (1996, p.109-110).

Outra opção para os circenses, já nas primeiras décadas do XX, era o *Circo do Pau-fincado*, uma estrutura não eliminou outra, elas coexistiram. As variações consistiam na condição econômica do circo, isto é, ao invés do pano de roda de algodão, estes poderiam utilizar chapas de zinco ou de alumínio e até mesmo cobrir total ou parcialmente o circo (1996, p.112). Diferentemente das outras estruturas, o circo do pau-fincado construiu lances de arquibancadas para que o público pudesse sentar. E “o que muda radicalmente em relação aos outros tipos de circo é que a madeira utilizada para a sua volta será beneficiada e transportada junto com o pessoal do circo, configurando o circo volante” (1996, p.113). Essa seria uma das grandes distinções entre o circo *pau-a-pique* e o *pau-fincado*, toda a estrutura passa a ser permanente.

A introdução da cobertura feita pelo circo do *pau-fincado* não pode passar em branco. Sobre estas, todos, nos circos, eram responsáveis, desde a sua costura até a sua impermeabilização para que pudesse abrigar os espetáculos nos dias de chuva. A solução de impermeabilizar o tecido de algodão foi uma alternativa, uma vez que o preço das lonas era muito alto para as primeiras décadas do século XX (1996, p.118).

Em Jaraguá do Sul não foram localizadas fontes ou relatos que pudessem especificar a

estrutura circense nos anos de 1920, 1930 e 1940, mas podemos presumir que se tratava da estrutura do “circo do pau-fincado”, uma vez que o circo de lona, estaqueado, só começa a ser usado no Brasil a partir da década de 1940.

Em relação ao transporte utilizado pelas trupes circenses para deslocar-se pela região do norte catarinense, como as estruturas destes, não foram localizados registros. Contudo, podemos presumir as condições de chegada dos mesmos. Os circos para chegarem até o distrito de Jaraguá percorriam um longo caminho. Aos que vieram de Blumenau, o caminho era mais difícil, uma vez que a estrada de Rodeio-Blumenau, para transitar pela estrada Rodeio-Garibaldi e, por fim, Garibaldi a Jaraguá (Stulzer,1973, p.21) não estava totalmente completa, sendo assim, havia pontos de picadas para serem atravessados, dificultando o caminho. Talvez esse seja um fator determinante para que quase a totalidade dos circos nesta década viesse de Joinville.

Aqueles grupos que vieram ou foram a Joinville tinham duas opções, a estrada e a linha férrea. Era utilizada a estrada de ligação entre Joinville-Jaraguá via Brüderthal, que dava acesso à atual Rua Joinville (atualmente a rua de uma das entradas da cidade). As condições desta via eram péssimas, mesmo que a municipalidade custeasse os “zeladores de estradas”, que eram as pessoas responsáveis por manterem a estrada aberta, roçando o mato e tampando os buracos. Entretanto, estes não davam conta de manter as estradas em boas condições de uso. Nesse período, as companhias que percorreram essa via possivelmente teriam utilizado carroças para o transporte, uma vez que os automóveis eram poucos e muito caros e, considerando um trajeto em torno de 60 km nas condições descritas acima, chegar ao distrito partindo da sede levava mais de 5 horas de viagem.

A linha férrea pode ter sido a opção de algumas companhias, na ligação entre São Francisco do Sul e Rio Negro (Paraná), pois os vagões grandes podem ter sido utilizados para carregar os equipamentos. Dessa forma, devido às condições das estradas, e que se agravaram em períodos de chuva, chegar a Jaraguá significava um esforço e este deveria ser recompensado, através do comparecimento do público nas funções.

Não podem ser excluídos os moradores do interior, que não ficavam muito distantes e tinham meio de transporte, como carroças e troles. Estes, por sua vez, também prestigiavam as apresentações circenses, com afirma Álida G. Rudge, “o circo sim que vinha, e aí todo mundo vinha, o colono vinha, lá de carroça, lá do interior para vim no circo aqui” (2008).

Como uma possível tática dos circos que estiveram nos anos de 1920 em Jaraguá do Sul, havia apresentações de números novos a cada noite de função. Talvez esse procedimento deveu-se ao público restrito que, por sua vez, deveria ser estimulado a retornar na noite seguinte e apreciar um espetáculo diferente do qual havia participado na noite anterior. Outra questão importante era que os circos que permaneceram uma temporada maior na localidade jaraguaense, especificamente mais de duas sessões, procuraram, através de preços mais acessíveis do que a sessões habituais, obter uma renda extra de bilheteria, através das apresentações em “matinês”.

A capacidade de público que os circos comportavam variou ao longo da década estudada. Um dos maiores circos que passaram por Jaraguá do Sul, o Circo Stevanovich, em novembro de 1929, podia abrigar em torno de 2.500 pessoas, de acordo com a propaganda veiculada pelo próprio circo. Pelo fato de não haver registros do público que assistia aos espetáculos, não se pode confirmar essa capacidade e nem presumir o número de espectadores que assistia às sessões.

Sobre a presença do cavalo no circo, em Jaraguá do Sul, eles estiveram em boa parte dos circos que se apresentou nos anos de 1920. Como a gênese do circo moderno estava na figura do cavalo, este não poderia ausentar-se. Segundo Regina H. Duarte, os números apresentados pelos cavalos eram em “dois tipos básicos de números: os exercícios e cenas feitas por artistas montados e as apresentações das habilidades do próprio animal” (1995, p.186). Os números rememorados pela entrevistada eram exatamente aqueles em que havia a interação da mulher com o cavalo, os quais consistiam em “jovens rapazes e mocinhas que se equilibravam em difíceis posições e arriscadas estripulias sobre cavalos em velocidade”(Duarte, 1995, p.186).

Não apenas os cavalos, mas outros animais fizeram sucesso entre a população jaraguaense. Eram os animais domésticos (cães e gatos) amestrados, assumindo posturas humanas, ou os animais ferozes. Entre os animais amestrados, os que mais fizeram sucesso nesta década na cidade foram os cachorros, como os cães belgas que jogavam futebol no Circo Novo Horizonte, em 1924, ou os cães “jonkes”, apresentados pelo Circo Olímpico em 1928.

Ao possibilitar o contato do público com os animais, principalmente os ferozes, o circo assumia a função de zoológico, de exibição de animais nunca visto pelos jaraguaenses, como a zebra africana, o zebu da Índia, leões e tigres trazidos pelo Circo Stevanovich, em 1929, sendo este um papel comum aos circos, como explicita Duarte

A atração ficava por conta do exotismo de animais vindo de terras desconhecidas e distantes, num reforço à imagem internacionalista dos circos. Tais exhibições despertavam imensa curiosidade da população.(Duarte, 1995,p.188).

Além dos palhaços, dos animais amestrados ou ferozes, o sucesso do circo na cidade valeu-se por outro lado da destreza e habilidade humanas com números de risco e originalidade. Os artistas acrobatas apresentavam boa parte do encanto existente sob a lona,e o sucesso dava-se, pois “desafiando a gravidade e o perigo, os acrobatas apareciam como os virtuosos da agilidade, destreza do peso e do corpo e da ameaça da queda” (Duarte, 1995, p.189). Os equilíbrios, os voos, os suspiros necessários causavam apreensão e alívio no público ao término do número, fazendo com que a cada nova visita as plateias se agitassem e comparecessem em massa aos espetáculos.

Não era regra geral a presença em Jaraguá do Sul dos circos que se apresentaram em Joinville. Muitos deles, com sucesso, não chegaram a armar as suas estruturas no distrito, entre eles, o Circo Sul Americano, American Circos, Circo Nelson, Circo Rio Grandense, entre outros. Um dos fatores cogitados para tal fato pode ser o número pequeno de potenciais espectadores que, muitas vezes, inviabilizavam o trabalho de montagem e desmontagem do circo para poucas apresentações.

Assim, a apresentação do Circo Irmãos Stevanovich tornou-se a última aparição circense na década de 1920 em Jaraguá do Sul; década esta marcada pela presença do circo mais tradicional. No entanto, esse panorama se modificou nos anos subsequentes, como veremos no próximo capítulo.

1.5 CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO, MODERNIDADE E A INFLUÊNCIA DO CIRCO

A década de 1920 foi de grande importância para a história brasileira, pois representou um fortalecimento da modernidade brasileira. Segundo Nicolau Shevchenko, isso tem raízes na troca do regime político no final do século XIX. Shevchenko identifica no processo da Regeneração na capital (Rio de Janeiro) os elementos constituintes do “ser moderno” e explicita que este não está restrito apenas a uma transformação urbana da cidade, mas se “estende pelos hábitos, costumes, abrangendo o próprio modo de vida, as idéias e como

organiza de modo particular todo o sistema de compreensão e comportamento dos agentes que a vivenciam” (1999, p.41). Entender essa nova forma de pensar o Brasil, de pensar o moderno, de pensar os novos hábitos faz-se imprescindível para a compreensão no contexto de crescimento e desenvolvimento de Jaraguá e a influência do circo sobre a população.

A população tinha um significado do que era ser moderno e na análise das questões de ordem econômica e cultural conseguimos identificar algumas dessas concepções, como a dicotomia crescente entre urbano x rural, o desenvolvimento citadino, o progresso, as melhorias urbanas e o acesso a opções culturais, como o circo.

Na parte introdutória desta pesquisa expus a importância da compreensão da Cidade como um desafio espacial e temporal. Jaraguá do Sul ainda era um distrito, entretanto, é inegável que este já se identificava, principalmente através das reportagens no jornal, com sentimentos de emancipação. Um dos fatores que podem explicar esse desejo era a distância entre o distrito e a sede, pois eram necessárias algumas horas para percorrê-la, e também o desejo latente em busca de crescimento e progresso. Dessa forma, ser citadino, pertencer oficialmente a uma cidade foi enraizando-se na população ao longo dos anos de 1920.

No que diz respeito ao desenvolvimento urbano, percebemos que no período havia no ideário nacional o contraste do urbano x rural. Jaraguá era um distrito com caráter eminentemente rural, mas que procurava insistentemente galgar ao *status* de urbano e industrial. Ser urbano representava outros valores importantes no período, como ser civilizado. João Batista Bittencourt afirma que “a concepção da civilidade irmanada com a sociedade urbana, era a de uma existência citadina” (2004, p.29). Segundo Pesavento,

Uma cidade - e, sobretudo, seu centro se caracteriza por sediarem um *ethos* urbano. Uma maneira de ser, um estilo de vida, uma performance citadina de comportamento. É lá no coração do urbano, que se abriga esta energia e que se constitui este elemento, comportamental simbólico e intrínseco à modernidade, como jeito especial de agir e ser habitante de uma cidade. (2007, p.05-06).

Habitar a cidade era pertencer ao mundo civilizado, novo, enquanto o rural era comparado ao velho e atrasado. Através da análise dos anos 1920 em Jaraguá, percebe-se que havia um grande esforço da elite jaraguaense urbana na busca por esses novos padrões que resultavam no ser moderno para eles. As reportagens no jornal *O Correio do Povo*

demonstram essa ânsia do moderno, assim, os meios de comunicação foram importantes divulgadores desse novo pensamento, ou seja, “os jornais desempenhavam o papel de modeladores das condutas sociais, inclusive das próprias elites, criando um público identificado com os valores modernos e condenando quem se desviasse desse caminho” (Bittencourt, 2004, p.31). Reiteravam a importância do abandono das maneiras e práticas rurais para a adoção de comportamentos urbanos. Essas práticas rurais que permaneciam na zona urbana eram principalmente o cultivo de animais, como porcos, galinhas e bois. Outras inovações corroboravam esse pensamento moderno, como a noção de “progresso”.

O termo “Progresso” era constante nos discursos dos anos 20 em Jaraguá do Sul. Em reportagem do jornal *O Correio do Povo*, o cronista analisa o rápido progresso do distrito, comentando que

Hoje são as estradas rasgando as mattas, cortando as montanhas que antepunha ao seu rumo. Pelas estradas como traços de união através das águas, lançam-se as pontes. Por elas passara o trabalho de toda uma zona desbravada, colonizada: é a prosperidade, a riqueza rolando por cima da terra de onde veio. Por ellas florescerá a força do trabalho humano, produzindo a lavoura, produzindo a industria (1924, n.256, p. 01).

Entretanto, o cronista, além de enaltecer os prodígios produzidos pelos jaraguaenses, ressalta as necessidades de infraestrutura que carece o distrito para continuar a escalada do progresso, quando afirma que

A vida dessas estradas reclama um cuidado de conservação que ora não recebem. A industria carece ser intensificada. Há a necessidade de conseguir a instalação de uma usina com força suficiente para as necessidades presentes e futuras de Jaraguá (1924, n.256, p.01).

Em nova reportagem do mesmo semanário, há um destaque editorial nomeado “Em Defesa do Futuro”, no qual o autor explicita a importância de se pensar no futuro em termos de planejamento econômico e estrutural, não se preocupando com as ideias presas ao passado. Contudo, finaliza o autor do editorial, “é assim que a vida de trabalho excelente nesta terra exuberante, em que pesa a indiferença que não lhe há de tolher os passos para o futuro, cuja vereda de esperança guardamos vós” (*O Correio do Povo*, 1924, n. 257, p.01).

Um dos marcos do progresso e da modernidade no Brasil, no início do século XX, era a locomotiva, pois

com o rápido deslocamento, vencendo o tempo e espaço, a locomotiva era a própria imagem da modernidade em sua faceta mais espetacular, tinha algo de fantástico e fantasmagórico, representava as maravilhas de um tempo encantado com suas próprias potencialidades (Bittencourt, 2004, p.32).

Em Jaraguá a inauguração da Estação Ferroviária¹⁴ em 1910¹⁵ foi um marco no desenvolvimento e na modernização da cidade, um fator claro de progresso para qualquer município brasileiro no período. Pode-se afirmar que a partir da vinda das locomotivas ao distrito mudou a percepção de tempo e desenvolvimento, uma vez que a facilidade na chegada e partida das pessoas aproximou Jaraguá de outras cidades e regiões, fazendo aumentar a importação e exportação de produtos no distrito. Essa inovação trazida estrada de ferro contribui para o incremento da economia distrital, sendo este um dos fatores de modernidade para os jaraguaense. Nas fotografias abaixo visualizamos a Estação Ferroviária.

¹⁴ Em 1889 a Cia. Estrada de Ferro de São Paulo – Rio Grande conseguiu a concessão para a construção do trecho de São Francisco, em 1901. No projeto original, a linha férrea não passaria pelo município de Joinville. Após intensa reclamação do poder público de Joinville, a cidade passou a ser contemplada com um trecho da ferrovia. Em 1903 iniciaram-se os trabalhos no trecho São Francisco-Joinville-Itapocu, que atingia o distrito de Jaraguá. Porém, a construção da linha férrea em Jaraguá não agradou a todos, principalmente por problemas na indenização dos trechos que passavam pela terra dos agricultores (QUINTAES, 1999).

¹⁵ O trecho inaugurado em 1910 percorria de Jaraguá até Hansa (atual Corupá).



Figura nº15

Fonte: Arquivo Histórico Eugenio V. Schomoeckel

A fotografia é da década de 1920, infelizmente não foi possível precisar o ano. Identificamos o núcleo central do distrito de Jaraguá em torno da Estação Ferroviária. A Estação Ferroviária (prédio antigo) está à direita, enquanto que, à esquerda, do outro lado da Rua Independência, estão estacionados na frente do prédio do Comércio Breithaupt, que era uma venda de Secos e Molhados, cerca de 10 automóveis, possivelmente táxis. Ainda referente à fotografia, percebemos que foi tirada na chegada ou saída do trem, uma vez que há um grande número de pessoas na estação entrando ou saindo do trem. A quantidade de táxi é relevante, pois demonstra o poderio econômico do distrito.



Figura nº 16

Fonte: Arquivo Histórico Eugenio V. Schomoeckel

A fotografia acima também é datada da década de 1920 e retrata uma das chegadas, ou saídas, da locomotiva no distrito e toda a agitação e aglomerado provocada em cada parada, pois ali as pessoas iam esperar parentes, amigos e novidades, como, muitas vezes, representou o circo na cidade.

A Estação Ferroviária em Jaraguá modificou o traçado urbano da cidade. A Rua Independência (posteriormente Av. Getúlio Vargas), defronte à Estação, passou a ser a mais importante no distrito. Era seu núcleo, para onde todos convergiam, surgindo, como consequência, hotéis, habitações, comércio e serviços. Esse núcleo era formado pelas ruas Esthéria Lenzi Friedich, Cel. Emílio Carlos Jourdan, Independência e Presidente Epitácio Pessoa.

A ferrovia impulsionou o crescimento rápido e trouxe consigo desenvolvimento econômico e da população. Afinal, todos os dias chegavam pessoas novas que se instalavam nos hotéis da região e movimentavam o pequeno comércio do distrito. Jaraguá passava a ser importante local de passagem para quem vinha de outras localidades, como Blumenau e Curitiba. E, principalmente, a locomotiva foi um fator importante para a presença circense no distrito.

Dessa forma, “ser moderno” para os jaraguaenses constituía-se também na possibilidade de desfrutar de lazer, de opções culturais variadas, como: bailes, participações em bandas musicais e em sociedades esportivas e culturais e também a possibilidade de prestigiar os circos que se apresentavam no distrito.

Os circos eram os portadores do diferente e, como afirma José Carlos dos Santos Andrade que analisa o circo, “uma passagem para um espaço irreal que se abre temporariamente dentro do esmagador cotidiano. Um oásis de fantasia em meio ao deserto da realidade” (2006, p.17). Em Jaraguá do Sul, esse fator evidenciou-se, conforme afirma Álida G. Rudge,

O circo sim que vinha, e aí todo mundo vinha, o colono vinha, lá de carroça, lá do interior para vim no circo aqui. (...) o circo ficava cheio. Porque o colono vinha tudo, porque nunca tem nada, e se vinha o circo, todo mundo ia aqui em Jaraguá (2008).

O circo também representou em Jaraguá do Sul uma atividade que possibilitou o acesso de boa parte da população aos bens culturais, em função dos baixos preços praticados, pois

para assistir ao espetáculo na geral a comunidade não precisava desembolsar muito dinheiro e, conseqüentemente, toda a família podia prestigiar, inclusive aquelas do meio rural.

Podemos creditar aos circos que se apresentaram no distrito, mesmo que de forma célere, uma imagem extremamente positiva perante a comunidade, pois excetuando-se um único comentário negativo, concernente ao episódio do roubo em Joinville, nenhuma outra observação maculando a imagem dos circos ou dos seus artistas foi veiculada. Isso se deve à estratégia dos circenses que

procuravam evitar comportamentos que dificultassem a sua recepção ou permanência em qualquer cidade, e nesse sentido, tinham que se afastar de conflitos (...) para serem aceitos pela população das cidades e pelo meio jornalístico, assim como pelas autoridades municipais, religiosas e policiais (Silva, 2007, p.179).

Contextualizando o distrito jaraguense no cenário nacional, onde o circo sofria pesadas críticas desde a metade do século XIX, como afirma Regina Duarte Horta, “o circo, diversão descomprometida e sem caráter educativo, afastava as pessoas dos teatros, recebendo, como o teatro melodramático, ataques proporcionais ao fascínio que exercia sobre o público” (1995, p.141). E, nos anos de 1920, a crítica era ferrenha na Capital Federal, como é evidenciado em um artigo de uma revista de 1924, citada por Tiago de Melo Gomes.

Aquela feira de parcas habilidades artísticas e de míseras lanternoas vai fugindo dos lugares onde o cinema instalou sua tela. O circo agoniza. A cobertura do pano cor de sujo “impermeável a qualquer chuva” vai entrando na névoa das tradições saudosas (2004, p.174).

Porém, nos anos de 1920, em Jaraguá, não chegaram as críticas negativas e pejorativas feitas nos grandes centros em relação aos circos. Isso se deve ao fato de também não chegarem ao distrito espetáculos unicamente teatrais, uma vez que o único contato dos jaraguenses, na década estudada, com algo semelhante aos espetáculos teatrais eram os apresentados pelas companhias circenses; nessa época a pantomima era o destaque. Assim, no distrito, o circo não chegou a afastar as pessoas do teatro, porque quase não havia teatro para ir.

Por fim, mesmo com presença esparsa no distrito, os circos representavam o diferente, a novidade. Eram, em sua maioria, circos de variedades, definidos como “circo tradicionais

apresentando habilidades físicas, animais exóticos e acrobacias” (Andrade, 2006, p.15). Questionada sobre o que mais gostava de ver no circo, a senhora Álida refere-se justamente aos números em que estavam presentes a destreza com animais e as habilidades físicas, isso fica claro ao afirmar que “a moça andava no cavalo e tinha o trapézio” (2008). Tão marcantes eram tais apresentações que a senhora Álida G. Rudge não conseguia recordar se havia ou não assistido a alguma apresentação teatral nos circos que passaram por Jaraguá do Sul naquela década.

Desse modo, a década de 1920 foi um período de muitas transformações, obrigando a comunidade jaraguaense a trabalhar diferentes situações: questões geradas pelo pós-guerra com a crescente nacionalização, que afetava o cotidiano dos habitantes, o sistema educacional na cidade e, também, questões como a crescente urbanização, o aumento das atividades da Estrada Férrea e a busca pela modernidade. “Ser moderno” para os jaraguaenses, como para o Brasil, era caminhar em direção ao progresso, em todos os aspectos. Assim, poder desfrutar da presença circense era uma das facetas da modernidade jaraguaense, tanto que na medida em que o distrito desenvolvia-se, havia um maior número de companhias circenses apresentando-se na localidade.

Por fim, em todas essas situações, positivas ou negativas, o Circo fez-se presente no distrito, trazendo alegria e descontração e, acima de tudo, abrindo um mundo novo. Afinal, para os jaraguaenses, quase tudo era novidade e era essa novidade que trazia o diferente para o seu cotidiano. Novidades que se tornaram mais presentes nos anos subsequentes, quando o espetáculo circense, até então caracterizado pelos números de variedades e animais, abriu um espaço maior para o teatro, que marcaria sua presença nas apresentações da década seguinte, com passagem dos circos-teatros pela cidade, como será analisado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - O CIRCO-TEATRO NOS ANOS DE 1930 E A POPULAÇÃO JARAGUAENSE

Os anos 1930 foram agitados na economia e na política brasileiras, com os efeitos da recém crise de 29, e com os abalos políticos do início da década, resultantes da Ditadura Vargas. Foram dez anos de grandes mudanças afetando direta ou indiretamente a presença circense no distrito jaraguense. Apesar desse quadro negativo, a década em questão foi excepcional ao distrito. Jaraguá do Sul tornou-se município, obtendo um aumento no desenvolvimento econômico e cultural. Os primeiros anos mostraram uma retração das atividades circense-teatrais recuperando-se ao longo dos anos 1930, quando sofreu novo abalo com o Estado Novo.

2.1 O CIRCO-TEATRO E SUA HISTÓRIA

Ao abordarmos o “Circo-Teatro” não podemos incorrer no erro de entender que após o surgimento do circo-teatro, o circo tradicional tenha desaparecido, ou mesmo que este teve um surgimento único. O Circo e o Teatro sempre estiveram juntos desde a gênese circense.

Em solo brasileiro a junção do circo com o teatro teve grande sucesso. A respeito do início dessa inovação, Regina H. Duarte afirma que “os assíduos frequentadores de circo assistiram, entre fins do século XIX e os primeiros anos do século XX, a uma significativa transformação do espetáculo circense” (1995,p.203). Há um intenso debate sobre o criador do circo-teatro no Brasil, porém não podemos dar mérito a uma única pessoa por esse fato, podemos é afirmar que o palhaço Benjamim de Oliveira foi o grande herdeiro dos saberes produzidos pelos circenses e um dos grandes perpetuadores dessa estruturação de espetáculo.

Benjamim de Oliveira nasceu em 1870, em Pará de Minas, em Minas Gerais. Filho de escrava passou a infância com muitas privações e resolveu fugir para melhorar de vida. O circo, naquele período, exercia um enorme fascínio nas pessoas e a magia que envolvia os artistas fazia com que muitos espectadores decidissem se aventurar nessa vida. Assim fez Benjamin, ao fugir com o Circo Sotero, quando este se apresentava na sua cidade.

Depois de alguns anos com esse circo, Benjamim fugiu novamente, provavelmente devido aos maus tratos, incorporando-se a um grupo cigano que roubava cavalos. Descobrimo que seria vendido como escravo, optou pela fuga, perambulando por várias

idades. Aos dezenove anos, associou-se ao circo de Albano Pereira apresentando-se na cidade de São Paulo. Foi nesse circo que Benjamim conheceu o sucesso e tornou-se palhaço.

Essa função, responsável pelo sucesso memorável de Benjamim, veio-lhe por acaso, quando o palhaço do circo de Albano adoeceu e ele viu em Benjamin uma ótima substituição. A primeira apresentação como palhaço foi um fracasso. Vaiado intensamente pelo público, não desistiu, aprimorando-se e conquistando o público, aos poucos, até tornar-se um dos mais importantes palhaços brasileiros.

No início do século XX, Benjamim trabalhava no Circo Spinelli, chegando a São Paulo em 1901. Sobre esse período em terras paulistas, Ermínia Silva relata que

Benjamim era a estrela do circo, o que confirma seus relatos de que naquele período já era um palhaço de sucesso. As medalhas ostensivamente penduradas em seu peito deviam indicar isto, pois era comum que as cidades – através das autoridades ou representantes de classes, associações, entre outros - homenageassem artistas circenses com placas ou medalhas, normalmente de ouro. Elas se transformavam em currículo para os circenses.(...)(2007,p.185).



Figura nº 17

Fonte: Silva, 2007, p. 187

Após alguns anos de apresentações em São Paulo, o Circo Spinelli volta às terras cariocas e, nestas, incorpora o elemento teatral de forma mais intensa no espetáculo circense. Essa inovação, segundo Regina H. Duarte, seria uma resposta à situação financeira do circo:

Em 1910, Benjamim, o famoso palhaço do Circo Spinelli; enfrentava sérias dificuldades financeiras. A introdução de dramas apresentados pelo pessoal da companhia como parte final do espetáculo, tornou-se uma saída para esta e para muitas outras empresas circenses (Duarte, 1995,p. 204).

As apresentações teatrais dentro do circo tentavam, igualmente, suprir a falta de números com animais ferozes, devido ao alto custo de sua aquisição, transporte e manutenção, o que inviabilizava suas presenças em boa parte dos circos brasileiros. Apesar de que essa afirmação pode ser contestada, pois, na medida em que verificamos a estrutura montada para as apresentações teatrais, percebemos sua grandiosidade e isso, com certeza, demandava uma boa condição financeira para ser realizada. A pesquisadora Ermínia Silva nos comprova este fato, ao reproduzir a propaganda veiculada em jornal, no ano de 1910, na qual podemos verificar a preocupação com os elementos empregados na peça *Viúva Alegre*¹⁶, representada pelo Circo Spinelli, sob a coordenação de Benjamin de Oliveira;

As fazendas para o guarda-roupa foram encomendadas da Europa, por intermédio da conhecida Casa Storino, sendo esta encarregada de confeccionar todos [ilegível], de acordo com os figurinos do jornal “Le Theatre”. O terno da casaca do personagem Danilo foi feito a capricho pelo alfaiate Nicolino Baironne.(...)

Aviso: O diretor proprietário Sr. Afonso Spinelli, no intuito de bem servir ao público, que sempre tem afluído aos seus espetáculos, resolveu, a vista do enorme sucesso alcançado pela encantadora opereta *Viúva Alegre*, incluí-la no repertório oferecendo deste modo mais esta palpitante novidade, despendendo com a montagem da peça a soma de 12:000\$ e tendo também aumentado consideravelmente o número de professores e música, afim de atender às exigências da partitura (2007, p.263).

¹⁶ Há várias opiniões sobre o surgimento do Circo-Teatro. Alguns pesquisadores afirmam que o Circo-Teatro foi uma invenção de Benjamin de Oliveira, creditam o ano de 1910 como o do surgimento dessa manifestação cultural e a opereta “*Viúva Alegre*”, de Franz Léhar, adaptada por Benjamin de Oliveira para palco/picadeiro no Circo Spinelli, como a grande apresentação de criação do mesmo. Porém, na minha pesquisa, concordo com o olhar de Ermínia Silva que comprova que não se pode creditar a uma única pessoa a criação do “Circo –Teatro”, pois o teatro e circo sempre estiveram juntos desde a gênese circense e que Benjamin de Oliveira foi herdeiro dessa tradição e um dos seus expoentes.

Em termos de estrutura das apresentações circenses, os números tradicionais do circo, tais como acrobacia e trapézios, vinham na primeira parte do espetáculo, sendo a segunda reservada para as apresentações teatrais. A novidade não eram as representações faladas, uma vez que estas já faziam parte do repertório circense, mas sim a importância e o espaço que estas ocupavam no espetáculo.

A direção da representação teatral circense ficava a cargo, na maioria das vezes, do proprietário do circo, no caso Afonso Spinelli. Benjamin de Oliveira, entretanto, distinguiu-se também como diretor de peças teatrais, sendo também autor de inúmeros textos de sucesso. Sobre tais eventos, Ermínia Silva afirma que “mostram o quanto os circenses estavam inseridos no processo de produção cultural dirigida para as grandes massas urbanas, formadas por diversos segmentos sociais e econômicos (2007,p.207).

Dessa forma, as peças produzidas por Benjamim de Oliveira caíram nas graças do público, tornando-se referências para outras companhias circenses, que passaram a adaptar e reproduzir seus sucessos, como: *Os guaranis*, *A viúva Alegre*, entre outros; investindo nessa dramaturgia posta em cena pelo “palhaço negro”.

Em termos de dramaturgia, é oportuno destacar, antes de tudo, que o repertório do circo-teatro era próprio e não apenas adaptações de criações concebidas para o palco e, em sua grande maioria, foi formado por uma gama diversificada de gêneros, como o melodrama, a comédia, a revista de ano, a farsa, o drama, a burleta, a opereta, entre outros. Não é objetivo desta pesquisa esmiuçar as características de cada um dos gêneros acima. Opto, dessa forma, por esclarecer um pouco sobre os gêneros mais presentes nos circos-teatros que se apresentaram em Jaraguá do Sul.

O melodrama é originário da França, tendo surgido no final do século XVIII, em oposição ao teatro aristocrático. Paulo Merísio define-o como: “as intrigas devem ser bastante complexas, ricas em peripécias, com forte apelo visual e articuladas por papéis que se enquadram inequivocamente em um dos dois lados: o do bem e o do mal” (2005, p.01). Outro fator preponderante do melodrama é o acompanhamento musical. Regina H. Duarte afirma que “uma marcante música instrumental acompanhava o desenrolar das intrigas, caracterizando as entradas e as saídas de cada personagem, os incidentes ocorridos, as cenas misteriosas de tensão” (1995, p.209). Esses elementos de sensacionalismo e exagero faziam com que o público vibrasse, comemorasse, chorasse com os vilões, mocinhos e mocinhas da trama.

Com o aumento significativo da produção teatral circense houve também a tipificação dos papéis inerentes às peças, o que irá permanecer por muito tempo, gerando gerações de galãs, vilões, velhos, centro-cômico, cômicos etc. Entre as mulheres havia a mocinha, a cínica, a caricata, mas também a representação de diversos outros papéis.

A comédia era outro vértice da dramaturgia circense, baseada em farsas onde, segundo Camarotti, “o público pode gargalhar seguidamente, pois não se sente identificado com os personagens, ao contrário, estes são considerados inferiores aos espectadores, que os vê de cima para baixo” (2004,p.91). O público frequentador dos circos procurava diversão e as comédias representadas saciavam tal expectativa.

Dramas também foram encenados nos circos. Havia uma preocupação de que os palhaços não fizessem parte dessas montagens, para não provocarem uma comicidade não desejada nas encenações. Mas seu sucesso foi menor, comparando com as apresentações melodramáticas ou cômicas.

Normalmente, os atores participantes das encenações não recebiam o texto na íntegra, mas apenas as falas relativas a seus papéis. O ensaiador era o único que possuía todo o texto, juntamente com o “ponto”, outra figura indispensável tanto para a cena circense quanto para a teatral. Este, porém, desapareceu primeiro nos circos, para depois deixar de ser utilizado nos palcos. Para os atores que não eram alfabetizados, o texto era apreendido oralmente com o auxílio dos colegas. A separação dos personagens era feita de acordo com as correspondências físicas entre o ator e a personagem a ser desenvolvida (Camarotti, 2004, p.117-118). Ao iniciar os ensaios, os atores deveriam ter as suas falas memorizadas, assim afirma Camarotti

Os ensaios eram realizados com o circo fechado, sem a presença de estranhos. O período de ensaio era muito curto, podendo, às vezes, durar um único dia, até mesmo, porque, em cada praça, diversas peças eram levadas, tendo que ser substituídas continuamente (2004,p.117).

Toda a dedicação para a memorização e os ensaios das peças não poderiam fazer o sucesso do espetáculo sozinho. Era necessária toda uma estrutura que abrilhantasse o espetáculo produzido.

As companhias circenses de grande porte investiam um montante considerável na montagem dos cenários para alcançar o efeito desejado e impressionar os espectadores. Já as companhias menores tentavam economizar, reaproveitando materiais antes empregados. Em

geral, tratava-se de telões pintados que ficavam no fundo da cena, tendo suas bordas e fundos revestidos para criar a ilusão da tridimensionalidade e eram acrescidos, quando possível, da projeção elétrica para aumentar a ilusão. Móveis e elementos cenográficos eram conseguidos em lojas da cidade por empréstimo. A cenografia tinha um caráter realista, procurando reproduzir uma ambientação próxima daquela enfocada na situação dramática (Camarotti, 2004, p.119).

Os figurinos e adereços eram parte importante das peças teatrais. As roupas eram as mesmas do cotidiano ou criadas para os enredos específicos. O ensaiador era o responsável pela concepção do figurino de cada personagem. O costume era o reaproveitamento de figurinos, sendo que aquele que soubesse costurar transformava velhos trajés em novos e sempre havia um responsável pelas roupas no camarim. Os adereços eram criados pelos atores e, da mesma forma que os figurinos, também eram reaproveitados. A maquiagem era simples e de responsabilidade de cada ator (Camarotti, 2004, p.120).



Figura nº 18

Fonte: http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload, visitado em 20/01/2009.

Na reprodução acima visualizamos Benjamin de Oliveira com diferentes figurinos e maquiagens, comprovando a versatilidade desse artista.

A iluminação, quando utilizada, era apenas para iluminar a cena; poucos circos tiveram condições financeiras para explorar as potencialidades da iluminação cênica. Já nos lugares onde não havia energia elétrica, os espetáculos ocorriam antes do anoitecer ou

iluminados com lampião (Camarotti, p.120).

A música era um elemento fundamental na constituição do circo-teatro. Tradicionalmente, os números circenses eram acompanhados e interligados por músicas executadas pelas bandinhas do circo. No circo-teatro essas bandas conquistaram um espaço dramático na ação, principalmente nos melodramas. Contudo, se o circo não possuísse banda, devido aos custos para mantê-la, utilizavam-se vitrolas para que a música marcasse presença. Sons como tiros, batidas, chuva, e outros efeitos sonoros eram realizados ao vivo, dentro ou fora de cena (Camarotti, 2004, p.121).

2.2 INÍCIO DOS ANOS 1930: AGITAÇÕES POLÍTICAS, HIGIENIZAÇÃO, CRESCIMENTO E O CIRCO-TEATRO

Em relação ao circo e circo-teatro nesse início agitado de década, a primeira notícia da presença circense data do ano de 1931 e trata-se de um circo-teatro, o “Circo-Teatro Jéca Tatu”¹⁷. É o primeiro registro da presença de uma companhia que se intitulava de “circo-teatro” verificado em Joinville e nos seus distritos. Possivelmente, apenas na década de 1930 é que os habitantes de Joinville e região, como os jaraguaenses, tiveram contato com esse modo de fazer teatro. É relevante destacar o nome da companhia, pois este referenciava um personagem-símbolo da nacionalidade e do meio rural, que fazia muito sucesso junto aos jornais e ao meio radiofônico. Possivelmente, nesse circo-teatro o personagem Jeca Tatu era recorrente, pois o nome da companhia assim o faz crer.

A nota jornalística referente à companhia noticiou os números representados, como os malabarismos e ginásticas, na primeira parte do espetáculo, como eram comum nessas trupes e a segunda parte contando com uma apresentação teatral de comédia que, segundo o jornalista, tirou diversas gargalhadas do público. (*Jornal de Joinville*, 15/08/1931). A comédia gozava de grande prestígio entre o público jaraguaense, segundo os entrevistados. Camarotti explica que um dos fatores que levam a esse sucesso, principalmente da farsa, é “o público

¹⁷ O personagem Jeca Tatu foi criado por Monteiro Lobato, em 1914, para o jornal O Estado de São Paulo, concebido como uma síntese do homem do interior paulista, o qual tinha como defeitos a preguiça e ser inapto à civilização.

pode gargalhar seguidamente, pois não se sente identificado com os personagens, ao contrário, estes são considerados inferiores aos espectadores, que os vê de cima para baixo” (2004, p.91).

A agitação no início da década de 1930 devia-se, em parte, à revolução perpetrada por Getúlio Vargas na década de 1930. O Brasil, desde 1894, governado pela oligarquia café-com-leite, foi perdendo poder econômico, na década de 20, em detrimento da crise de 29, sofrendo, conseqüentemente, um declínio político com o aumento do poder de determinados grupos como os tenentes e oligarquias estaduais. As disputas políticas entre os velhos e novos grupos na eleição de 30 tornaram-se latentes e culminaram com a revolução.

Os debates com relação à corrida presidencial em 1930 foram acirrados. Em nota na primeira página do jornal *O Correio do Povo*, no mês de janeiro, há uma grande propaganda que conclama os cidadãos jaraguenses a votarem em Julio Prestes. A nota afirma que “Os drs. Julio Prestes e Vital Soares, candidatos da legítima da nação, continuarão essa obra que fará cada vez maior a felicidade do povo brasileiro” (1930,n 603 p.01). Em março de 30, o jornal comenta a vitória da situação: “Julio Prestes (...) será o continuador da política honesta e altamente patriótica que tem recommendado ao apreço da Nação e à gratidão cívica de todos os brasileiros o nome aureolado do Sr. Washington Luis” (1930, n.614, p.01).

A eleição suspeita de Julio Prestes (situação) foi o pretexto utilizado para o movimento que pôs fim à política café-com-leite. Entretanto, o fato contundente para o estopim da revolução foi o assassinato de João Pessoa. Tal fato a oposição creditou ao presidente Washington Luis, em 26 de julho de 1930. O movimento político iniciou no Rio Grande do Sul, em 03 de outubro de 1930, com Getúlio Vargas e o tenente-coronel Góis Monteiro dominando toda a Região Sul; no Norte e Nordeste, o controle foi realizado por Juarez Távora.

No final de 1930 os jornais noticiavam as agitações políticas que ocorriam, principalmente com a revolta iniciada por Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul. E, através dessas reportagens, percebe-se claramente que o jornal do distrito era contra essa revolução, possivelmente esse era o sentimento da população. Diz parte da nota que “em vez de falar em revolução se essa gente fosse trabalhar em paz, para fazer voltar a normalidade o Brasil, que atravessa uma terrível crise” (*O Correio do Povo*, 1930, n.643,p.01). Quando esta se tornou concreta, em novembro de 1930, os jornais passaram a apoiar o governo Vargas.

Em Jaraguá do Sul, a repercussão desse movimento ocorreu de forma tímida, no dia oito de outubro de 1930, recebendo as tropas do 13º Batalhão de Caçadores, seguida pelos Batalhões de Engenharia e Artilharia que rumaram até Joinville, uma vez que o 62º Batalhão da Infantaria deste município não se rendeu às tropas de Getúlio Vargas. Porém, no meio do caminho, no distrito de Bananal (atual Guaramirim), tiveram a notícia da rendição deste batalhão. Assim, voltaram os soldados à ferroviária tomando o trem em direção a Curitiba, posteriormente a São Paulo, por fim ao Rio de Janeiro, capital do país e centro da revolução.

A revolução promovida por Getúlio Vargas não teve tanta repercussão em Jaraguá do Sul. Entretanto, o governo Vargas deu margem a uma crise política, uma vez que a transformação preconizada por ele mexia nos interesses das antigas oligarquias rurais. Situações que resultaram em movimentos que beiravam o radicalismo

A “Aliança Nacional Libertadora” (ANL), criada por Luís Carlos Prestes, com orientação comunista, agregava sindicalistas, socialistas e comunistas, com propostas à reforma agrária, à nacionalização das empresas estrangeiras e a suspensão do pagamento da dívida externa, entre outros.

A “Ação Integralista Brasileira” (AIB), criada por Plínio Salgado, grupo de extrema direita, teve importante repercussão em Jaraguá e, por isso, será objeto mais aprofundado de estudo, já que a ANL não teve expressiva atuação aqui. Os integrantes da AIB eram conhecidos também como os camisas-verdes. Os integralistas posicionavam-se contra o liberalismo, o socialismo, pregavam o moralismo, a prática cristã e um estado forte e centralizador. Utilizavam a letra sigma e expressavam-se pelo lema “Deus, Pátria e Família”, tendo uma organização com características militares e a formação de milícias uniformizadas, que se cumprimentavam através do “*Anauê*”, em tupi-guarani, entre muitos significados, poderia dizer “você é meu irmão”.

Toda essa movimentação política não impedia a presença circense. No ano de 1931 tivemos na região joinvillense o Circo Fekete. Segundo nota jornalística, teve grande êxito os números de malabarismo, equilibrismo e com palhaços, e, principalmente, a apresentação da comédia: “Chimarrão contra o célebre bandido do norte Lampião”, esclarecendo que

Chimarrão era o palhaço da companhia e a comédia explorava um tema atual, a figura do Lampião¹⁸.

No ano de 1932 verificamos uma curiosa charge que noticiava a presença circense na cidade, esta foi publicada no jornal , O Clarim, de Joinville. Segue abaixo:



Figura nº 19

Fonte: O Clarim, 22 de maio de 1932, n.16, p.01

Na reportagem acima temos os seguintes dizeres: Palhaça e Palhaço

¹⁸ Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, viveu no início do século XX, foi o líder dos cangaceiros. Conjuntamente com sua mulher, Maria Bonita, Lampião viveu a vida como cangaceiro, que eram os fora-da-lei que viviam no nordeste brasileiro no início do século XX. Tornou-se um mito após a sua morte, no final dos anos de 1930.

Vae chegar à nossa terra
Um circo de cavallinhos,
Só com a nova vinda
Andam todos doidinhos.

De campainha o palhaço,
Abre a boca, faz berreiro.
E quando a palhaça grita:
Entras, que o tempo é
dinheiro.

Circo na terra é signal
Que a chuva já vem ahí,
Pois sem chuva
nenhum circo
Logrou passar por aqui.

As moças são delirantes,
Anda tonto o rapazio.
Sem que se importe
da chuva
Nem faça caso de frio

Em uma rápida análise da charge podemos identificar importantes elementos em torno da presença circense. Primeiro ponto relevante é que a presença dos circos estava associada à constância das chuvas, assim podemos supor que os circos que estiveram em Joinville, e possivelmente os de Jaraguá, sempre tiveram de lidar com o fator climático. A coincidência da chegada da chuva com a presença circense é corroborada por Olga P. Majcher¹⁹ ao afirmar que “a população pensava, vem o Circo! Ficava contente, por outro lado, vai chover porque o circo chegou. Isto até hoje perdura. Ainda encontra pessoas que acreditam nesse mito. Sempre chovia.”(2009)

Possivelmente a chuva era um obstáculo a ser superado, tanto para a armação das estruturas circenses, como para a presença do público nas funções. Tal problema era

¹⁹ A entrevista com a senhora Olga P. Majcher foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em outubro de 2009. A senhora Majcher possui pesquisas sobre a história de Jaraguá do Sul. Desta forma, as referências que estiverem acompanhadas do ano de 2009 são relativas a entrevistas e as outras referências dizem a respeito de sua produção bibliográfica.

resolvido, segundo o entrevistado Amadeus Mafhud²⁰ (2009), com a compra de serragem para ser colocada na entrada dos circos e a utilização de tecidos impermeabilizados que impediam a passagem da chuva. Assim, se a chuva não fosse muito intensa, as apresentações aconteciam sem grandes problemas..

Outro elemento que podemos destacar na charge são os versos que se referem ao comportamento dos cidadãos na presença circense. Segundo ela “as moças são delirantes, anda tonto o rapazio, sem que se importe da chuva nem faça caso do frio”. (O Clarim, 1932, n.16, p.01). É nítido que a mulheres circenses faziam grande sucesso junto à ala masculina da cidade, pois do contrário não mereceriam tais comentários do autor.

Por fim, é importante analisar o desenho que acompanha os versos. Identificamos o que poderia ser o apresentador do circo de mãos dadas com uma figura que representava um religioso (padre ou irmão). Por não termos material suficiente sobre o cotidiano do período, fica impossível identificar o que o chargista estaria retratando, possivelmente um padre da cidade que gostava de assistir às funções circenses. Alguns dias após a publicação dessa charge, voltou ao município o Grande Circo Olímpico que já se apresentara com muito sucesso em 1928. Nessa volta, em 1932, realizou novas apresentações, porém os números de destaque ainda eram os mesmos, como o cavalo “Pery” e os números de ginástica e malabarismos.

O ano de 1932 na área circense foi marcado pelo retorno de companhias que haviam realizado funções em anos anteriores. Além do já comentado Grande Circo Olímpico, outra companhia que retornou à cidade foi Circo Novo Horizonte que havia se apresentado na região no ano de 1924, evidenciando a grande rotatividade que manifestavam, refazendo roteiros já realizados em anos anteriores.

Ao contrário do Circo Olímpico, o Circo Novo Horizonte volta à cidade com elementos novos no seu *show*, e este era justamente o teatro. Em reportagem veiculada pelo *Jornal de Joinville* fica clara a repercussão do elemento teatral nos espectadores da função

²⁰ A entrevista com o senhor Amadeus Mafhud foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em novembro de 2008. Todas as referências que aparecerem ao senhor Mafhud nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

circense e desta modalidade nova que chegava à região, o “Circo-Teatro”. Vejamos abaixo uma reportagem bastante pertinente que ilustra o que foi dito.

Está, há dias, trabalhando nesta cidade, o conjunto mixto de circo-teatro, cujo nome encima esta nota.(Circo Novo Horizonte)
Quem observa o domínio completo do cinema na preferencia do povo, quêda pensativo ante a realidade de que o triunfo dessa nova modalidade recreativa se assenta sobre as ruínas de uma outra o Teatro.
O cinema absorveu o teatro, porém, os artistas sobreviventes e escravos da arte, vivendo para ela e porque tambem precisem viver para si, organizados em trupes, trios e mixto de circo-teatro, inscursionam pelo hinterland, proporcionando-nos noitadas agradaveis como as que tem levado ao Circo Novo Horizonte, numeroso pulico.
Esse bem organizado elenco, já exhibindose com trabalhos equestres, malabaristicos, excetricos e acrobaticos, já no palco com peças em escolhidas tem agradado bastante.(*Jornal de Joinville*, 31 de dezembro de 1931, n.312,p.02).

Nessa reportagem de jornal ficam evidentes alguns aspectos importantes. Primeiro a constatação da preferência do público pelo cinema; segundo, perceber a atividade teatral em “ruínas” e, por fim, entender o artista e a vontade de fazer a sua “arte” como fundamental para a elaboração de novos meios de sobrevivência, entre eles, o circo-teatro. Percebemos, assim, que definitivamente na década de 1930 o elemento teatral estava presente na atividade circense das companhias que estiveram na região.

A preferência pelo cinema pode ser em parte explicada pela necessidade de “ser moderno”. Afinal, nesse período a “modernidade” estava também associada “a uma série de transformações na vida cotidiana, provocadas por novidades como o cinema, o automóvel, novas danças (...)” (Mello,2004, p.205.). Dessa forma, “ir ao cinema” seria mais um sinal claro de modernidade para os jaraguenses, além de prestigiar as apresentações circenses.

Outro ponto relevante é que muitos cronistas e estudiosos no período procuraram entender a preferência do público pelo cinema ao invés do teatro, como é o caso do cronista do *Jornal de Joinville*. Longe de um consenso entre os estudiosos, o importante para esta pesquisa é que este nível de discussão também esteve presente em Jaraguá do Sul. Assim, algumas discussões estéticas fizeram-se presente, mesmo que de forma rápida e superficial, entre os jaraguenses.

Voltando à situação política em Jaraguá do Sul, no ano de 1934 um grupo de integralistas deixou Joinville rumo a Jaraguá do Sul na intenção de fundar um núcleo na cidade. Plínio Salgado fez-se presente para a criação do grupo jaraguense que teve, ao longo

de sua curta permanência, grande força na cidade entre homens e mulheres, já que no final de 1934 foi criada a seção feminina e a de escoteiros integralistas. A seguir segue a fotografia das crianças integrantes do grupo integralista.



Figura nº 20

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul

A fotografia foi tirada em 1934 e retrata os escoteiros integralistas, ou seja, as crianças também podiam participar do movimento integralista em Jaraguá do Sul. Denotando, mais uma vez, o grande peso que este possuía entre os jaraguaenses.

A administração pública jaraguaense não via com bons olhos o crescimento vertiginoso desse movimento na cidade, procurando meios para a sua diminuição através de ameaças. Entretanto, nas eleições de 1936, os integralistas elegeram com larga margem o prefeito Leopoldo Augusto Gerent e seis vereadores (Schmoeckel,1997,p.32). No final do mesmo ano iniciou-se a perseguição aos integralistas pelos governos estadual e federal.

A discussão em torno desses eventos políticos é relevante na medida em que ultrapassamos a barreira dos acontecimentos e nos aprofundamos em aspectos apenas de nível simbólico. Com a força do integralismo no distrito, podemos deduzir noções importantes de possíveis temáticas e padrões de comportamento exigidos no meio integralista, e que poderiam reverberar nas atividades escolhidas pela população para frequentar, entre estas, o

circo e o circo-teatro.

A AIB, mais que um partido político, representava um conjunto de códigos éticos e comportamentais com uma disciplina rígida; do batizado ao enterro tudo tinha um protocolo a ser seguido. Outro ponto fundamental era o ideário moralista, assim, era possível que as escolhas de opções culturais seguissem a opção moralista.

Entretanto, esses fatores políticos não eram os únicos a criar o contexto socioeconômico da chegada dos circos e circos-teatros a Jaraguá, outros de ordem econômica e social também corroboram para a criação deste quadro e o entendimento das presenças dos mesmos na cidade. Para a melhor visualização do crescimento do distrito, abaixo segue uma fotografia datada do início dos anos 1930.

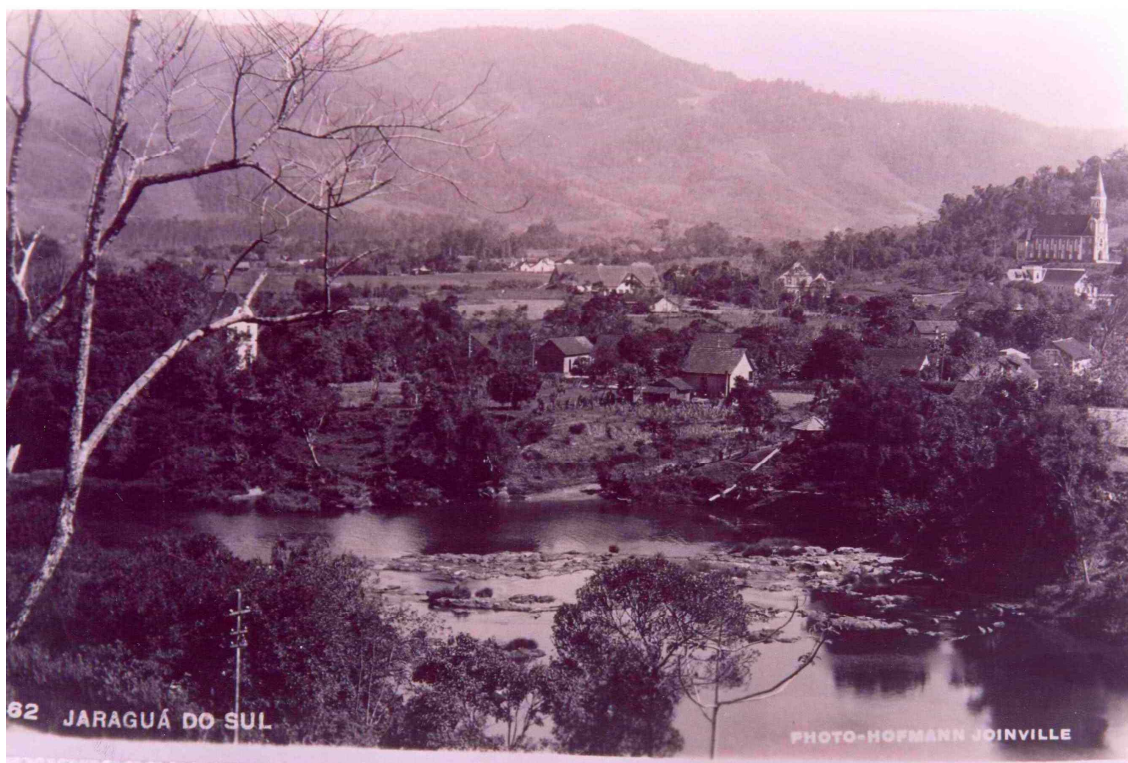


Figura nº21

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Eugênio Victor Schomoeckel, início dos anos 1930

Na fotografia panorâmica, visualizamos o distrito de Jaraguá no início dos anos 1930. Tirada provavelmente do alto do Morro da Boa Vista nos traz um panorama do centro distrital com os seus principais edifícios. Ao fundo da foto, no lado direito, verificamos a Igreja Católica Santa Emília, construída em 1926, e, em primeiro plano, o Rio Itapocu que margeava Jaraguá.

No início dos anos 1930, o distrito de Jaraguá revelou um crescimento econômico em relação aos outros distritos de Joinville. Esse fato é perceptível pelos gastos da sede no

distrito. Em 1933 foi gasto pela municipalidade de Jaraguá o total de 150:300\$000, sendo que no distrito de Hansa apenas 52:000\$000 saíram dos cofres públicos, ou seja, era necessário duas vezes mais verba para pagamentos de obras e salários aos jaraguenses do que no distrito de Hansa. Jaraguá não apenas gastava o dinheiro, tinha neste mesmo ano um saldo de 1:858\$270; já Hansa possuía apenas 122\$000 em seus cofres (Relatório de Joinville, 1933).

Referente à educação, havia neste início de década em torno de cinco escolas municipais com 225 alunos matriculados e mais sete escolas subvencionadas com 489 alunos matriculados (Relatório de Joinville). A justificativa para o maior número de escolas subvencionadas apresentada pelo poder público era o fato de essas últimas apresentarem maior oferta de classes aos alunos.

Para a construção desse panorama socioeconômico do distrito de Jaraguá podemos utilizar os dados concernentes às edificações registradas na prefeitura, estas eram, em 1933, um total de 270, sendo que a sede municipal contava no mesmo período com 2.131 construções legalizadas. Não havia até a metade da década ônibus e motocicletas registradas no distrito, mas constavam 961 carros de lavoura, 79 carros de ganho, 20 autos particulares, 11 caminhões e 197 bicicletas (Relatório de Joinville, 1933). Pelo número elevado de carros utilizados na área rural, percebe-se que a atividade agrícola continuou a ser o carro chefe da economia jaraguense, como na década anterior. Parte das construções relatadas acima podemos identificar na fotografia a seguir:



Figura nº 22

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul

A fotografia acima retrata parte do centro do distrito de Jaraguá. Na parte esquerda, ao fundo, podemos visualizar o Hospital Jaraguá inaugurado no início da década de 1930. As ruas fotografadas são: Avenida Independência e Emílio Carlos Jordan.

Em relação às estatísticas demográficas, em 1933 houve 625 nascimentos, 74 óbitos e 138 casamentos. O número de nascimentos não figura muito distante de Joinville onde 873 nasceram; contudo o número de óbitos foi muito superior ao de Jaraguá, 421 (Relatório de Joinville). Essa diferença pode ser creditada a uma melhora da higiene sanitária, sobre a qual podem ser tecidos mais comentários, posto ser esse fator uma das maiores preocupações dos jaraguaenses naquele período.

A preocupação com as questões de ordem sanitária e higiênica não estavam apenas no âmbito jaraguaense, mas permeavam toda a sociedade brasileira e eram circunscritas em discussões a respeito da modernidade e do progresso nacional, comum nas primeiras décadas da república.

Na medida em que a cidade estruturava-se, como é o caso do distrito e posterior cidade de Jaraguá do Sul, ocorria paralelamente uma preocupação com a higiene e salubridade urbana. Este binômio de cidade - higiene presente nas grandes cidades brasileiras foi a tônica na capital catarinense, Desterro (atual Florianópolis), e contaminou as cidades do interior do estado.

Para o poder público municipal, modernizar era fundamental, entretanto, mais urgente era a busca por soluções e medida higiênicas que controlassem o surgimento e proliferação de doenças e epidemias, comuns nos aglomerados humanos da época. Dessa forma, houve grande intervenção pública no cotidiano da cidade. Roselane Neckel, acerca da situação de Florianópolis no início do século XX, afirma que “a higienização do espaço urbano em “função do bem público” apresentou-se como suporte discursivo para uma série de intervenções no cotidiano da população” (2003,p.58). Estes agiam em acordo com o pensamento político do período, pois “ estes temas apresentavam-se em discussão desde o último quartel do século XIX, mas somente em 1910 e 1930 é que as medidas foram efetivamente tomadas, visando à limpeza pública, a profilaxia urbana (...)” (2003,p.60).

No bojo dessas discussões, os relatórios municipais do início da década apontam uma melhora na higiene sanitária em Jaraguá. Em 1933 foram registrados (apenas) sete casos de febre tifoide e onze casos de disenterias hemorrágicas; esses números são a soma de todos os distritos de Joinville e inclusive a sua sede. O número reduzido de casos foi um reflexo do

acirramento das leis sanitárias promulgadas na cidade (Relatório de Joinville, 1933).

O maior combate era realizado entre os criadores de suínos, os quais deveriam construir as habitações dos porcos no mínimo 50 metros de qualquer residência e deveriam estar em solo impermeável e drenado. O nome dado a essas instalações era “pocilgas”. Em 1932 eram 367 pocilgas e em 1933 estas caíram para 57, devido à fiscalização da municipalidade.

Sobre as medidas a fim de deslocar a criação de animais e agricultura, em Florianópolis verificamos soluções semelhantes praticadas nos anos de 1920, quando “uma série de medidas que visaram à erradicação completa das criações de galinhas e de outros animais, bem como a eliminação dos capinzais e bananeiras existentes no perímetro urbano” (Neckel, 2003, p.85). Essas restrições objetivavam, além da erradicação das doenças, segundo Neckel

Visando produzir um espaço asséptico, a medicalização do meio urbano revela, inicialmente, a condenação e o desejo de erradicar hábitos e costumes que não eram condizentes com os valores higiênicos projetados pela cidade. Além disso, esses investimentos, revelam o caráter segregatório do discurso sanitarista, já que, delimitando os espaços e as atividades, buscava afastar do centro urbano aqueles que conservavam tais costumes, em sua maioria formas de sobrevivência da população pobre (2003, p.86).

Para manter um cerco aos produtores, cujo resultado esperado era a diminuição das doenças, foi criado o cargo de Delegado de Higiene. Em Jaraguá assumiu o Sr. Godofredo Lucy como delegado. Essa criação segue-se aos cargos criados em outros municípios que tinham a mesma função, como o Diretor de Higiene em Desterro, o qual “realizava visitas domiciliares, examinando as habitações coletivas e particulares, propagando os princípios de higiene moderna” (Neckel, 2003,p.70).

As fezes particulares dos domicílios do distrito, na área urbana, eram retiradas por um contratante, sendo que estes muitas vezes recusavam-se a retirar daqueles que não pagavam, tornando-se um problema para a municipalidade. Os órgãos públicos, apesar dessa situação, afirmavam que a população poderia ficar tranquila, pois não estavam tão além dos serviços que apenas alguns anos antes eram usufruídos pelos moradores de Porto Alegre. E, por fim, nessa preocupação sanitária havia um destaque aos cães soltos que vagavam por toda a cidade, os quais eram presos e, após três dias se não houvesse quem os reclamasse, eram sacrificados.

A higiene, ou melhor, a preocupação com as epidemias, e posteriormente a morte,

estavam à frente das discussões da municipalidade. Tais discussões e preocupações possivelmente, também, estavam presentes para evitar eventuais problemas. Assim, esse é outro aspecto relevante para a construção do contexto da década de 1930. Os circos e circos-teatros que armavam as suas lonas no distrito tinham de conviver e se adaptar às decisões apresentadas.

No início dos anos 30, além dos fatores sanitários, outras apreensões pairavam entre os jaraguaenses, principalmente, o crescimento das ideias comunistas no país. O jornal *O Correio do Povo* refletiu essa preocupação, com uma manchete que dizia “Como os derrotistas pagos pela Rússia ameaçam economia e dignidade dos lares, no Brasil” (1930, n.595 p.01). Além dessas, Alemanha e Itália continuavam, a exemplo da década anterior, a despertar grande interesse na população jaraguaense, principalmente as notícias que mostravam preocupação com a situação socioeconômica em que se encontravam. Também a repercussão das mudanças, principalmente nos aspectos políticos, com manchetes como: “Ou a Alemanha se liberta, adquire toda a sua soberania, ou perdendo a fé no futuro, se entrega o bolchevismo”. (*O Correio do Povo*, 1931, n.620 p.04).

Além das questões de saúde e política, fatores econômicos eram alvo de preocupações para os jaraguaenses por causa de dificuldades financeiras, principalmente em relação à agricultura. O agricultor, segundo o cronista, estaria mais propenso para os ideais comunista, como afirma: “o nosso colono é adverso a ideais communistas, mas a sua precária situação o arrasta finalmente a essa medida, na esperança de sua salvação”. (*O Correio do Povo*, 1931, n.634 p.01). Na mesma edição que estampa essa preocupação há na terceira página uma notícia intitulada “O comunismo e a escravização do camponez” (1931, n.635 p.03), a qual afirmava que os planos agrícolas do comunismo escravizavam o colono na prática. Assim, os benefícios que anunciavam não condiziam com a realidade.

Entretanto, apesar de todas essas preocupações, o lazer também era muito importante para os habitantes. No início dos anos 30, uma novidade na área cultural de Joinville e seus distrito teve grande êxito, o cinema falado. Sobre a repercussão dessa inovação, o semanário da cidade comenta:

Como prevíramos, constituiu verdadeiro successo a inauguração, no sabbado à noite, no Palace Theatro, dos aparelhos “vitaphone” e “movietone”, da Rádio Corporation, para a produção de filmes falados, cantados, musicados e synhronisados. (...) o público de Joinville, que de há muito esperava pela novidade, que o mundo civilizado conhecia e aplaudia,

ficou bem impressionado, e não escondeu a sua satisfação e o seu entusiasmo. (Jornal de Joinville, 1930, n.235, p.02).

O cinema foi no período uma importante atividade cultural, não apenas em Joinville, como em Jaraguá, sendo que funcionavam no início dos anos trinta duas salas de cinema no distrito, o Cine Buhr e o Cine Central, visto que o município jaraguaense possuía três salas para a projeção de filmes, ou seja, um número expressivo para o período e para a população que o prestigiava. Apesar da novidade do cinema falado em Joinville, no distrito de Jaraguá as sessões continuaram em cinema mudo com o acompanhamento no piano da senhora Adélia Piazeira Fischer e seu esposo no violino, Francisco Fernando Fischer.

No tocante às opções de lazer no período em Jaraguá do Sul, estas vão além do cinema. Assim podemos destacar as atividades voltadas para a prática do tiro esportivo, as “schützenverein”, ou seja, as sociedades de atiradores. No ano de 1931 foi lançada a pedra fundamental da sede da “Sociedade Atiradores Jaraguá”, fundada em 1906. No ano de 1934 constituiu-se a Sociedade de Atiradores Concórdia, dentre outras que existiam na região. Essas sociedades, além do tiro, proporcionavam aos seus sócios outras práticas esportivas, como o futebol e o bolão. As Sociedades promoviam anualmente concursos para a eleição do Rei do Tiro, ou seja, o atirador que se destaca nas competições. Ser o Rei do Tiro era sinônimo de prestígio entre os integrantes das Sociedades (Pffiffer; Kita, 2008). A fotografia seguinte retrata a inauguração da Sede Social da Sociedade de Atiradores Jaraguá no ano de 1931.



Figura nº 23

Fonte: Arquivo Histórico “Eugênio Victor Schomoeckel” de Jaraguá do Sul

A fotografia, datada de 1931, registra a inauguração da sede social da *Sociedade de Atiradores de Jaraguá*, que fora fundada em 1906, e só foi construída uma sede própria em 1931.

No período em que não havia espaço próprio a Sociedade utilizava-se de outros lugares, como o Salão Buhr para realizar as suas atividades.

Outra opção de lazer da população jaraguense, nos dias de intenso calor, era passear nas praias. Os destinos mais procurados eram as praias, o cronista assim se refere: “Vão todos sacudir longe, em Pyssaras, em Cabeçudas, em Itapema o pó das roupas e os cobre da algibeira” (*O Correio do Povo*, 1938, n. 915, p.01). Aos que não podiam frequentar as praias, amenizavam o calor nas águas do Rio Itapocu, como continua o cronista: “há muitos que preferem o Itapocú. O rio agora anda cheio de gente, e não reclama” (*O Correio do Povo*, 1938, n. 915, p.01). Sobre as tardes passadas no Itapocu, a senhora Aldazira P. de Azevedo²¹ recorda que

A gente ficava sábados a tardes, domingos, quem não trabalhava, no verão , no rio. A gente se divertia muito no rio, eu era um peixe dentro dá água.

²¹ A entrevista com a senhora Aldazira Piazeira Azevedo foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em setembro de 2009. Todas as referências que aparecerem a senhora Aldazira nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

Nadava que só. O ponto chick era lá. Os jovens iam todos lá, porque era onde as meninas estavam. [...] Eu conheço esse rio lá em cima do Grubba até aqui embaixo com a palma da minha mão, sei onde dá pé, onde não dá, onde tem pedra, onde não tem. Um dia um caminhoneiro parou em cima da ponte, desceu o barranco para vir falar comigo [...] queria me namorar. Eu conversei com ele, flertava, não era boba, né? (2009).

As mulheres também tinham um concurso voltado para elas, o “Miss Jaraguá,” organizado pelo jornal *O Correio do Povo*, em 1930. Funcionava assim: os leitores do jornal enviavam seu voto para a redação do mesmo que contabilizava e anunciava a vencedora. Ao total foram mais de 1.200 votos entre as cinco candidatas. Sagrou-se a Miss Jaraguá a Sra. Marfisa Fancher com 396 votos. Como naquele ano não houve nenhum tipo de eleição na sede do município, o jornal intitulou a Sra. Marfisa também como Miss Joinville.

Assim, percebemos que, apesar de Jaraguá ainda ser nesse início da década de 1930 um distrito de Joinville, já possuía várias opções de lazer, e a chegada dos circos e circos-teatros somavam-se às opções dos habitantes. Entretanto, não podemos esquecer de que os circos e circos-teatros eram as opções de fora do distrito, ou seja, portadores do novo e das tendências artístico-culturais no Brasil.

2.3 DO DISTRITO AO MUNICÍPIO, DO CIRCO AO CIRCO-TEATRO

Em 23 de março de 1934, por meio do Decreto-lei nº 565, assinado pelo Interventor Federal de Santa Catarina, o Coronel Aristiliano Ramos, é criado o Município de Jaraguá do Sul. A sede do antigo distrito adquiriu novo *status*, a de vila do novo município, e o distrito de Hansa deixa de ser parte do Joinville para pertencer a Jaraguá do Sul. Nesse momento é alcançado o tão sonhado *status* de cidade emancipada. Agora, Jaraguá do Sul, era, enfim, uma cidade. A oficialização, que já estava enraizada e intrínseca anos anteriores, torna-se concreta realidade. Essa nova condição só corroborou para ações e mecanismos cada vez mais dispostos a enveredar a nova cidade no caminho do desenvolvimento e do progresso.

O primeiro prefeito, Vitor Bauer, era sapateiro e lojista, e já tinha a função de Intendente Distrital e, após a municipalização, tornou-se prefeito por meio da nomeação do Interventor Nereu Ramos, governando até maio de 1935. Na fotografia abaixo visualizamos o centro do novo município catarinense.



Figura nº 24

Fonte: Arquivo Histórico Eugenio Vitor Schomoekel

A fotografia acima é dos anos de 1930 e retrata a Rua Independência. No lado esquerdo da fotografia podemos visualizar o *Bar Catharinense*, um dos importantes locais de encontro na cidade. Ao lado direito visualizamos um armazém de secos e molhados, no qual estavam sendo descarregados mantimentos. No decorrer da rua identificamos os postes de energia elétrica e, por fim, percebemos que o movimento de pessoas na rua era muito pequeno no período.

A história de Jaraguá do Sul como município começou com grande preocupação em relação ao desenvolvimento e à modernização. Como medida para garantir fundo para as mais diversas obras na cidade, os impostos foram reajustados em 10% para os edifícios localizados na via urbana e, se não fossem quitados no prazo devido, seria acrescida, ao preço, multa.

Para o desenvolvimento era necessário gerar empregos e para a concretização de mais postos de trabalho foi oferecido incentivo às indústrias. As que se instalassem em todo o perímetro municipal, e que não tivessem seus gêneros produzidos na cidade, teriam como vantagem a isenção durante cinco anos das taxas de impostos pagos à prefeitura.

A urbanização do município também estava no bojo da nova administração que proibia a construção de casas de madeira nas principais ruas do centro, e as plantações deveriam estar a pelo menos 50 metros das vias públicas. O novo desenho urbano do centro de Jaraguá do Sul passou por modificações nas vias públicas. Amadeus Mafhud, quando

questionado sobre a mudança do nome das ruas, principalmente a Rua Independência no governo Vargas, afirma que “avenida segundo consta no dicionário é uma rua que tem arborização, quando colocaram nas calçadas umas arvores, pequena arborização denominaram Avenida Getúlio Vargas” (2009).

Porém, mesmo com a urbanização e grandes transformações na área central do município, problemas decorrentes da conservação das estradas eram ainda muito presentes na década de 1930, conforme nos relata Otokar Freiburger²²

Nós íamos no domingo na Igreja Matriz São Sebastião que era lá no morro, nós íamos de carroça, o pai levava tudo junto, às vezes ia um vizinho junto e entupia a carroça e levava. Na frente da Igreja tinha um pasto grande para amarrar os cavalos, deixar as carroças. A estrada era de cheia de buracos (2009).

A preocupação com o crescimento do município não diminuiu a precaução com os aspectos sanitários, tanto que uma resolução em 1936 obrigava todos os cães a utilizarem mordaça e coleira com licença para transitarem pelas ruas da cidade, sendo a multa no valor 4\$000 por ano. A multa pelo descumprimento da obrigação era de 10\$000 por cão, e as pessoas que apreendessem cachorros na cidade ganhavam uma premiação de 2\$000 por animal (Relatório de Jaraguá do Sul, 1936). Entretanto, os cães que serviam como guardas das residências, desde que não transitassem nas ruas, estavam isentos da licença. No final da década de 1930, a municipalidade teve a preocupação em delimitar as áreas urbanas e suburbanas da cidade e do distrito de Hansa. A delimitação era necessária, uma vez que implicava no valor do imposto territorial a ser pago pelo morador.

A administração pública procurava legislar sobre as diversões, uma das medidas de maior importância, nesse sentido, ocorreu no final dos anos 30, isto é, a criação do “Imposto sobre Diversão”. Por meio da Resolução 30 (Lei Orçamentária de Jaraguá do Sul, 1936) no ano de 1936, que afirmava no seu primeiro parágrafo: “Fica creado o imposto de Diversões Públicas que será cobrado: em taxa fixa, pelas diversas espécies de diversões”. E, a respeito

²² A entrevista com o senhor Otokar Osvaldo Freiberguer foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em maio de 2009. Todas as referências que aparecerem ao senhor Otokar a nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

das taxas praticadas, continua a resolução: “Circo de cavallinhos, ginástica e outros por espetáculo: 20\$000”. Se compararmos com o valor praticado pelas apresentações teatrais, que ficam em 30\$000 por apresentação, percebe-se, já neste momento, a diferença na valorização entre o circo e o teatro. Além dessa taxa fixa sobre o espetáculo, era cobrado 10% do valor das entradas vendidas.

A resolução não abordava apenas os aspectos de taxas a serem quitadas, outra preocupação da mesma era a respeito da regularização das entradas. Para cada função, o empresário deveria entregar bilhetes de ingressos para as cadeiras, camarotes ou outras formas de acomodações. Esses bilhetes deveriam conter: número do bilhete, nome da casa de diversão, nome do empresário (proprietário ou responsável), preço da entrada e só serviria para uma apresentação, além de haver a necessidade dos bilhetes serem picotados para uma parte ficar com o proprietário e a outra com o espectador. Possivelmente essas normas foram criadas na tentativa de garantir o valor de 20\$000 por apresentação e de 10% sobre a venda dos ingressos.

Como era comum a apresentação dos circos e circos-teatros de funções em benefício de alguma pessoa ou entidade das cidades que montavam as suas estruturas, a legislação de Jaraguá previa, nesses casos, a isenção das taxas, porém isso só ocorreria se a renda bruta fosse destinada para fins humanitários. Dessa forma, os circenses deveriam arcar com as despesas para a realização da apresentação. Por fim, a resolução esclarece que, ao final de todas as apresentações, o responsável pelo circo e um fiscal da prefeitura deveriam incinerar os bilhetes utilizados em cada uma das funções. As normas que não fossem cumpridas pelos empresários resultariam em multa de 100\$000.

Em dezembro de 1934 tivemos a presença do Circo Sarassani em Jaraguá do Sul. Este fora noticiado pelo Jornal Jaraguá, jornal integralista bilíngue, e a presença do circo estava na parte em alemão do jornal (Jaraguá,1934, n.04, p.02). Porém, o jornal não realizou nenhuma crítica ou notícia referente às atrações levadas ao picadeiro pelo circo.

No início do ano de 1935, em Jaraguá do Sul, armou suas lonas o Circo Riviero que, segundo a sua propaganda, tinha estrutura de 40 metros com lotação para mais de 2000 pessoas. Além disso, dispunha de banda própria, mais de 50 artistas e 60 animais e nas descrições dos animais fazia questão de ressaltar os países de origens dos mesmos (*O Correio do Povo*, 1935, n.723, n.02). A capacidade veiculada pelo circo era superior ao número de habitantes que residiam na parte urbana do município, assim, para que houvesse a lotação

máxima, era necessário que moradores da zona rural também se deslocassem para assistir às funções. Considerando as informações presentes nas propagandas do circo como verídicas, podemos considerar o Circo Riviero como um dos maiores, se não, o maior circo que visitara Jaraguá do Sul até aquele momento e, possivelmente, teve repercussão entre os habitantes a grandiosidade do circo na cidade.

O Circo Três Irmãos esteve na cidade em julho de 1935 e, nestes dois circos que estiveram no mesmo ano no município, não foram noticiados elementos teatrais em seus programas de apresentações.

Porém, no ano de 1935, as agitações políticas no cenário nacional já tinham grande repercussão em Jaraguá do Sul. Os historiadores Silvia Kita e Ademir Piffer, afirmam sobre este ano que

Em 1935 encontramos um dos raros convites publicados no semanário *O Correio do Povo*, pois tudo leva a crer que o clima político ruim, provocado pela Intentona Comunista naquele ano, colocou as autoridades em alerta máximo contra a oposição, a Aliança Nacional Libertadora e a Ação Integralista Brasileira (Piffer; Kita, 2009 p .50).

Mesmo com todas as agitações políticas, os circos tiveram grande presença na cidade. Entretanto, até o momento dos circos armarem suas estruturas em Jaraguá do Sul, era necessária uma série de obrigações que garantissem a legalidade do mesmo. Dessa forma, na maioria das vezes, um secretário do circo vinha à cidade para que pudesse escolher um terreno ocioso na área central que serviria para a companhia. Depois, tinha de pagar as taxas e licenças necessárias e, por fim, inteirar-se das resoluções específicas de normas e obrigações das companhias circenses, como a Resolução 30, já citada nessa pesquisa.

Os circos e circos-teatros deveriam enviar à prefeitura um requerimento solicitando a licença para armarem as suas estruturas. O Circo Olímpico, que já esteve na década de 1920 na cidade, em dezembro de 1936, enviou um desses ofícios para conseguir a liberação dos órgãos municipais, como segue na fotografia da próxima página:

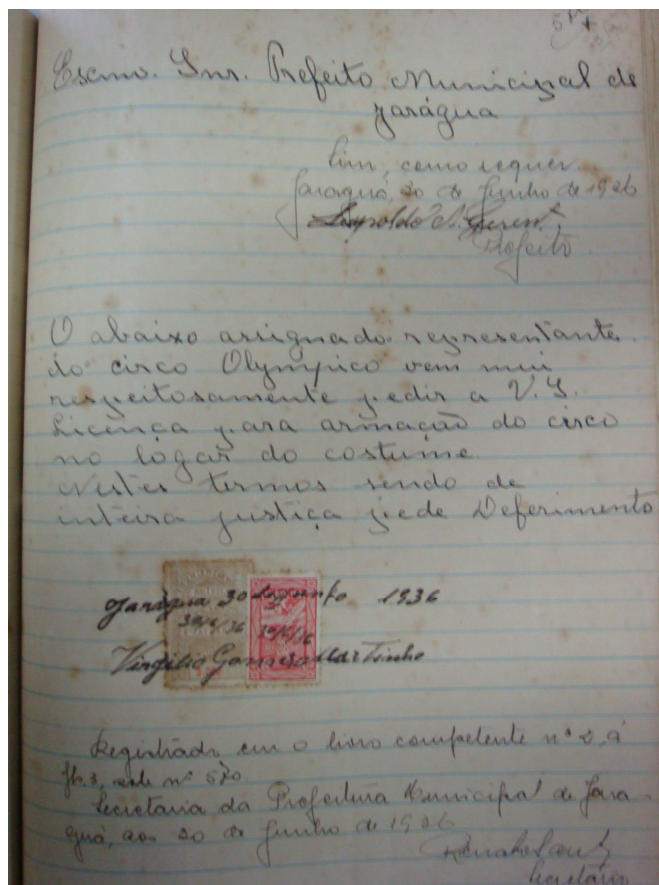


Figura nº 25

Fonte: Livro de Requerimentos da Prefeitura de Jaraguá do Sul, localizado no Arquivo Histórico Eugenio Victor Schomoekel

“O abaixo assignado representante do Circo Olympico vem mui respeitosamente pedir a V.Y. Licença para armação do circo no lugar do costume. Nestes termos sendo de inteira justiça pede deferimento”.

No requerimento percebemos que o Circo Olímpico pede para que a autorização seja concedida para a armação no “lugar de costume”, denotando a recorrência do circo na cidade, pois tinha um terreno ocioso na área central em que sempre montavam as estruturas, ou também pode ser que esse “lugar de costume” era “de costume” de todos os circos que, na década de 1930, era na rua central, Rua Abdon Batista.

Os secretários das trupes circenses normalmente entravam em contato com a imprensa local para que fosse publicada alguma nota da presença do mesmo na cidade. Isso gerava expectativa na população para, em breve, receberem uma atração circense.

Para as companhias circenses, com o terreno já escolhido, uma das primeiras providências era procurar uma serraria local (em Jaraguá do Sul havia várias) para a compra da serragem que seria utilizada na entrada e no picadeiro, assim estavam garantidas as

apresentações, mesmo que o clima não colaborasse.

Os circenses ficavam hospedados em barracas no próprio circo, não utilizando nenhum serviço de hotel e também não alugavam casas, uma vez que o tempo de permanência era muito curto e não compensava financeiramente essa modalidade de estada; no máximo a maioria dos circos permanecia pouco mais de uma semana na cidade.

Com a chegada na cidade era necessário montar toda a estrutura, em que todos os artistas estavam envolvidos, e levavam em torno de dois dias, segundo entrevistas. No período dos anos 30, os circos armavam suas lonas na Rua Abdon Batista (atual Marechal Deodoro da Fonseca). Apesar de ser uma das ruas centrais do município, havia grandes pastos com bois.

A escolha por terrenos centrais era uma estratégia para que o público pudesse comparecer em peso às apresentações, além de que a centralidade urbana exercia um fascínio na cidade, pois “o centro é o marco zero da cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem”(Pesavento, 2007, p.03). Assim, o centro era o ponto exclusivo para a montagem dos empreendimentos artísticos, já que “o centro é um espaço privilegiado no tempo” (Pesavento, 2007, p.03). O centro é, normalmente, o núcleo mais antigo da cidade, onde tudo começou, por isso seu grande prestígio. Identificar esses terrenos utilizados para as instalações artísticas conta um pouco da história da cidade e dos caminhos utilizados pela sua população.

Não foram localizados vestígios que afirmem que os circos e circos-teatros tenham se instalado no interior do município ao longo dos anos de 1920 e 1930, corroborando a preferência do centro como privilegiado para essas companhias.

Abaixo segue a fotografia de um dos locais onde eram erguidos os circos e local que, no final da década citada, foi construída a sede da Prefeitura Municipal; esse mesmo local, na década de 90, transformou-se no Museu Emílio da Silva.



Figura nº26

Na fotografia visualizamos o local onde eram armadas as estruturas dos circos que se apresentaram em Jaraguá do Sul na década de 30. Percebemos que o terreno já estava sendo preparado para a construção da sede municipal. No primeiro plano identificamos um pequeno galpão no qual estava escrito “Prefeitura”. Ao lado esquerdo da imagem há dois funcionários trabalhando no preparo do terreno para receber a construção e no fundo há um galpão maior onde possivelmente eram guardados os utensílios e o material de construção.

Os circos e circos-teatros que não instalassem as suas estruturas no local indicado (ver fotografia acima), até por que com o início das construções do prédio da Prefeitura não havia mais condições naquele terreno, tinham como opção um terreno ocioso em frente ao Colégio São Luiz. Assim, no final dos anos 1930 e nos anos de 1940, essa foi uma das opções. A seguir segue a fotografia de um dos circos montados naquele terreno, infelizmente não é possível precisar o ano e de qual circo se tratava. Porém, a fotografia pode nos dar a dimensão do tamanho do circo.



Figura nº27

Fonte: Acervo do Colégio São Luiz

Não foi possível precisar o ano exato da fotografia acima, porém esta se encontrava no arquivo do Colégio São Luiz, separada na pasta intitulada “Décadas de 30 e 40”. Ao que tudo indica, pelas pessoas que estavam entrando no Circo, homens, e pelos trajés (uniformes) tratava-se de uma apresentação para os alunos e padres do Colégio São Luiz. Identificamos também que se trata de uma “matinê”, ou seja, uma apresentação diurna. Assim, tudo leva a crer que era uma apresentação fechada para os alunos e professores do Colégio, ou mesmo uma visita. Como já fora esclarecido, o circo cumpria muitas vezes a função de zoológico e permitia aos estudantes conhecer os animais.

Entretanto, instalar os empreendimentos artísticos no centro da cidade não garantia a presença de habitantes de todo o município, pois muitos continuavam com dificuldades para assistirem aos espetáculos. Como afirma Olga P. Majcher, que durante quatro anos da sua infância morou em Garibaldi (bairro da zona rural jaraguense)

Quando eu era pequena eu passei muito tempo em Garibaldi, quase quatro anos na casa de nossos tios. Morando lá eu não tive experiência nenhuma de poder assistir um espetáculo, porque, talvez eles até gostassem de vir, mas era tão difícil, devido a falta de condução, devido a distância. O circo normalmente funcionava a noite, porque Jaraguá é um local de trabalho desde sempre, as pessoas trabalham durante o dia e a noite iam ao circo, era uma festa (2009).

Além de não poderem vir até o centro da cidade para assistir às apresentações circenses, muitas vezes nem ficavam sabendo, pois “lá nem se tinha notícia, porque não tinha o rádio, não tinha telefone, o telefone é coisa de meio ano. Não havia comunicação.[...] Ficávamos sabendo só depois” (Majcher, 2009). Sobre o tempo necessário para vir do interior para o centro, a entrevistada afirma que “uma vez eu vim para um casamento, saímos de carroça às 3h30 para chegar a missa das 7h, a estrada era de chão batido com muita pedra no caminho, era difícil.[...]Era difícil um colono vir mais de uma vez no ano para Jaraguá, vinha para pagar impostos” (Majcher, 2009).

Ao encaminharem-se para o final da década de 1930, identificamos que os episódios políticos tiveram grande repercussão em Jaraguá. Voltando um pouco à era Vargas, para 1938 estavam marcadas as eleições para presidente. Assim, no início de 1937, formalizaram-se as candidaturas e, em aspecto de normalidade, ocorriam as alianças e conchavos políticos. Contudo, uma sombra de golpe já pairava no Brasil por causa das atitudes autoritárias de Vargas.

O acirramento das perseguições políticas, após a Intentona Comunista em 1935 e o aumento do poder dos órgãos de fiscalização e repressão eram aspectos estratégicos de Vargas, que culminou com o golpe de 1937, baseado em plano forjado creditado aos comunistas, e através deste começou o período denominado Estado Novo, o qual perdurou até a metade da década de 1940.

No decorrer do ano de 1937 pode-se verificar uma grande quantidade de reportagens negativas referente aos comunistas brasileiros. Percebe-se nestes que havia um temor referente a uma possível ação que viesse a prejudicar a organização política existente.

Outro setor político bastante criticado no mesmo ano eram os integralistas. O jornal *O Correio do Povo* afirmava que “a maioria dos vereadores verdes, quando vem a Câmara, não discutem, não apresentam projetos, não dão sugestão alguma. Mudo como portas, apenas nas votações acompanham o chefe dizendo amem” (1937,n.870, p.01). Essa perseguição aos grupos comunistas e integralistas fazia parte dos projetos do governo do Governo Vargas para a realização de um Golpe de Estado.

A instalação do governo autoritário de Getúlio Vargas em 1937 foi uma consequência da atuação do governo, desde o seu período constitucional. A partir de 1934, medidas coercitivas foram gradualmente adotadas visando ao controle da população, em especial os estrangeiros (que em Jaraguá do Sul viviam em grande número), e à montagem de um amplo

sistema de propaganda do governo que objetivava legitimar o governo ditatorial que viria a ser instalado.

A repercussão do Golpe de Estado de Vargas no semanário jaraguense intitulou-se “A não integrada nas suas aspirações democráticas, toma novos e seguros rumos”.(*O Correio do Povo*, 1937, n.892, p.01).A reportagem refletia a alegria, o entusiasmo e a confiança em Getúlio Vargas, e que a atitude do presidente trazia mais segurança para os brasileiros e possibilitaria um futuro grandioso para os mesmos.

No final dos anos 30, a política propagandista de Getúlio Vargas e do Estado Novo era muito intensa no semanário de Jaraguá do Sul. Fotografias do presidente e frases ufanistas marcavam o tom da campanha, com dizeres como: “Acima dos ódios e das rivalidades, acima dos partidos e das competições, paira a imagem da pátria. Getúlio Vargas” (*O Correio do Povo*, 1938, n.925, p.01).

O peso da ditadura Vargas instalou-se em Jaraguá do Sul por meio da Campanha de Nacionalização que visava à “proibição do uso da língua estrangeira na comunicação diária das pessoas, nos meios de comunicação, nos nomes das escolas e outras instituições” (Kita, 1998, p.30) ou seja, pretendia dar feição nacional a todas as atividades, principalmente à educação. Por entenderem a escola como lugar perpetuador dos ideais nacionais e a língua como elemento gerador de patriotismo, a proibição do ensino em outra língua, que não o português, recaiu sobre os jaraguenses com efeitos devastadores.

Entre os anos de 1937 a 1939 houve o fechamento de 19 escolas, entre particulares, estaduais ou municipais, que resultaram em mais de 1.300 alunos sem estudar (Kita, 1998, p. 30). Outro reflexo direto dessa campanha nacionalista foi a diminuição do índice de aprovação, uma vez que havia dificuldade de adaptação dos alunos estrangeiros com a língua nacional. Devido ao fechamento das escolas sem a substituição por outras, o município viu crescer drasticamente a taxa de analfabetismo; de 14% em 1926 para mais de 38% em 1940 (Kita, 1998,p.32).

A nacionalização, além de afetar o ensino, deixou grandes marcas em Jaraguá do Sul. Olga Majcher afirma que “foi um período em que as pessoas sentiam muita insegurança e do qual os protagonistas não gostavam de lembrar; nem falar para seus filhos detalhes e informações” (Majcher, 2007, p.144). Na área cultural os aspectos nacionalistas fizeram-se sentir na medida em que clubes, sociedades esportivas, de tiro, tiveram de encerrar as suas atividades por serem consideradas “perigosas” à pátria. As transformações culturais

decorrentes da condução política do país em diferentes medidas atingiram os jaraguaenses e influenciaram o seu cotidiano no final dos anos 30.

Além dos acontecimentos internos, o que acontecia na Europa também despertava interesse nos jaraguaenses. As primeiras manobras, acordos, ocupações e discursos que levaram à 2ª Guerra Mundial foram grande destaque no Jornal *O Correio do Povo*. Durante o ano de 1938 em quase todas as edições houve alguma nota ou reportagem sobre esses assuntos. Denotando assim, mais uma vez, o interesse da população com o que acontecia na Alemanha e Itália.

Contudo, mesmo em meio a tais agitações políticas, no ano de 1937 tivemos a presença do Circo 9 Irmãos apresentando-se na cidade, com apenas 4 funções. O destaque do circo era um elefante de 4.500 kg e as apresentações de comédias (*O Correio do Povo*, 1937,n.882, p.03).

Em novembro de 1937, menos de 20 dias após a promulgação do Estado Novo, com grande propaganda estreou o Grande Circo Norte Americano que permaneceu apenas três dias na cidade. Como chamariz veiculava a presença de oito palhaços e a diversidade de animais exóticos. Praticava os seguintes preços:

“Camarotes 25\$000
Cadeira numerada 6\$000
Cadeira sem número 5\$000
Geral 4\$000
Meia entrada 2\$500”
(*O Correio do Povo*, 1937,n.890, p.02)

Os preços praticados pelas companhias eram acessíveis e para Amadeus Mafhud “a entrada era razoável, era papai que pagava, não faço nem lembrança, mas nós íamos ao poleiro, sempre no poleiro, tinha os camarotes e cadeiras na frente eles reservavam para as autoridades, prefeitos” (2009). Amadeus continua a descrição afirmando que os camarotes tinham lugares para quatro ou oito pessoas no máximo. Olga P. Majcher já recorda que “as cadeiras eram caras e nunca lotavam, já as arquibancadas ficavam cheias” (2009).

Para compreender os preços, fazemos neste momento uma breve equivalência: para assistir ao espetáculo do camarote o cidadão tinha de desembolsar a quantia necessária para comprar três cobertores de pelúcia de casal, na época. O camarote era correspondente a dois anos e meio de assinatura do jornal *O Correio do Povo*; já a cadeira numerada correspondia a um semestre da assinatura do mesmo jornal. A meia entrada, o ingresso mais barato do circo,

equivalia a mais de 12 exemplares do referido jornal. Por fim, podemos destacar que assistir ao circo exigia, do jaraguaense na década de 30, o desembolso de uma quantidade considerada de dinheiro, principalmente se o mesmo levasse a família ao evento.

O Grande Circo Norte Americano foi, dentre os circos e circos-teatros que estiveram em Jaraguá do Sul, o que mais se preocupou com propaganda. Fez um anúncio de meia página no jornal *O O Correio do Povo*, como mostra a imagem abaixo:

Figura ° 28

Fonte: *O O Correio do Povo*, 1937, n.890,p.02.

A reportagem acima contém as seguintes informações: “Grande Circo Norte Americano. Hoje-Colossal Estréia-Hoje a’s 20,45! Artistas de toda a parte do mundo! 8 palhaços. Convida-se o povo das visinhas localidades para ver o verdadeiro circo! 3 dias em Jaraguá.” Embaixo da fotografia, “Capitão Julio. Enfrentando tigres e leões na grande jaula”. Continua a reportagem:

“Grande collecção zoologia com tigres, leões, leopardos, hyenas, elephantes, camelos, zebras, pantheras, cavallos arabes, poneys de 60 cts. de altra. Chimpanzês, macacos, etc. Animais de todas as raças. 80 animais amestrados. O ponto chick. Preferido pela Élite!” Continua a propaganda anunciando os preços: “Camarotes 25\$000- Cad. Num. 6\$000- Cad.sem numero 5\$000- Geral 4\$000- Meia Entrada 2\$500. Domingo: Matiné chick as 15horas. Preços reduzidos. Vá ver o verdadeiro Circo. Uma oportunidade. 3 dias em Jaraguá.

Outro ponto importante é que a propaganda acima veiculava “o ponto chick- preferido pela elite!”. Nesse momento identificamos uma clara necessidade de estratificação social como propaganda para o circo, podemos supor, assim, que essa estratégia era necessária para o município jaraguense. Dessa forma, ser “chick” era prestigiar as funções circenses em Jaraguá do Sul. Pode-se creditar o aumento do número e qualidade das propagandas circenses ao desenvolvimento da própria cidade de Jaraguá do Sul, pois naquele momento investir em propaganda já era viável aos circos e circos-teatros, ou seja, deveria ocorrer o retorno financeiro esperado.

Em 1938 temos novamente a presença do *Circo Novo Horizonte* que já esteve presente na cidade nos anos de 1924, 1932 e novamente trazia à cidade, com grande sucesso, a modalidade do Circo-Teatro. Em 1939, seguindo a tendência do elemento teatral, temos a presença do Circo Zoany que apresentou, segundo a própria companhia, “a obra prima do século XX: O Tanque da Morte ou o Escafandrista Infernal”; infelizmente não foram localizados outros dados referentes a essa apresentação teatral na cidade.

Ao estrear, os circos e circos-teatros que se apresentaram na cidade nos anos de 1930 tinham de trazer o público para as funções. Então, para isso, como propagandas, além de anúncios nos jornais, em cartazes, havia nas ruas os desfiles: “eles tinham um desfile com animais nas jaulas, eram tigres e leões, e com o auto-falante iam anunciando, corriam a cidade toda ‘A noite tem isso, tem aquilo’ (Mafhud, 2009). A senhora Olga P. Majcher também se recorda desses desfiles ao lembrar que “o circo vinha, como hoje, eles faziam a passeata pela rua, com o elefante na frente, enfim, a pessoa anunciando no auto-falante. Era sempre uma alegria quando o Circo chegava” (2009). Tal meio de propaganda era comum nos circos naquele período pelo Brasil e surtiam os efeitos desejados, já que “um falava para o outro ‘Veio o circo’ (Mafhud,2009) . O desfile realizado era imprescindível em Jaraguá do Sul, uma vez que, como veremos adiante, os animais selvagens eram uma dos destaques e chamarizes circenses.

Com apresentações nas quartas, sábados e domingos, os circos obtinham, de acordo com os entrevistados, excelente público. E ainda alguns realizavam as “domingueiras”, que eram apresentações no domingo à tarde mais voltadas para as crianças.

Como uma das estratégias para conquistar a simpatia da população para as apresentações eram as funções em benefício, como já fora debatido anteriormente, Otokar Freiburger afirma que “o circo incentivava bastante a gente ir, eles faziam apresentação para

ajudar alguma entidade. Eles ajudavam na cidade” (2009).

Através dos relatos referentes às atrações circenses, percebe-se a presença marcante de feras e animais exóticos, como afirma Amadeus Mafhud: “a gente só ouvia falar em um leão, nunca viu nem em fotografia, nem no cinema. Um leão, mas que bicho era aquele?” (2009). Em outro momento da entrevista, Mafhud salienta que “tanto elefante para nós era uma novidade, a zebra, leões e macacos, aquilo era para nós gurizada, pelo amor de Deus” (2009). Doravante, a possibilidade de visualizar esses animais, só presentes na imaginação, era, segundo os relatos, o destaque na programação circense. Sobre a presença animal nas lonas circense, Duarte afirma que

Mas não apenas os cavalos prestavam-se a essas demonstrações incomuns. Vários outros animais participavam dos espetáculos, constituindo-se num grande atrativo para o público. Havia dois tipos básicos de exibições: a de animais domésticos, amestrados para assumirem posturas e atos originais e a de animais ferozes (1995,p.187).

Os animais domésticos que em maior número apresentaram-se em Jaraguá do Sul, nos anos 30, foram os cães. Estes, ao realizarem seus números, arrancavam suspiros da plateia, justamente por façanhas até então inimagináveis pelos habitantes e por uma certa “humanização” dos animais. Já no tocante às feras exóticas, estas gozavam de prestígio, isto é, “seu caráter ameaçador, selvagem, incontrolável” (Duarte, 1995, p.188). Assim, Duarte completa que os circos cumpriam nas cidades menores a função de zoológico, como no município jaraguense. Dessa forma, as duas categorias de animais eram prestigiadas pelo público na cidade e isso se deve ao fato de

Entre animais domésticos, deslocados de suas atividades estabelecidas entre cercas de propriedades agrícolas, e feras indomáveis, admiradas em sua selvageria, o circo trazia animais aplaudidos por motivos aparentemente contraditórios. Uns eram adorados por negarem a condição de bestas – no caso dos domésticos – outros por recusarem a perda da primitiva ferocidade, como ocorria com as venenosas e traiçoeiras serpentes ou com os terríveis leões (Duarte, 1995, p.189).

Além desses números, os circos aos realizarem diversas funções na mesma praça tinham como estratégia variar as atrações para garantirem a presença do público nas outras noites de apresentação. Assim, “um ou outro número era diferente, hoje eles faziam salto no trapézio em dois, depois em três e sempre anunciavam os números diferentes”(Mafud, 2009).

E, por fim, com a promulgação do Estado Novo, as atividades culturais e sociais organizada por jaraguenses diminuíram drasticamente, como afirma Pfiffer e Kita, “outro aspecto que notamos ao folhear as páginas do semanário do *O Correio do Povo* é que, nos anos 30, a partir da era Vargas e na véspera da institucionalização do Estado Novo e os anos posteriores os anúncios retratando a vida social na Sociedade de Atiradores de Jaraguá, pois os teuto-brasileiros se ressentiam e preferiam o anonimato de suas tradições” (2009, p.58).

No ano de 1939 o Sport Clube Germânia foi obrigado a encerrar as suas atividades por causa da Campanha Nacionalista. Outros clubes que conseguiram adaptarem-se às novas regras, como a Sociedades de Atiradores Jaraguá, tiveram sobrevida, principalmente com a organização de bailes de carnavais e de cunhos patrióticos.

2.4 INFLUÊNCIAS DO CIRCO-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS ANOS DE 1930

Para iniciar este mapeamento das influências na população jaraguense referente aos circos e circos-teatros, subscrevo a fala de Amadeus Mafhud sobre a primeira vez que foi ao circo na cidade. Ele, inicialmente, dá um longo suspiro e comenta: “Ai meu Deus, isso eu lembro. O circo era a maior atração” (2009). A senhora Olga P.Majcher também descreve a presença circense, “quando o circo estava na cidade, ai Meu Deus, todo mundo se programava para ir, principalmente as crianças, era muito bonito, era um espetáculo” (2009). Nesse sentido, o relato de Otokar Osvaldo Freiberger vem corroborar a importância das companhias circenses para a população jaraguense, pois este afirma que

O circo chegou, o pessoal se alegrou era a alegria do pessoal, quer dizer, era tudo quietinho, não tinha nada, quando vinha o circo vinha aquele povaréu tudo na frente do circo, à espera de começar a sessão o pessoal ficava conversando (2009).

As companhias já causavam alvoroço e modificavam o cotidiano jaraguense na sua chegada; alguns dos circos utilizavam a Estação Ferroviária. Amadeus Mafhud comenta que

Os circos eram grandes para época, do tamanho destes que vem hoje, porque eles tinham um meio de transporte, a ferrovia, e por isso que vinham. Naquele caminhão eram pequenininho com reboque que dava para carregar aqueles mastros compridos aquela coisa toda. Os animais vinham em vagão gaiola, cavalos elefantes. (...)

Todos corriam para a estação para o desembarque, (...) aquilo para nós era uma alegria, coisa de outro mundo (2009).

Após descarregarem as suas estruturas na cidade, os circos, como meio de propaganda já comentando, utilizavam-se do desfile de animais e artistas nas ruas centrais. A senhora Olga P. Majcher relata que:

A minha irmã, Carmem, sempre me contava, que quando o circo chegava a propaganda tinha que ser feita no boca-a-boca. O senhor França Frosgraw que trabalhava na prefeitura, era músico nas horas vagas. Então o senhor França Frosgraw era contratado pelo circo para sair na frente da apresentação do circo, pois o circo colocava os animais naquelas jaulas de rodinhas com leão, elefantes, levavam os animais para mostrar a cidade e na frente ia o palhaço. Mas o senhor França ia à frente tocando o trombone, mas ele queria um pouco mais de vida nesta apresentação, então ele ia de casa em casa onde tinha meninos e meninas para irem à frente fazendo algazarra e chamar atenção. (...) Assim, a comunidade já participava quando o circo chegava (Majcher, 2009).

Essa mudança no cotidiano era comum nas cidades brasileiras de pequeno porte durante o século XIX, porém continuava presente nas primeiras décadas do século XX. Duarte afirma que “as companhias transformavam esse cotidiano, trazendo inovações. Notícias, hábitos e modas de outros lugares” (Duarte, 1995, p.156). Além disso, segundo Silva, “os circos tornavam-se, para a maioria daquelas cidades, as únicas atrações, mexendo com as fantasias e expectativas das pessoas de todas as condições sociais, idades, cores e credos” (Silva, 2007, p.85).

Sobre assistir ao espetáculo das arquibancadas, para as mulheres não era tarefa fácil. Olga P. Majcher afirma que

As meninas tinham que fazer uma ginástica, pois nós não usávamos shorts, naquele tempo. Naquela época menina usava vestido, então era difícil subir, tinha que saber subir, ser discreta para não deixar nada a mostra. A gente ia, não muito alto, dá para entender, por motivos óbvios, mas dava-se um jeito. [...] As tábuas não eram muito lisas, assim tinha que cuidar para não repuxar a roupa (2009).

Mesmo que os preços das entradas eram acessíveis, nem todos podiam pagar, assim, algumas crianças, nos anos de 1930, encontravam estratégias para não perder a oportunidade de ir ao circo ou circo-teatro, ou seja, não mediam esforços para prestigiarem os espetáculos. Olga P. Majcher afirma que

Os meninos, quando o circo chegava, já corriam para serem contratados. Eles queriam vender aqueles cartuchinhos de amendoim, pois com isso eles não precisavam pagar a entrada do circo. E só os meninos, as meninas não iam vender amendoins de jeito nenhum. E quando eles não conseguiam para vender aqueles cartuchinhos, e se eles não tinham dinheiro para pagar a entrada, eles deixavam começar a sessão e quando estava todos distraídos com o palhaço, passavam todos debaixo da lona. Ai com muito cuidado eles se instalavam na arquibancada. Era muito engraçado (2009).

Os pais também procuravam não medir esforços para que os filhos pudessem se divertir no circo e circos-teatros, sendo assim “eu me lembro que naquele tempo as pessoas chegavam a emprestar da vizinha o dinheirinho pros filhos poderem ir aos circos. As pessoas faziam, as famílias faziam, sinal, de que consideravam que o espetáculo eram bons” (Majcher, 2009). Todo esse esforço marca a importância que tinham tais apresentações na vida dos entrevistados, bem como na de toda a comunidade jaraguense. Assim, percebemos mais uma vez que o conceito da população em relação à presença nos circos e circos-teatros era extremamente positivo.

A explicação para a importância do circo na população jaraguense está, em certa medida, nos números realizados pelos artistas, pois estes despertavam temor, apreensão, alegria e euforia. Olga P. Maycher admite, sobre os números perigosos, que o que mais a preocupava era o trapézio, pois este “me deixava muito tensa, porque eu tinha medo que o trapezista caísse, as bicicletas sobre o arame também” (2009). Outros números despertavam sensações de medo, como o Globo da Morte. Amadeu Mafhud comenta sobre esta apresentação

tinha o Globo da Morte. Duas motos e uma bicicleta dentro daquele globo enorme. Coisa de louco. Era um chamariz, todo mundo queria ver. O nome já dizia tudo, Globo da Morte. Dois motociclistas pra lá e pra cá com uma bicicleta no meio, com uma grande precisão (2009).

Além de números que colocavam em risco a integridade física, outras atrações resultavam em grandes sucessos, como os números cômicos com os palhaços. Afinal, “o circo que não tinha palhaço, não era circo” (Mafhud,2009). Acerca disso, Mário Bolognesi afirma que “o palhaço é a figura central dos espetáculos nos pequenos e médios circos, em qualquer uma das suas modalidades. Ele é o personagem pela insolência e irreverência (...)” (Bolognesi, 2003,p.53).Assim,como salienta o pesquisador sobre a importância do palhaço,

foi verificado que no imaginário jaraguaense este tinha papel fundamental na própria existência e reconhecimento da companhia como uma trupe circense. Otokar Freiburger confirma a importância desse artista ao relatar que “nós adorávamos o palhaço, ele era palhaço, mas depois ele vinha conversar conosco” (2009).

Em relação às peças teatrais representadas pelo Circo-Teatro, não foram localizados os textos teatrais, porém nos relatos dos entrevistados podemos identificar a importância e o imaginário da presença teatral nos circos para os jaraguaenses. A senhora Olga P. Majcher afirma que “eu assisti no circo a história de Santa Bernadete, interessante, eles apresentavam peças de teatro também. Então sempre aquela sensação[...].A primeira vez que assisti uma peça de teatro foi no Circo”(2009). Com esta fala percebemos a importância do circo com as apresentações teatrais, uma vez que estas não vinham com companhias que fossem especificamente de teatro.

Sobre uma das apresentações de teatro no circo-teatro, a entrevistada confirma que uma apresentação ficou muito marcada em sua memória e consegue descrever como foi. Segue abaixo parte desse relato:

Aquilo prendia atenção. Ficava todo mundo quietinho, desde criança até adulto. Era muito interessante. A história de Santa Bernadete no circo, como é que pode, né? Então eu me lembro assim, da voz severa da superiora da Santa Bernadete que chegava e dizia: “Bernadete Subirous”(a entrevistada procurando imitar a personagem), porque de início não acreditavam, claro, a Igreja sempre leva um tempo, ela é prudente. Mas foi muito interessante, não esqueci jamais (Majcher, 2009).

A entrevistada, quando questionada a respeito do que recordava sobre os elementos cênicos, afirmou que

Olha me impressionou muito a gruta, eles armaram uma gruta, deve ter sido com uma lona, mas imitava pedras, como hoje fazem com os presépios. Tinha uma gruta muito bonita, e aparecia a imagem da Nossa Senhora, e ela aparecia, ela entrava, de repente surgia. Era muito bonita. Os figurinos eram do estilo da época, saia comprida, as blusas com as mangas longas, bem simples (Majcher, 2009).

A presença dos Circos-teatros em Jaraguá do Sul nos anos de 1930 representou a oportunidade para a população de entrar em contato com o fazer teatral de fora da cidade e isso era muito prestigiado na comunidade. Entretanto, os números tradicionais também eram

considerados e estes eram apresentados na primeira metade do espetáculo, pois, “primeiro vinha os palhaços, os outros números. As peças eram o ponto de ouro no final, tinha que ter bastante tempo para encenar, duravam talvez uma hora e tinha um intervalo, para arrumar o cenário. Eles escolhiam peças bonitas” (Majcher, 2009).

Ao desmontarem suas estruturas e partirem para outras praças, muitas vezes ficavam objetos para trás que era reaproveitado pelas crianças do município, como relata Amadeus Mafhud: “um circo deixou um pedaço de lona velha e a gurizada montou um circo e tinha uma cabritazinha, a entrada era um botão, tinha a filha do Téo Benweski, ela fazia uma ginastiquinha” (2009). A senhora Olga P. Majcher também relata que “no dia seguinte, era toda aquela gurizada imitando aquelas acrobacias” (2009). Ainda afirma a entrevistada que:

A minha irmã conta que depois da passagem dos circos, em casa, eles imitavam as acrobacias, não sei como não quebravam um braço ou uma perna. Quando chovia, a sala da casa era tenda de circo, pegavam os lençóis, e só deixavam uma entrada. E vinham as crianças da redondezas e ficavam fazendo as acrobacias, a minha mãe devia dar graças a Deus, pois ficavam todos em casa e não na chuva (Majcher, 2009)

As apresentações ficavam enraizadas na mente dos que os assistiam e, em certa medida, tentavam reproduzi-las, talvez na esperança de resgatar os bons momentos passados dentro do circo ou a possibilidade de se tornarem, por alguns instantes e diante da “plateia” improvisada, os “heróis” que assistiam.

Essa mitificação dos artistas circenses por parte do público foi presente em Jaraguá do Sul e pode ser destacada na fala do Sr. Mafhud, quando afirma que “para nós, eles (os artistas circenses) eram heróis” (2009). Era recorrente pelas cidades, principalmente as pequenas, nas quais passavam os circos, esta exaltação do artista. Esse fato por ser creditado, em parte,

As múltiplas sensações diante da vida e da morte os limites e as capacidades do corpo encontram-se constantemente em jogo. Os atores do circo não são super-homens por um desenvolvimento intelectual ou espiritual a aproximá-los de algo divino. Seu talento remete a qualidades físicas, nas quais a corporalidade é o ponto a partir do qual ele supera-se a si mesmo (Duarte, 1995, p.191).

Essas qualidades físicas e a coragem em realizar números perigosos, e que desafiavam os limites humanos, eram esperadas nas apresentações circenses e, muitas vezes, na década de 30 surtiam maior sucesso que as encenações teatrais. Percebemos que para a população jaraguense havia de certa forma um “substituto” para a representação teatral, que seria o cinema, porém as feras exóticas, os animais amestrados e os números de destreza e risco corporal não tinham equivalente próximo no município em nenhum momento naquela década.

Por fim, no momento da partida do circo, as trupes circenses guardavam as lonas e saíam em busca de novos públicos. O sentimento despertado pela partida das trupes pode ser sintetizado pela fala do entrevistado. Para ele a partida do circo “era uma saudade”(Mafhud, 2009). Como afirma Duarte: “ficava para trás uma cidade ansiosa pela visita de outros nômades, que viessem transformar, mais uma vez, suas vidas, seu cotidiano, seu tempo, e despertar-lhes novos e diferentes sonhos e desejos” (Duarte,199, p.203). Porém, apesar do sentimento de tristeza pela saída do circo, outro sentimento, o de esperança, surgia na certeza da vinda de outra companhia, como afirma Otokar Freiburger “a gente ficava triste, mas sabia que logo vinha outro” (2009).

Para compreender as influências do circo e do circo-teatro na década de 1930 na cidade de Jaraguá do Sul, o relato do sr. Mafhud torna-se importante, pois este, afirma que a grande influência da presença destes era a possibilidade de desfrutar do novo, do diferente, “Jaraguá já tinha status de cidade e o circo era uma novidade, vinha colono, vinham todos.(...) Imagina, ver um elefante, um hipopótamo.(...) Um leão, isso era um atrativo, você tinha ouvido falar, mas nunca visto um” (2009). Para tentar fazer-se compreender a respeito das influências na cidade, o sr. Mafhud compara aos cidadãos da época aos índios, uma vez que, “nós éramos meio índios, pois nunca tínhamos visto aquilo, era um atrativo para nós, como índios que não conhecem o mundo.”(2009).

A senhora Olga P. Majcher reiteira sobre as influências destes empreendimentos artísticos que:

Eu penso que o básico era a diversão, e também a cultura que era trazida., afinal eles tinham até pequenos teatros. Mas principalmente a diversão, pois alvoroçava muito as crianças, deixava a cidade em polvorosa. Mas, o bonito, é que a cidade, mais especificamente as pessoas que moravam no centro que tinham mais acesso a informação imediata, eram os que mais curtiam tudo isso (2009).

Mas, a senhora Olga também afirma que na visão dela “havia uma participação da

comunidade. Uma aceitação muito positiva do circo na cidade” (2009).

Desta forma, durante toda a década de 1930 os circos tiveram de conviver e adaptarem-se a fatores de ordem simbólica que constituíam o cotidiano e influenciavam os jaraguaenses. Dentre estes podemos pinçar os principais: o ideário integralista, a questão sanitária e o nacionalismo de Vargas, que foram debatidos ao longo do capítulo. Entretanto, apesar de serem preocupações emergentes na população, a influência dos circos e circos-teatros atuou justamente em fazer a população, mesmo que por poucos instantes, esquecer esses e outros problemas e voltarem-se ao mundo surpreendente e mágico que os circos e circos-teatros despertavam.

Como ocorreram na década de 1920, muitas companhias que armaram as suas estruturas em Joinville não vieram apresentar-se em Jaraguá do Sul. Entre estas não estão apenas companhias circenses, mas também teatrais e musicais que vieram a Joinville de outras cidades e países. Reiterando dessa forma que Jaraguá do Sul não era ainda uma cidade que atraísse outras formas artísticas; possivelmente isso se deve ao fato de o município ainda não possuir, no período, um espaço próprio e adequado para que se instalassem tais atrações.

Apesar de que os anos 1930 foram marcados pela chegada em Jaraguá do Sul do circo-teatro, os números de variedades e exhibições de animais não perderam força, continuaram com o mesmo prestígio que foi verificado na década anterior. Porém, essa presença, mesmo que muitas vezes tímida do fator teatral, iria intensifica-se na década seguinte, com a presença dos parques-teatros na cidade.

CAPÍTULO 3 - CHEGOU A NOVIDADE! O PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NA DÉCADA DE 1940

3.1 ANOS DE 1940 E O PARQUE-TEATRO

Jaraguá do Sul, na década de 1940, caminhava a largos passos em direção ao crescimento estrutural e econômico. Entretanto, foram anos políticos complicados, uma vez que, no início da década, pairava sobre o município o medo advindo das atitudes e resoluções da ditadura varguista. Outro elemento fundamental nesse período foi a Segunda Guerra Mundial e suas consequências diretas em toda a população jaraguense. Todas essas transformações de ordem econômica, política e cultural não impediram que a população desfrutasse das opções culturais, dentre delas, o parque-teatro.

3.2 GUERRA, DESENVOLVIMENTO E O PARQUE-TEATRO

O ponto de partida de um novo conflito mundial foi justamente a 1ª Guerra Mundial, esta que deveria ser “a paz definitiva” de todos os conflitos foi a mola propulsora de uma guerra com resultados ainda mais devastadores do que a ocorrida no segundo decênio do século XX.

O Brasil, assim como os países do continente americano, não se envolveu no conflito nos dois primeiros anos, embora os norte-americanos prestassem auxílio financeiro e material aos ingleses. Somente em 1941, quando ocorre o ataque japonês a Pearl Harbor, foi que os Estados Unidos declararam guerra aos países do Eixo. Com esse novo desenho na guerra, o Brasil teve de abandonar sua posição de neutralidade. Apesar da simpatia explícita do governo brasileiro pelos nazi-fascistas e por manter uma ditadura, o Brasil recebia financiamentos americanos e, com isso, em 1942, concretizou uma aliança entre Brasil e Estados Unidos. Em seguida, os navios brasileiros foram afundados por submarinos alemães na costa brasileira. E, assim, em agosto do mesmo ano, com pressões populares, o Brasil declara guerra aos países do Eixo.

Essa declaração de guerra aprofundou as perseguições de descendentes alemães, italianos e japoneses no Brasil. Em Jaraguá do Sul, a Segunda Guerra Mundial afetou diretamente parte da população e mexeu com toda a estrutura e atividades na cidade. Descendentes alemães e italianos tiveram suas vidas modificadas, sendo seus hábitos e costumes perseguidos, alterando toda a rotina da cidade.

Em meio a esses acontecimentos, o município continuava o seu projeto de desenvolvimento. Dessa forma, no início dos anos de 1940, as ruas centrais da cidade possuíam pavimentação de macadame, meio fios e calçadas, e todos os prédios já eram numerados. E, em 1º de junho de 1940, Jaraguá do Sul recebeu a companhia circense Irmãos Marcovich, que armou as suas estruturas na esquina das ruas Getúlio Vargas e D. Pedro II. Ruas estas que eram as principais e nas quais giravam boa parte do comércio da cidade. Segue a veiculação do anúncio das apresentações circenses.



Figura nº29

Fonte: Jornal *O Correio do Povo*, 1940, n.978,p.03

Informações contidas na propaganda: “ Circo Irmãos Marcovich. Companhia circense de um formidável elenco artístico de ambos os sexos. Os Irmão Marcovich. ‘Reis dos Ares’, foram classificados os melhores, entre os melhores trapezistas da América do Sul. 4 formidáveis palhaços. O grande tony Tiririca. Diversos animaes amestrados em alta escola, alientando se PONY com 30 annos de arte e que tem alcançado o maior successo nas maiores capitaes da América do Sul. Grande repertório de DRAMAS, COMEDIAS E REVISTAS nacionaes. Hoje, Sabbado Amanhã, Domingo. Últimos espectaculos com grandes e variados programmas- Números sensacionaes.”

Além das apresentações tradicionais do circo, o jornal *O Correio do Povo* destaca o repertório de “dramas, comedias e revistas nacionaes” (1º/06/1940). O Circo Marcovich

seguia a tendência dos circos que se apresentaram na cidade ao longo da década anterior, efetivando uma mescla de números tradicionais com as apresentações teatrais. Entretanto, como se nota na propaganda, há maior destaque para os números tradicionais.

Em agosto de 1940 os jaraguenses prestigiaram o Gran-London Circus. Os números que obtiveram maior sucesso foram os protagonizados pelas irmãs Robattini, Alda e Geny, principalmente o da artista Alda domando animais. Não foram identificados elementos indicando que o circo apresentasse cenas teatrais.

O Gran- London Circus causou grande repercussão, uma vez que na crônica semanal do Jornal *O Correio do Povo* pode-se ler:

Estamos com um circo na terra.
O “Circus London” veio visitar-nos.
Disem que circo chegado é chuva na certa. É verdade que esta semana choveu um pouco e o frio tem castigado a gente, a despeito das mantas de lã, das capas e luvas.
O “Circus London” estreiou com uma enchente... de bilheteria. A noite estava linda. A propaganda deu resultado: - aquelle bichinho esquisito, percorrendoas nossas ruas dentro de um caminhão com alguns musicos, chamou a atenção olhando displicentemente para todos...
Se estivessemos nos bons tempos em que os bichos pensavam e fallavam, eu perguntaria ao bichinho esquisito do “Circus Londo” em que pensava elle olhando assim toda gente.
Porque, embora estejamos no seculo das realizações impossiveis n’aquelle tempo, o bichinho do “London” devia pensar em alguma cousa. Impressionou-me o seu olhar e, sobretudo, a sua calma resignada.
Quantos bichos esquisitos tambem estaria elle vendo! E no seu olhar, secreto, essa admiração... que o vento levou.
- Que admirável força de equilíbrio! – andou com dois pés! GIL VAZ (24/08/1940,n.990, p.01).

Percebemos através das palavras de Gil Vaz que a chegada do circo coincidia com períodos chuvosos, situação já conhecida desde a década de 30. Ainda a respeito da crônica, observa-se que a presença do público prestigiando o circo foi grande e que isso foi resultado da estratégia de divulgação. Sobre o desfile com animais, mais especificamente com um “bichinho esquisito”, que por falta de outras informações não podemos precisar de qual animal se tratava, o cronista realiza uma crítica à população que admira tais bichos, igualando-a a eles. Essa crítica não passou em branco pela população, possivelmente motivado por alguma carta de reclamação, o cronista vê-se obrigado a uma semana após respondê-las. Segue na outra página a transcrição da mesma:

Você com certeza sorriu, sorriu para você só, sábado, ao ler a minha crônica sobre aquele bichinho do London Circus. Sorriu não tanto pela minha crônica, sorriu porque você também surpreendeu o olhar do bichinho, - que nem todos compreenderam- olhar que queria dizer muita coisa e onde havia, sob a renúncia nostálgica aos recantos nataes, aquela inteligente admiração com que fechei a minha crônica.

Dirá você que exagerei. Que quiz ir mais longe, buscando uma lógica impossível a um bichinho de circo. Mas se for deixar de sorrir, se pensar um pouco, se olhar um instante o panorama da vida, há de se convencer que eu não errei traduzindo o olhar do bichinho. Eu não errei, minha amiga. Esse prodígio de equilíbrio é um facto. Existe. Há muita gente que o faz, andando em dois pés! O bichinho surpreendeu essa habilidade e se pudesse sorrir – você veria, minha amiga – mesmo ele sorriria também.

Cumprimenta-a, beijando as unhas rose-flur dos seus dedos longos e finos, o GIL VAZ (31/08/1940, n.991,p.02).

Antes de armar as suas estruturas, o Gran Circus- London realizou uma temporada de grande sucesso em Joinville. E com maiores informações sobre as apresentações, podemos presumir as que ocorreram em Jaraguá do Sul. Uma semana antes da estreia do circo, o jornal já noticiava o fato, comentando sobre o elenco e as estruturas, além da impressão da fotografia de artistas e animais, contabilizando três grandes reportagens. E, segundo o semanário joinvillense, de todas as atrações, as que mais se destacaram foram as que traziam os animais, principalmente o macaco. Talvez sendo esse o “bichinho esquisito” anunciado por Gil Vaz em Jaraguá do Sul.

No final de setembro de 1940 estive em Jaraguá do Sul o Circo Irmãos Garcia que apresentaram-se com o seu pavilhão na Rua Padre Francke. A companhia obteve grande êxito, principalmente com números cômicos de “Tricot” e “Chagas” e os números de mágica e ilusionismo do Professor Pacha, além do sucesso com as crianças nas matinês no fim de semana.

Apesar dessas construções, no mesmo período, a cidade ressentia-se de melhorias, estas constatadas pelo *Jornal de Joinville* no final de 1941; “dentre estes melhoramentos, destaca-se pela sua urgente necessidade, o serviço de abastecimento de água e esgoto, tarefa que a actual administração está cogitando levar a cabo” (*Jornal de Joinville*, 1941, n.635,p.04).

No tocante à economia na referida década, era crescente o número de estabelecimentos fabris. A indústria extrativa contava com 25 serrarias espalhadas no interior do município e que produziam para o consumo local, e quando havia o excedente exportavam quantidade

regular de madeira de lei. Diferentes artigos eram fabricados na cidade, como os laticínios, roupas, essências de frutas, de ervas, chapéus, bebidas, pólvoras, entre outros. Apesar de naquele momento parecer pouca a atividade industrial, havia previsões que viriam a serem confirmadas décadas posteriores, como a do *Jornal de Joinville*, sobre a potencialidade do município no setor econômico, como fica evidente ao referir-se que:

No que toca a indústria fabril, embora com um número escasso de fábricas, Jaraguá oferece possibilidades de ser um grande centro industrial. Cidade nova, entroncamento de estradas de rodagem, estrada de ferro, energia elétrica belíssima, próximo ao principal porto marítimo do Estado é de se esperar, assim, um notável desenvolvimento em um futuro próximo neste ramo de atividade (*Jornal de Joinville*, n.635,p.04).

Além das indústrias nascentes, a economia girava em torno do comércio, do qual os donos dos estabelecimentos comerciais não reclamavam da situação. Segundo o *Jornal de Joinville*, de novembro de 1941, até o início da década de 1940 não havia sido registrado nenhum caso de falência no município.

Para chegar ao município jaraguense poder-se-ia utilizar as vias de comunicação terrestre ou férrea, contando no período com três estações da Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina, uma no centro da cidade, outra em Nereu Ramos e ainda havia a estação de Hansa. Com isso os jaraguenses possuíam uma boa opção de circulação dentro do município.

Os habitantes puderam optar pelas vias rodoviárias, por intermédio de diversas linhas de ônibus que percorriam em todas as direções e realizavam as viagens para as capitais dos estados vizinhos. Sendo que a principal estrada de rodagem do estado atravessava a sede do município de oeste para o sul com uma extensão de 28 km. Em relação à arrecadação municipal de imposto, a previsão para o ano de 1940 era de 468:000\$000, sendo a soma alcançada superior, de 521:044\$000. E a arrecadação estadual de 1.111.529\$800.

No quesito da segurança, a parte urbana era servida pela Delegacia de Polícia e comandada pelo delegado Paulino Natal Binin e contava com mais cinco policiais; estava subordinada à Delegacia de Joinville. Já na área rural não havia nenhum órgão presente para realizar a segurança e, segundo o *Jornal de Joinville*, nessas áreas “o serviço policial está a cargo de cidadãos probos e honestos, denominados Inspetores de Quarteirão” (1941, n.638,p.02).

O setor judiciário contava no período com três juízes de paz e um promotor para toda a

Comarca de Jaraguá. No ano de 1940 tiveram, ao total, 15 denúncias a serem apuradas e julgadas em toda a comarca. Na fotografia a seguir podemos visualizar o centro do município de Jaraguá do Sul no início de 1941 e constatar parte das transformações descritas acima.



Fotografia nº 30

Fonte: Arquivo Municipal Eugenio Victor Schomoeckel

Na fotografia identificamos a ponte Abdon Batista. Esta, no final da década de 1930, recebeu proteção. A extensão da ponte era uma das entradas da cidade, tinha 80 metros. Podemos ainda avaliar que o número de construções eram maior que na década anterior. Em 1944, o número de edifícios era de 611 em todo o município.

Em 19 de janeiro de 1941 estreava em Jaraguá do Sul o Circo Sanches, voltado para as apresentações tradicionais, como trapézios e malabaristas, encerrava os espetáculos com a apresentação de uma pantomima. Já em 21 de junho do mesmo ano estreou o Circo Continental que também era marcado pelas atrações tradicionais, de destreza corporal e equilíbrio. Ambos os circos não permaneceram mais que quatro dias na cidade.

Não podemos esquecer que eram tempos de guerra, ou seja, o conflito trazia tensões e preocupações aos jaraguaenses, principalmente no tocante ao futuro. Isso fica evidente em nota no jornal *O Correio do Povo* no mês de janeiro, que diz: “entramos neste numero no ano

de 1942. As incertezas do atual momento internacional nos faz pensar em quais surpresas nos trará este ano novo” (1942,n.1154 p.01). Surpresa esta foi justamente a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A guerra ainda trouxe complicações para os estrangeiros residentes no Brasil. Em nota do dia 24 de janeiro de 1942, declarava que todos os estrangeiros não naturalizados deveriam registrar-se nas Delegacias de Polícia, sob pena de multa pelo não cumprimento do decreto.

Mais especificamente em Jaraguá do Sul, no ano de 1942 tivemos a presença de tropas legalistas do governo Vargas, segundo Pffifer e Kita

Vieram a Jaraguá durante a 2 Guerra Mundial, com a finalidade exclusiva de garantir tranqüilidade e harmonia entre a população local, pois esta era de origem e ascendência européia, ligadas aos países do Eixo (Alemanha, Áustria e Itália) e agora passava a ser suspeita, principalmente os alemães, que tinham no lazer social e cultural a prática do tiro ao alvo. Esse lazer social e cultural, portanto, era uma ameaça ao Governo, que não via com bons olhos a existência desse tipo de sociedade, incentivando a prática do tiro. E o local escolhido para o acampamento das tropas foi, justamente, sede social da Sociedade Atiradores de Jaraguá (Schützenverein), cujo o prédio sofreu depredações, vandalismo e perdas de objetos e documentos que retratavam a história cultural e social da Sociedade (2008, p.65).

O cotidiano do jaraguaense foi afetado com o conflito mundial, principalmente o lazer e a cultural, como nos evidenciou Pffifer e Kita. Isso fica claramente demonstrado nos relatos da população e nas reportagens de jornais. Aldazira P. Azevedo, sobre este período, recorda que “faziam umas besteiradas, umas perseguições, ninguém podia falar alemão. Tinha uma senhora que tinha um papagaio que falava alemão e prenderam o papagaio porque falava alemão” (2009). O jornal *O Correio do Povo*, em 04 de março de 1944, noticiou a prisão de um cidadão na cidade de Caçador por ter falado alemão no comércio da cidade. Reportagem esta que, sobremaneira, deve ter servido de alerta a muitos jaraguaenses que mantinham o hábito de se comunicar em língua estrangeira. Em Jaraguá do Sul foram registrados alguns casos de prisões pelo mesmo motivo do cidadão de Caçador.

Ao analisarmos o jornal *O Correio do Povo* fica evidente que durante a Segunda Guerra Mundial havia a preocupação com a situação internacional. Boa parte do jornal era dedicada a informações sobre os acontecimentos de guerra. Notícias, em abril e junho, como: “Marinheiros Nazistas no Campo de Concentração”(1944, n.1342,n.01), ou , “A Espada da Democrática Vibrando os Golpes Finais do Fascismo” (1944, n.1353,p.01) eram recorrente

durantes os anos dos conflitos. Todavia, mesmo com o clima de guerra pairando sobre a cidade, o ano de 1942 marca a inauguração do novo Paço Municipal, no qual, na parte superior, funcionavam o Fórum e a Delegacia de Polícia. A fotografia a seguir data da inauguração do prédio da Prefeitura Municipal:



Figura nº31

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Eugênio Victor Schomoekel

A fotografia é de 04 de outubro de 1941, data da inauguração do prédio da Prefeitura, o qual abrigava o Fórum e a delegacia de polícia. A inauguração contou com inúmeras autoridades municipais, da região e estaduais, além de apresentações de alunos dos colégios da cidade.

Com o decorrer do conflito mundial, o nacionalismo estava exarcebado, prova disso que, no ano de 1942, em plena campanha para a arrecadação de alumínio, foi noticiado no jornal do município a contribuição do Circo Sul-Americano para arrecadar alumínio. O Circo Sul-Americano contribuiu com a doação da quantidade de alumínio em setembro daquele ano, equivalente a 206\$000, com a seguinte mensagem:

Ilmo. Sr. Tenente Prefeito Municipal.

Eu, Estrelita dos Santos, com apenas 6 anos e idade, artista do Circo Sul Americano, e em nome de mais dois irmaozinhos, tomo a liberdade de oferecer a nossa modesta contriuição para a tão patriótica Campanha do Alumínio em prol da gloriosa Força Aerea de nossa querida Patria.(*O Correio do Povo*, 1942, n.1186, n.01)

Com essa doação e a carta transcrita acima, possivelmente escrita pelo dono do circo, este obtinha simpatia e apreço da população, sendo assim mais um fator de propaganda positiva para a companhia circense. Também o dono do circo, o Sr. Alcides dos Santos, expressou um agradecimento ao público que compareceu nos espetáculos e com cunho patriótico afirmava que

Presados patricios de Jaraguá. Sejam voces de cabeos pretos ou louros, em meu nome e de minha família agradeço-vos, a todos, os grandes aplausos de que fomos alvo durante a nossa estadia nesta cidade. E ainda especialmente agradeço por minha querida filhinha Estrelita, as excepcionais provas de simpatia e aplausos que poude colher com suas apresentações patrioticas (*O Correio do Povo*, 1942,n.1186,p.01).

No dia 16 de maio de 1942 é que temos a estreia do primeiro parque-teatro na cidade, o “Parque-Teatro Guarani”. Este foi instalado em um terreno ocioso na rua D.Pedro II, na esquina com a Getúlio Vargas (antiga Av. Independência), o qual era de propriedade do Sr. Léo Tétto, tendo como secretário Eleutério Tétto. Esse parque-teatro estava em turnê pelo estado em diversas festividades como: a Festa da Uva em Mafra. O jornal *O Correio do Povo* descreve, em maio, as atrações do parque-teatro, ao mencionar que

“O “Parque Teatro Guarani” dispõe de ‘balanças venezianas, Tiro ao alvo, pesca e teatro ao ar livre, em que atuam os artistas Pedro de Almeida e senhora Lourdes de Almeida, ‘Nhô Bentuca’, o rei do riso, José Moreno, ator dramático, além de outros elementos.Possue tambem um ‘studio’ com uma discoteca com mais de seiscentas gravação de atualidade (1942,n.1167, p. 01).

Pouco mais de um mês, o “Parque-Teatro Guarani” volta a Jaraguá do Sul em junho e arma novamente as suas estruturas, nesta ocasião em frente à Estação Ferroviária. Atrações

que faziam parte da companhia: “as balanças venezianas, aviões, tiro ao alvo, etc” (*O Correio do Povo*, 1942, n.1171 p.01).

Porém, a maior atração e destaque estava nas apresentações teatrais, pois tinha “um pequeno palco, onde um bom conjunto de artista deleita os visitantes com suas comédias, shows e numeros de cantos” (*O Correio do Povo*, 1942, n.1171 p.01). Evidencia-se, dessa forma, que o palco montado pelos parques não serviam apenas para apresentações teatrais, mas para uma gama diversificada de apresentações artístico-culturais. O elenco era amplamente anunciado, com nomes como: “Irene Lopes, Mario Caldas, Nena Batista, Roberto Dias e Ana Tetto” (*O Correio do Povo*, 1942, n.1171 p.01). Outra atração que proporcionava o parque-teatro Guarani era um “studio, com uma discoteca com mais de seiscentas gravações da atualidade” (*O Correio do Povo*, 1942, n.1171 p.01).

Além de anunciarem a questão familiar dos espetáculos, os quais “ são puramente familiares, podendo ser assistidos por qualquer pessoa” (*O Correio do Povo*, 1942, n.1171 p.01). Esse fator evidencia-se no cartaz divulgado no jornal, no qual há um destaque para a questão familiar das apresentações, como fica claro a seguir:



Figura nº32

Fonte: *O Correio do Povo*, 1942, n.1171, p. 04.

Informações contidas na propaganda: “ Parque Teatro Guarani. Hoje e todas as noites. Espetáculos genuinamente familiares. Com elenco artistico de 1º orde. Depois de uma temporada na exposição-feira de Lages onde alcançou grande sucesso, agora entre nós, com seu pavilhão instalado defrente à Estação.

A constituição do Parque-Teatro era nova para a população jaraguaense. Aliavam-se dois interesses: os jogos e atrações de divertimento e o teatro. Essa nova forma de entretenimento veio várias vezes ao longo da década ao município, porém este novo empreendimento não ofuscou os conhecidos circo tradicional e circo-teatro, uma vez que estes continuavam presentes.

Em dezembro de 1942 o Parque-Teatro Guarani volta a pedir requerimento na Prefeitura de Jaraguá do Sul para armar as suas estruturas na cidade, contabilizando, assim, três instalações em um único ano; possivelmente isso ocorria devido aos roteiros realizados próximos a Jaraguá do Sul e também pelo sucesso do mesmo junto à população.

Em 1944, a Guerra continua a ser um dos assuntos mais comentados no jornal. Ao analisarmos, fica evidente que durante a Segunda Guerra Mundial havia a preocupação com a situação internacional. Boa parte do jornal era dedicada a informações sobre os acontecimentos de guerra. Notícias, em abril, como: “Marinheiros Nazistas no Campo de Concentração” (1944, n.1342 p.01), ou, “A Espada da Democracia Vibrando os Golpes Finais do Fascismo” (1944, 1343 p. 01) eram recorrente durante os anos dos conflitos.

O fim do conflito foi destaque no jornal *O Correio do Povo* em maio de 1945, com a seguinte manchete “O Fim da Guerra. Os nazistas depõem as armas- Como morreram Hitler e Mussolini- O grande feito da F.E.B” (1945, n.1423, p.01). O semanário destaca a ação do Brasil no conflito, explicitando que “O Brasil que, pela vontade de seu povo, contribuiu valiosamente para a instauração de um mundo de liberdade e justiça e compartilha esta alegria”.(1945, n.1423, p.01).

O trabalho da Força Expedicionária Brasileira também era fator de grande destaque no semanário, conjuntamente com ação dos expedicionários jaraguaenses. No total foram enviados ao *front* 56 jaraguaenses, dos quais 04 morreram no campo de batalha, em Monte Castelo, território italiano. Louvor, bravura e coragem são adjetivos recorrentes nos jornais ao longo dos anos de conflito para descrever os jaraguaenses em terras europeias.

Em julho de 1944, o jornal *O Correio do Povo* relata a situação urbana de Jaraguá do Sul, afirmando que “ hoje não se encontra via publica com menos de 14 metros de largura, e passeio com menos de 2 metros e 60 centímetros.[...] A pavimentação é feita com areião que evita lama em época de chuva” (1944, n.1.383, p.02). Ainda sobre os aspectos urbanos de Jaraguá do Sul, o jornal continua

As edificações, em geral, são construídas de alvenaria sólida, apresentando aspecto vistoso, atraente, estando os jardins e terrenos não edificados cercados por elegantes muros nas ruas de primeira classe. As cobertas são feitas com telhas tipo Frances, não existindo o tipo português (telhões) tão comum nas construções do litoral (1944, n.1.383, p.01).

Jaraguá do Sul, no início da década de 1940, teve grandes construções, além do novo prédio da Prefeitura, como: Estação Rodoviária, a ampliação da Estação Ferroviária, as construções de praças, entre outras obras. O jornal *O Correio do Povo* afirmava que

O principal edifício é o da Prefeitura Municipal, que é um dos maiores e mais belos do Estado, funcionando nele não somente o Forum, com uma sala de jury mobiliada elegantemente e todos os cartórios, como também a delegacia de policia, inspetoria escolar e serviços auxiliares da prefeitura. Custou cerca Cr\$ 350.000,00. Segue-se-lhe a Estação Ferroviária, magestoso prédio recém-construído e que é a segunda na Linha São Francisco, tendo sido também reconstruído o armazém que fica próximo. Bem defronte a estação ferroviária está sendo ultimada a estação ferroviária está sendo utilmada a estação rodoviária e a praça “Leonidas Hebster”, justa homenagem ao remodelador da cidade (1944, n.1.383,p.01).

A seguir duas fotografias: na primeira, identificamos a inauguração da Estação Rodoviária e a Praça Ten. Leônidas Cabral Hebster, e na segunda verificamos o desenho total da praça e da estação rodoviária.

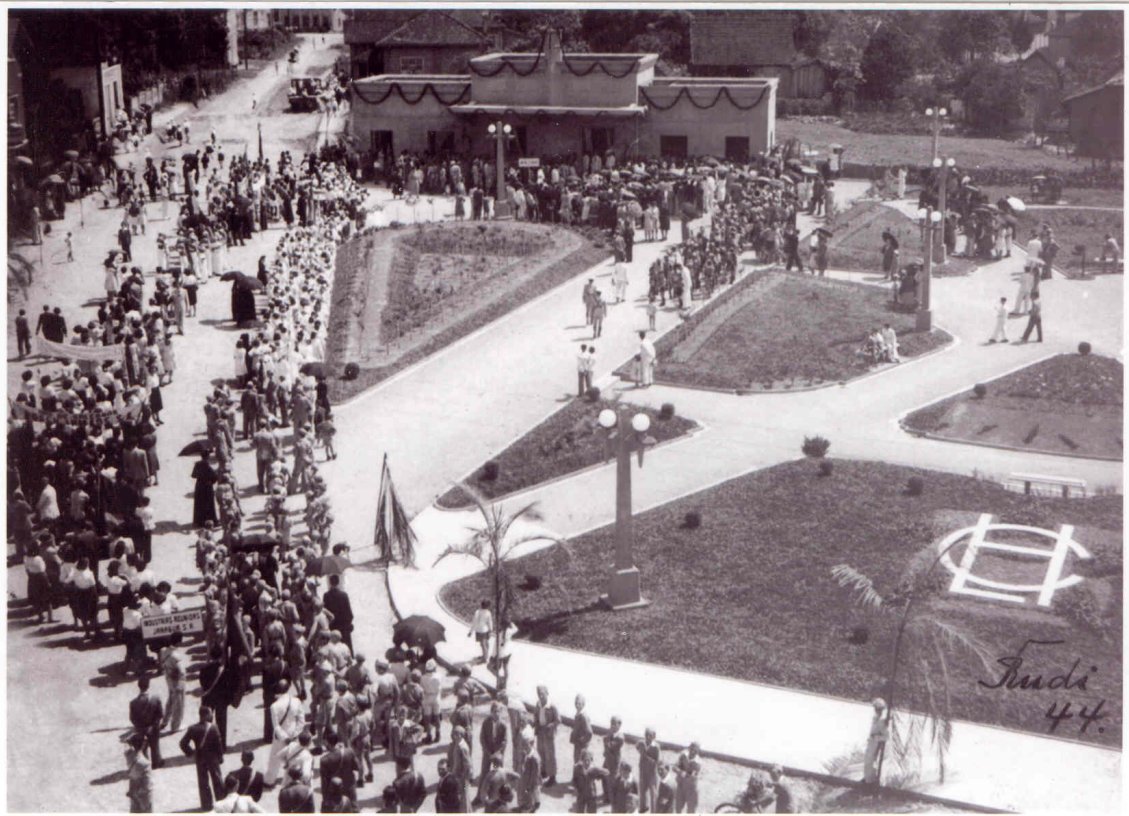


Figura nº33

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Eugênio Victor Schomoeckel

A fotografia é datada do dia 22 de outubro de 1944, data que marca a inauguração da Estação Rodoviária, bem como a inauguração da Praça Ten. Leônidas Cabral Hebster. Podemos identificar em primeiro plano na parte direita da fotografia as letras que compunham o nome do homenageado. Trata-se do momento do desfile de inauguração, do qual participaram algumas Sociedades e Colégios da cidade.



Figura nº34

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Eugênio Victor Schomoeckel

Na fotografia acima, de 1944, verificamos, no lado esquerdo, o prédio que abrigava a Estação Rodoviária, importante local de desembarque e embarque de passageiros no município e, ao lado direito, a maior praça da cidade, batizada em homenagem ao Prefeito Ten. Leônidas Cabral Hebster. A rua que corre paralelamente à praça é a Rua Pe. Pedro Francken.

O prefeito Ten. Leônidas Cabral Hebster foi o grande idealizador das mudanças urbanísticas de Jaraguá do Sul, sendo reconhecido pelos seus habitantes por tais transformações. Aldazira P. de Azevedo relata que “Jaraguá do Sul só tomou impulso depois que o Leônidas Cabral Hebster assumiu a prefeitura. Calçou as ruas, onde era baixo ele elevava, arrumou a cidade. Para mim foi um dos melhores prefeitos de Jaraguá do Sul”(2009).

O jornal *O Correio do Povo* também reconhece Ten. Leônidas Cabral Hebster como um dos responsáveis pelas construções no município. “Governando o município desde fevereiro de 1938, soube o atual governante, sem empréstimos e onerações violentas dos contribuintes transformar por completo a nossa cidade, apresentando-a hoje, como uma das mais aprazíveis e modernas” (1944, n.1.346, p.01).

Jaraguá do Sul na década de 1940 possuía varias opções de lazer, assim como na década de 1930, tanto que as águas do Rio Itapocu eram uma das mais procuradas no intenso verão que aqui fazia. Sobre isso, o jornal *O Correio do Povo* descreve:

O rio Itapocu, neste domingos de verão, apresenta um aspecto festivo, com suas canoas de todos os tipos singrando as águas movediças, e os banhistas que, fugindo ao calor, ali passam horas, e mesmo todo o dia. Apreciam-se os esportistas aquáticos. Os salteadores, que das barrancas do rio e mesmo da Ponte Dr. Abdon Batista jogam-se n'água, mergulhando profundamente e surgindo muitos metros alem. (1944, n.1353, p.02).

Além de banhar-se no rio, o carnaval também era uma prática de lazer. Na edição de 10 de fevereiro de 1945, o jornal *O Correio do Povo*, em fevereiro, publica uma carta assinada pelo S.M. MOMO, Imperador da Folia, que conclamava toda a população a participar da folia de carnaval. Parte da carta é transcrita a seguir:

Na qualidade de Imperador da folia e, em consequencia, como Comandante em Chefe das tropas que operam na frente da Pandegolandia, pelo presente, dirigido à heróica e sisuda guarnição da fortaleza de Jaraguá do Sul, concito a todos, sem excepção; a deporem suas armas às 20 horas no dia corrente, no Salão Buhr, sob o contróle da diretoria da Associação Atlética Baependí. E que, naquelas data e hora, será assinado o armistício entre a tristeza e a alegria (O *O Correio do Povo*, 1945, n.1411).

O cinema durante a década de 1940 continuou sendo uma opção de lazer muito procurada pelos jaraguaenses. José Schmitz²³ comenta que “naquele tempo Jaraguá tinha o Cine Ideal e o Cine Buhr. Assistíamos *Ben Hur*, filmes de romance da Dorotila L'Amour, uma atriz francesa” (2009).

Assim, a proibição de participarem de algumas formas de lazer consideradas perigosas pela Ditadura Vargas, como os clubes de tiro e outros tipos de associações, fez com que os jaraguaenses procurassem o divertimento em outras modalidades que, além das apresentadas, são o Circo, o Circo-Teatro e a grande novidade da década na cidade, o Parque-Teatro.

²³ A entrevista com o senhor José Schmitz foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em outubro de 2010. Todas as referências que aparecerem o senhor José Schmitz nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

Em 10 de junho de 1944 temos a volta na cidade do Parque-Teatro Guarani, noticiado pelo jornal, o qual destacava: “O Parque-Teatro Guarani, armado em frente à Estação Ferroviária visita mais uma vez a cidade, apresentando um s/numeros de divertimentos à petizada e aos adultos também”(1944, n.1387, p.04). Ainda na nota, “o pavilhão se compõe de balanças venezianas, aviões, tiro ao alvo, etc. como também de um pequeno palco, onde um bom conjunto de artistas deleita os visitantes com suas comédias, shows e numeros de canto”(1944, n.1327, p.04). E, por fim, anuncia os nomes dos artistas. Percebe-se que a reportagem da apresentação de 1944 é quase idêntica a do ano de 1942, bem como o cartaz de divulgação do parque-teatro utilizado. Ainda no ano de 1944 tivemos a presença, em março, do Parque Theatro Rio Alto, do qual não foram localizadas mais informações.

No ano de 1944 estive em Jaraguá do Sul o Circo Robattini, que já estive nas terras jaraguenses em décadas anteriores. Estiveram naquele ano mais de duas vezes, em janeiro e março. Sobre esse circo, a senhora Maria P. Schmitz²⁴ recorda que “tinha o Globo da Morte no qual vão as motos. As acrobacias, os palhaços. Animais como elefantes, leões, tigres. Era bem grande para nós. Acho que eram três irmãos com o pai. Eles montavam na frente da Matriz e não era muito caro”(2009).

Ao longo da década de 1940, Jaraguá do Sul recebeu diversas vezes a presença do famoso Circo dos Irmãos Queirolo. Embora estes tivessem sede fixa em Curitiba, foi em terras jaraguenses que obtiveram muito sucesso.. A Senhora Yara F. Springmann²⁵ sobre a presença deles na cidade, afirma: “eles vinham todo o ano. Muitos anos seguidos eu lembro que eles vinham” (2009). Ela tinha uma relação muito próxima aos integrantes do circo, pois como ela mesma conta:

O circo, o dos Irmãos Queirolos, um dos irmãos, era o Esquerdo, porque ele era lutador de boxe, e ele era casado com Elfi Weiss lá de Joinville e foram padrinhos de casamento da minha mãe. Sabe, a Elfi era muito amiga da

²⁴ A entrevista com a senhora Maria P. Schimitz foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em outubro de 2009. Todas as referências que aparecerem a senhora Maria P. Schmitz nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

²⁵ A entrevista com a senhora Yara F. Springmann foi concedida a Ana Paula Moretti Pavanello Machado em outubro de 2009. Todas as referências que aparecerem a senhora Yara F. Springmann nesta pesquisa são a respeito desta entrevista.

minha mãe. E como o Circo estava aqui em Jaraguá, a Dorita, a filha da Elfi ficava aqui na minha casa nas férias e nós vivíamos dentro do Circo. O circo era perto do colégio e íamos direto ao circo. Ia direto, vivia dentro do Circo. A Dorita era neta do Queirolo (2009).

Pela senhora Yara possuir essa ligação estreita com a neta de um dos Queirolos, possibilitou que ela tivesse uma vivência diferenciada das outras crianças em relação à passagem circenses em Jaraguá do Sul. Ela recorda-se do tempo em que passava dentro do circo brincando, onde “a gente inventava de tudo, íamos ao trapézio, naturalmente não era lá em cima, eles botavam mais embaixo para nós. Andava na corda bamba, em cima daquele rolo com a tabuinha” (2009).

Os números apresentados pelo circo eram os mais variados possíveis, números de destreza corporal, animais amestrados, feras exóticas, palhaços e repertório teatral. O que mais chamou atenção de Yara F. Springmann foram as apresentações dos famosos “Diabos Brancos”, pois “eles faziam números perigosos, de acrobacia”(2009). A seguir, há uma foto dos Diabos Brancos.



Figura nº35

Foto dos Diabos Brancos

Fonte: ANDRIOLI, Luiz. **O Circo e a Cidade. Histórias do grupo circense Queirolo em Curitiba.** Curitiba: Edição do Autor, 2007. p.45

Sobre a presença deste circo na cidade, o senhor José Schmitz recorda da presença deste e um dos números apresentados. “Tinha um palhaço engraçado, o Chic-Chic, ele

trabalhava com o Harris. Quando o Chic-Chic entrava primeiro ele dizia: ‘Maria de Loudes!’ e ‘Cadela’ ao invés de ‘cadê ela’, e tudo era muito engraçado” (2009). Outro número recordado pelo Sr. José Schmitz foi o do cantor e do palhaço:

O cantor ia cantar uma música: “Eu estava em Paris” e o palhaço respondia “ eu também estava lá” . O cantor ficou bem bravo e resolveu pregar uma peça no palhaço e cantou de novo: “Eu estava em Paris” e o palhaço : “ Eu também estava lá”. O cantor, cantou “ Tinha muito ladrão de galinha” e o palhaço respondeu cantando: “ Eu já tinha saído de lá”. Foi muito engraçado. Eu nunca esqueci (2009).

Em relação às peças teatrais apresentadas pelo Circo Irmãos Queirolo, Yara F. Springmann recorda que “sempre tinha uma peça de teatro. Era pra dar risada. Era tudo na base da brincadeira, na base de dar risada e o povo se divertia” (2009). E em relação a essas peças, ela afirma que tinha cenários e figurinos elaborados.

A banda do Circo Irmãos Queirolo era importante, “gostávamos muito também. Era gostoso, tocava algumas marchinhas gostosas também (Springmann, 2009). A senhora Yara conta que esta começava a tocar pelo menos meia hora antes do início da apresentação circense. Sobre essa banda e seus procedimentos, Luiz Andrioli afirma a respeito das apresentações em Curitiba:

Dentro do Pavilhão, uma hora antes de começar o espetáculo, uma banda com pelo menos uma dezena de integrantes executava sambas, boleros, marchas e valsas. Muitas melodias estavam na ponta da língua do público, pois elas faziam sucesso na Rádio Nacional na voz de intérpretes como Emilinha Borba, Sílvio Caldas e Francisco Alves (2007, p.30).

A presença desses divertimentos em Jaraguá do Sul não significava apenas bons momentos de prazer, pois para muitos habitantes era sinal de trabalho. Yara F. Springmann afirma que “eles requisitavam tanta gente da cidade pra trabalhar, pra ajudar a montar tudo. Para cuidar dos bichos eram todos contratado na cidade. Eles tinham o pessoal deles, mas muita mão de obra era contratada, o pessoal ficava feliz, opa, vem o circo e agora vem trabalho”(2009). Essa prática era comum no período e adotada por muitos circos, circos-teatros e parques-teatros, e esse procedimento não ocorria apenas em Jaraguá do Sul, mas em quase todas as cidades em que estes armavam as suas estruturas. Luiz Andrioli analisando o Circo Irmãos Queirolo afirma

Além dos artistas da companhia e dos funcionários que viajavam com o grupo, outros trabalhadores locais, chamados de “peludos”, eram contratados para dar conta de levantar o mastro, colocar a lona em pé, montar as arquibancadas, espalhar a serragem pelo chão, fixar o picadeiro, enfim tudo o que fosse necessário para receber o público (2007,p. 51).

Ainda em relação à passagem do Circo Irmãos Queirolos em Jaraguá do Sul, Yara F. Springmann relata a estreita ligação que estes circenses estabeleceram com a comunidade jaraguaense. A senhora ainda recorda que “quando não tinha apresentação do circo eles iam visitar as pessoas na cidade. As pessoas convidavam, eles jantavam nas casas. Convidavam os Queirolos e suas famílias” (2009). Assim, ela conclui que “quando vinham para cá eram os amigos que voltavam” (2009), referindo-se à ligação do circo com a cidade de Jaraguá do Sul e seus habitantes. Concomitantemente com as presenças dos Circos e Circos-Teatro, Jaraguá do Sul pôde experimentar uma novidade, o Parque-Teatro ao longo dos anos de 1940.

3.3 JARAGUÁ DO SUL: O CIRCO, O CIRCO-TEATRO E O PARQUE-TEATRO NO FINAL DOS ANOS DE 1940

A Segunda Guerra Mundial reverberou em toda a década em Jaraguá do Sul. Através das análises das reportagens dos jornais, percebe-se que os jaraguaenses tiveram grande interesse sobre as bombas atômicas que puseram o fim definitivo na Segunda Guerra Mundial, tanto que foram localizadas várias reportagens que explicavam como funcionavam e o poderio que tinha essas armas químicas. Gráficos eram utilizados para este fim, como segue abaixo de setembro de 1945:



Figura nº36

Fonte: *O Correio do Povo*, 1945, n.1442, p.01

O gráfico era acompanhado dos seguintes dizeres: “O diagrama acima serve para mostrar o enorme poder de uma BOMBA ATÔMICA empregada pelo exército norte-americano. A força da bomba equivale de 20.000 toneladas de TNT” (*O Correio do Povo*, 1945,

n.1442, p.01). Em outra reportagem o jornalista comenta: “o poder destruidor da bomba atômica assombrou os espíritos mais renitentes”(O *Correio do Povo*, 1945, n.1446, p.01).

Ainda acrescenta sobre o futuro:

Estamos sem a menor dúvida, no limiar de uma nova era. Não sabemos de quantos aspectos pode revestir-se a utilização da energia atômica, nem a maneira pela qual poderá influir sobre nossas vidas. A estrutura econômica da civilização atual, sofrerá, certamente, modificações revolucionárias. Assim como aprendemos a nos destruir reciprocamente, deveremos aprender a viver juntos em paz (*O Correio do Povo*, 1945, n.1446, p.01).

Com o fim do conflito mundial, iniciou-se o que ficou conhecido como a Guerra Fria, uma oposição entre o socialismo e o capitalismo levada ao extremo em uma bipolarização política e militar que afetou todo o mundo até o fim da União Soviética em 1991.

Nesse sentido em Jaraguá do Sul também repercutiram essas questões mundiais, em diversas reportagens, as quais exaltavam as ações norte-americanas e rechaçavam as atitudes da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em reportagens como: “Churchil e os Comunistas”, de 15 de setembro de 1945.

Sobre as apresentações de companhias circenses e parques-teatrais, no dia 20 de julho de 1945 é anunciada a estreia do Circo Stange. Infelizmente não foram localizadas mais informações sobre a passagem desse circo na cidade, restando apenas citar a presença do mesmo.

O ano de 1947 ficou marcado na história da comunicação jaraguaense pela inauguração da Rádio ZYP-9 (atual Rádio Jaraguá), no dia 31 de julho de 1947. Este primeiro ano foi marcado apenas por testes, pois só em em 04/09/1948 o sinal da rádio entrou oficialmente no ar. Com autoridades e convidados reunidos no Salão Atlético Baependi ouviu-se pela primeira vez as vozes dos locutores Werner Stange e Homero Camargo de Oliveira. A partir desse momento, a cidade contou com mais uma opção de informação sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Em 15 de julho de 1947 é a primeira vez que é noticiada a presença de uma companhia exclusivamente teatral. Intitulava-se Cia João Rios e, segundo o jornal, esta se apresentara em Joinville e no dia 16 de julho “estreará na cidade, no Salão Buhr, apresentando-se a engraçadíssima comédia ‘Aluga-se uma sala’ e um formidável ato de variedades” (*O Correio do Povo*, 1947, n.1505, p.03).

Voltando aos problemas municipais, o progresso em todas as suas dimensões revela uma faceta importante, o peso econômico do mesmo. No final dos anos de 1940, a população sente os efeitos econômicos. Em nota divulgada no jornal *O Correio do Povo*, um jaraguaense expõe estes conflitos. Sob o título “Nem tudo o que reluz é ouro”, afirma:

Não é a falta de braços que não permite os reparos das vias públicas. O motivo principal é outro. É que, não obstante os aumentos descomunais dos impostos, como o territorial, que chegou a subir 400% e o custo de vida, que também duplicou e mesmo triplicou, a Prefeitura, até bem pouco tempo,

pagava, na zona rural, por dia de um trabalhador braças 7 a 8 cruzeiros. Só agora quando não encontrou mais quem quisesse trabalhar, elevou para 10 a 12, isto é, o salário mínimo. [...] Isso e a demora dos pagamentos, são a causa dos lavradores não mais trabalhadores nas estradas que embora este ano já tenha consumido cerca de 300.000 cruzeiros em conservação (1945, n.1423, p.01).

Entretanto, apesar desses problemas, no final da década de 1940, os números da economia jaraguense surpreendiam até os mais otimistas. No ano de 1948 foi arrecadado mais de 40% do previsto para o período e o dobro do que foi arrecadado quatro anos antes. (Relatório de Jaraguá do Sul, 1948); indicador este do desenvolvimento econômico do município na década de 40, já que o título que mais influenciou o crescimento orçamentário foi o cobrado das indústrias e profissões. O Relatório da gestão de 1948 afirma que “o aumento da renda, deve-se principalmente ao crescente progresso do município, o aumento do seu comércio, suas indústrias e o desdobramento das suas propriedades rurais, predominando a pequena propriedade ,sem nenhum registro de latifúndios”.

A receita sobre as taxas de diversões foi orçada para o ano de 1948 em CR\$ 3.000,00 e foram arrecadados CR\$ 9.193,90, ou seja, três vezes mais do que o valor estipulado pela prefeitura (Relatório de Jaraguá do Sul, 1948).

Em relação à saúde pública, no ano de 1948 o serviço de saúde municipal distribuía, gratuitamente, remédios para as doenças mais preocupantes, como o impaludismo (malária) e a verminose, sendo distribuídos em todo o município mais de 15.000 comprimidos. Num acordo com o Hospital São José, o município subvencionava 50% das despesas dos indigentes (Relatório de Jaraguá do Sul, 1948).

Havia uma grande preocupação no município durante toda a década de 1940 com a criação agropecuária. Afinal, esse setor continuava sendo um dos pilares da economia em Jaraguá do Sul. Segundo o Censo do IBGE, durante a década de 1940, a população rural correspondia a 82,51% do total; em contrapartida a urbana ficava em 17,49% (Aued; Eisler, 2006.p.79).

No ano de 1946 foi criada a Associação Rural que, em 1948, contava com mais de 300 associados; estes possuíam a subvenção do município para a compra de sementes e máquinas agrícolas. Ainda em 1948 o poder público subvencionou a vacinação de mais 5.000 suínos e bovinos contra a febre aftosa (Relatório de Jaraguá do Sul, 1948). Já no ano de 1949 o número de suínos e bovinos vacinados atingiu o grande número de 12.000 cabeças, demonstrando o empenho das autoridades no combate à febre aftosa (Relatório de Jaraguá do

Sul, 1949).

As chuvas continuaram na década de 1940 sendo um fator de grande preocupação do poder público e da população em geral, principalmente porque nos anos de 1947 e 1948 a grande quantidade de chuvas, que chegou a alagar por diversas vezes o município, deteriorou todas as estradas do município. Além da necessidade de reparos constantes nas estradas, outra preocupação era a construção de um cemitério municipal, uma vez que os que existiam eram particulares e ligados às entidades religiosas de Jaraguá do Sul.

No mês de maio de 1948 o Filadelfia Parque Teatro armou novamente as suas estruturas na cidade, anunciando mais uma vez os divertimentos como “roda gigante, dangler, auto pista infantil e balanças venesianas”. (*O Correio do Povo*, 1948, n.1565,p.01)

Em outubro de 1948 temos a segunda companhia exclusivamente teatral em Jaraguá do Sul, a *Orfeon Paranaense* de Curitiba. Esta se apresentou com uma comédia em três atos cantada e falada em língua alemã intitulada *Die Spanisch Fliege*. (*O Correio do Povo*, 1948, n.1573,n.01)

Em outubro de 1948 vem à cidade o Circo Teatro Biduca, e, de acordo com as notícias do jornal, tratava-se de uma companhia com 18 artistas de teatro. Esse circo-teatro não mencionou nenhuma apresentação de números circenses tradicionais, denotando, talvez, ser apenas uma companhia com apresentações teatrais. (*O Correio do Povo*, 1948, n.1574,p.01). Sobre a presença dessa companhia, o entrevistado José Schmitz traz algumas recordações, entre elas, descreve com grande alegria uma das representações teatrais apresentadas, segue:

Eles passavam uma peça de teatro. A história era que a esposa arranhou um serviço pro marido que tava desempregado e queria se matar. Ele fez festa, bebeu, mas não perguntou qual era o serviço. Aí ele perguntou qual era o serviço. Ela falou que ele ia trabalhar um mês por ano. Mas ele perguntou, qual era o emprego? Ela disse no Engenho e você vai ter que carregar sacos com 50kg. Aí ele disse que ia se matar. Pegou a faca e colocou no lado. Ela disse: Isso é se matar ou swing? Sabe, por causa do jeito que ele cambaleava (Schmitz, 2009).

Em relação aos números da Educação no município, no ano de 1949 o número de alunos matriculados na escola municipal era de mais de seiscentos alunos. Nas escolas no decorrer do ano foram realizadas inspeções, estas tiveram o conceito de “regular” e “boa” por parte da inspetoria. A metade dos prédios era de alvenaria e a outra metade de madeira. O município ainda contava com vinte e três escolas estaduais isoladas, três grupos escolares, um

seminário e um ginásio (Relatório de Jaraguá do Sul, 1949).

Ainda em 1949 continuou a parceria entre a prefeitura e o Delegado de Higiene do Estado para a distribuição gratuita de remédios. Impaludismos e verminoses continuaram a ser os casos mais atendidos. Ao longo do ano, mais de 39.000 comprimidos foram distribuídos. Outra forma de combater o impaludismo foi a dedetização predial, sendo dedetizados mais de 5.000 residências em todo o município e seu distrito. E mais de 13.500 pessoas foram vacinadas contra a febre amarela e mais de 5.000 contra a febre tifoide (Relatório de Jaraguá do Sul, 1949).

A partir da metade da década de 1940 algumas mudanças começaram a ocorrer no país. Em outubro de 1945, por intermédio de Góis Monteiro e Dutra, Getúlio Vargas é derrubado da presidência do país, encerrando, assim, o período do Estado Novo e abrindo espaço para a realização de eleições sem a sua participação. A campanha apoiada pelo ex-presidente Vargas deu a vitória a Eurico Gaspar Dutra; o seu governo foi marcado pela forte influência norte-americana, assim, a grande afluência dos produtos deste país fez minguar as reservas de câmbio acumuladas pacientemente durante os anos de guerra.

Para a população jaraguense, o final da guerra e, principalmente, o fim do Estado Novo ressoou de maneira positiva, na medida em que se afrouxaram as perseguições aos descendentes alemães e italianos, estes que viveram dias difíceis no final da década de 1930 até metade de 1940. As sociedades que haviam praticamente paralisadas as suas atividades puderam recomeçar e, com isso, a vida artístico-cultural e esportiva da cidade ganhou novo fôlego.



Figura nº37

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Eugenio Victor Schomoeckel.

Fotografia datada do final da década de 1940. Retrata o centro do município. Na parte direita superior visualizamos a Igreja Santa Emilia; um pouco abaixo as instalações do Colégio São Luiz. No terreno baldio em frente ao Colégio erguiam-se alguns dos circos, circos-teatros e parques-teatros que estiveram na cidade durante a década. A rua fotografada é a Av. Marechal Deodoro da Fonseca, uma das principais do município até os dias de hoje.

Em julho de 1950 tivemos na cidade o Circo Madri que, além de números circenses tradicionais, apresentou-se com números de touradas. (*O Correio do Povo*, 1950, n.1623, n.02). No final dos anos de 1940, para encerrar as apresentações nesta primeira metade do século XX, Jaraguá do Sul presenciou o espetáculo proporcionado pelo Circo Irmão Queirolos. De acordo com reportagens de jornais, sobre o circo:

Essa companhia circense é uma das mais completas que atualmente percorrem o Estado, já exibiu-se em Jaraguá do Sul no ano de 1946, obtendo grandes sucessos pelo seu ótimo elenco de artistas e pelo extraordinário cômico que é “Chic- Chic” indubitavelmente umas das grandes atrações. (*O Correio do Povo*, 1950, n.1642,n.02)

3.4 O QUE É UM PARQUE-TEATRO? INFLUÊNCIAS DO PARQUE-TEATRO EM JARAGUÁ DO SUL NOS ANOS DE 1940

O que foi, afinal, um *Parque-Teatro*? Dada a escassez de informações disponíveis, recorreremos aos testemunhos daqueles que o conheceram. Assim Otokar Freiberguer descreve o parque-teatro: “era um parque que nem agora e tinha um palco onde eles apresentavam” (2009). A senhora Adalzira P. de Azevedo salienta que: “Quando tinha alguma festa, alguma programação na cidade, então eles vinham” (2009).

Assim como os circos e os circos-teatros, também os parques-teatros, para armarem suas estruturas na cidade, primeiro procuravam um terreno baldio na área central. Ao longo dos anos de 1940, três áreas eram constantemente ocupadas por eles: o terreno em frente à Igreja Católica Matriz São Sebastião; o terreno na Rua Henrique Piazeira e o terreno atrás da Rodoviária – todos na área central, o que facilitava o acesso da população.

Após alugarem o terreno, era necessário obter junto aos órgãos municipais o alvará de licença e pagar os impostos solicitados. Vejamos a seguir um registro de pagamento de impostos do Parque-Teatro Filadélfia:

Localidade	CONTRIBUINTE	Especie
Sede	Jorge Buhn	Selos por verba
"	" "	" " "
"	" "	" "
"	Parque Teatro Guarany	Lic. J. função
"	" "	Lic. func. de 20 a 27
"	" "	" " de 28 maio a 3 junho
"	" "	Lic. func. de 4 a 11 jul

Especie	Data da Realização	Nº. do Talão	DATA DO PAGAMENTO			Observa	
			Dia	Mês	Ano	Imposto	adic
Selos por verba		3174	31	maio	1942	2070	208
" " "		3500	27	abril	1942	1640	164
" " "		3501	27	"	1942	428	43
Lic. de função		3761	15	maio	"	300	30
Lic. func. de 20 à 27		3798	21	"	"	400	40
" " de 28 maio a 3 junho		3817	28	"	"	400	40
Lic. func. de 4 a 11 junh		3893	12	junho	"	400	40

Figura nº38

Fonte: Livro de Requerimentos de Diversões de Jaraguá do Sul na década de 1940

O requerimento solicitado pelo *Parque-Teatro Filadélfia* era para o funcionamento a partir do dia 15 de maio até 11 de junho de 1942, confirmando o fato de as companhias, nesta década, procurarem permanecer cerca de um mês na cidade.

Após legalizarem sua situação na cidade, era necessário fazer a divulgação, através de reportagens nos jornais e pela agitação própria provocada pelo boca a boca. Aqueles que retornavam à cidade contavam também, como recurso extra, as lembranças deixadas por suas anteriores estadas na cidade.

Instalados, era hora de “abrir as portas” para a população. O dia da estreia sempre era muito aguardado e, quase sempre, apresentava lotação esgotada. Entretanto, havia fatores que podiam influenciar as funções marcadas.

Pelo fato de não disporem de cobertura, os parques-teatros viam-se prejudicados em dias de chuva e permaneciam fechados. Corroborando essa situação, o senhor Bruno Leuprecht afirma que “se chovia molhava, e em dia de chuva não tinha função” (2009).

Alguns parques-teatro não eram cercados, o que significa que não cobravam ingresso; mas a utilização dos brinquedos e outras de suas atrações dependiam de compra de ingresso. Sobre os preços praticados, a senhora Maria P. Schmitz afirma que “pagava cada brinquedo separado. Custava mais ou menos de 50 centavos a 1 cruzeiro. Não era tão barato, porque o papai sempre dizia: Olha, não pode ir sempre” (2009). Ainda continua o relato: “tinha o carrossel, meus irmãos menorzinhos gostavam muito de ir, mas não podiam muito porque tinha que pagar os estudos, e era caro” (2009). Já o senhor Bruno Leuprecht recorda que “a entrada era de graça, eles só ganhavam no jogo”(2009). Dessa forma, o teatro apresentado era para quem não podia pagar para utilizar os brinquedos, ficando nos arredores até o início da função.

Os relatos informam que não havia cadeiras, arquibancadas ou camarotes para se assistir as apresentações teatrais, ou seja, o público permanecia em pé, espalhado ao redor do palco ou livremente circular durante as apresentações. Maria P. Schmitz confirma esse fato: “assistíamos tudo em pé porque não tinha arquibancadas” (2009).

Sobre as apresentações teatrais, o Sr. Otokar Freiburger recorda que “eu gostava de ir, e gostava mais de assistir teatro, era mais interessante. Nunca fui chegado nesses brinquedos”.(2009). Sobre o número de peças teatrais, ele comenta que “era uma peça só, todo dia era uma peça diferente” (2009). Já, o senhor José Schmitz comenta que não tinha muito interesse nos parques-teatros, uma vez que “ eu ia, mas não gostava de ir muitos nessas coisas. Gostava mais de futebol” (2009).

O elenco, antes do início das apresentações, trabalhava nas barracas de diversões: “durante as jogatinas eles trabalhavam nas barracas, depois eles iam e faziam o teatro” (Leuprecht, 2009). Assim, as apresentações teatrais só se iniciavam após o encerramento das atividades: “quando tinham a peça eles fechavam todas as barracas e o povo ficava em frente ao palco” (2009)

Segundo os relatos, as apresentações ocorriam à noite, depois das 22h. O Sr. Otokar Freiburger afirma que “apresentavam bem tarde, em vez de apresentar cedo, era bem tarde o teatro.[...]Era dez e pouco ou onze horas” (2009). Esse horário tardio escolhido para as apresentações pode ser explicado, de acordo com Bruno Leuprecht, “era tarde porque eles tinham que comer o dinheiro do povo primeiro” (2009). Assim, o entrevistado acredita que o horário tardio da apresentação teatral era uma estratégia para aumentar a lucratividade obtida com as outras atrações, restando ao teatro, ápice artístico da noite, a missão de encerrá-la.

Sobre a duração dos espetáculos, Maria P. Schmitz afirma que “eram peças engraçadas. Duravam uns 45 minutos a 1 hora” (2009). Quando sabemos que não havia cadeiras para o público, esse tempo era considerável. Com tantas e tão variadas atrações, devia ser grande a circulação de público. No ano de 1946 o Parque-Teatro Filadélfia armou suas estruturas à rua Henrique Piazeira, um local central do município. Os alunos que estudavam nos colégios Abdon Batista, São Luiz e Divina Proviência puderam participar de uma tarde diferente no parque-teatro, quando usufruíram gratuitamente suas atrações. O jornal *O O Correio do Povo* noticiou o fato, considerado “gesto digno de louvor dos diretores do Filadelfia Parque, dando ensejo a que os escolares ricos ou pobres, indistintamente se divirtam um pouco”. (*O O Correio do Povo*, 25/08/1946, n.1322, n.02). Nas fotos abaixo podemos

visualizar grupos escolares num parque-teatro daquela época, o que permite também a apreensão de sua organização espacial:



Figura nº39

Fonte: Acervo do Colégio São Luiz

Na fotografia acima, do ano de 1946, observa-se os alunos do Colégio São Luiz durante uma visita no Parque-Teatro Filadélfia. Em primeiro plano é possível ver cerca de 100 alunos do colégio e acima, no palco, dois homens com violões, possivelmente os cantores; ao lado, provavelmente, representantes do Colégio São Luiz com os do Parque-Teatro Filadélfia. Ao lado do palco identificamos uma pequena instalação que em sua porta tem escrito “Gerência”, ou seja, a gerência do Parque-Teatro Filadélfia.

Na fotografia da próxima página visualizamos um grupo de crianças brincando no carrossel; e, note-se ao lado, a fila de espera para poder utilizar o brinquedo. Tratando-se de um dia gratuito, as filas deveriam ser uma constante durante todo o evento. Ao fundo podemos identificar o palco onde ocorriam as apresentações teatrais. Este continha uma

cortina que, certamente, permanecia fechada quando ele não era utilizado. Perto do Carrossel pode-se identificar o gerador de energia em um poste improvisado, responsável, certamente, pela energia elétrica empregada no parque-teatro.

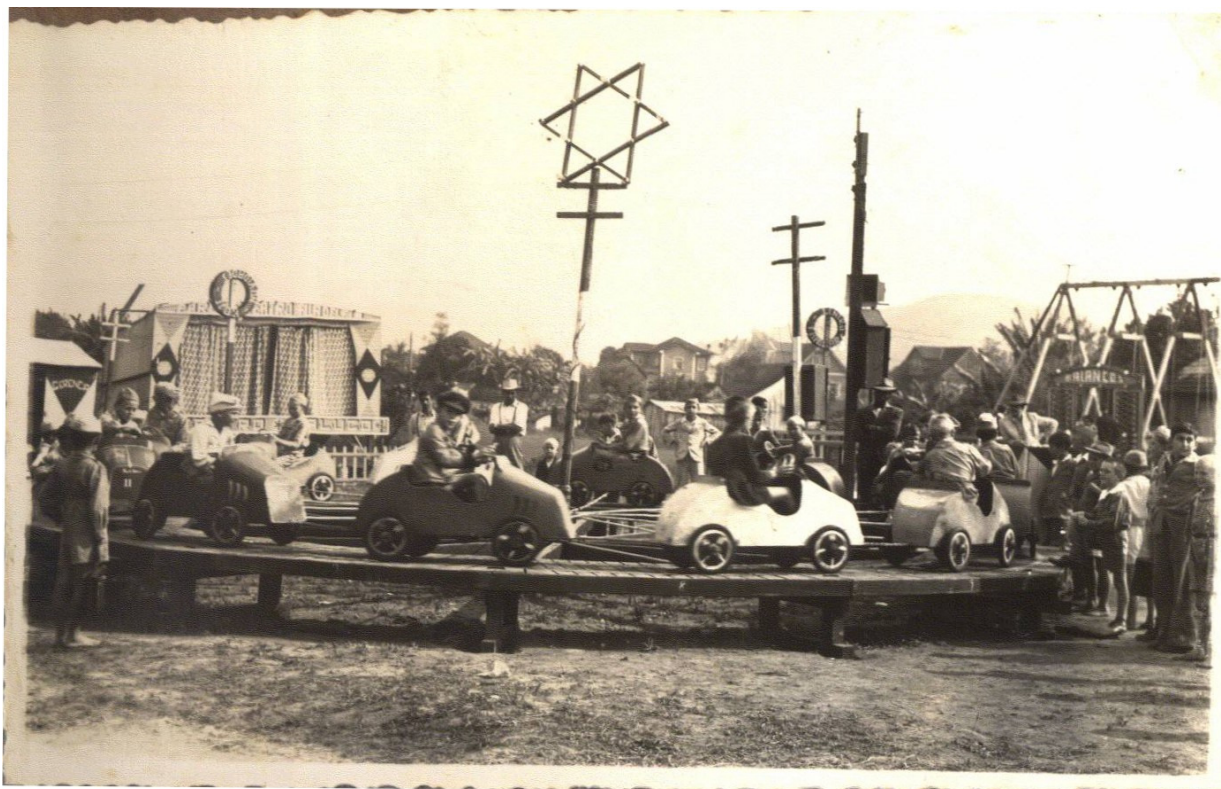


Figura nº40
Fonte: Acervo do Colégio São Luiz

E, por fim, uma última fotografia que flagra o conjunto do parque-teatro Parque-Teatro Filadélfia, em 1946, onde se pode notar a variedade de brinquedos e barracas que o compunham. Ao lado direito encontramos a Roda Gigante que, segundo os entrevistados, era umas das atrações de maior sucesso. Pode-se identificar, ainda, ao redor da estrutura, as lâmpadas que forneciam iluminação durante a noite. Ainda perto da Roda Gigante há duas barracas, talvez de vendas de comida e bebida ou de jogos de azar. No meio do parque há o Carrossel e, ao fundo, as Balanças Venezianas.



Figura nº41

Fonte: Acervo do Colégio São Luiz

Nessa fotografia identificamos os outros brinquedos que havia no Parque-Teatro Filadélfia: ao lado direito a Roda Gigante e, ao fundo, as Balanças Venezianas. Havia, também, conforme sugere a fotografia, barracas nas quais eram vendidas guloseimas, com certeza, outro atrativo para a gurizada. A senhora Maria P. Schimtz confirma que “tinha pipoca e guloseimas. Pirulito que assobiava, chocolate e bexiga. (2009).

Sobre alguns desses brinquedos, a senhora Aldazira P. de Azevedo afirma que “havia os automóveis para as crianças andarem, um batia no outro, mas não se machucavam” (2009). Ainda a respeito dos brinquedos de diversões, questionada sobre a sensação de andar na Roda Gigante, Aldazira recorda que “foi horrível, fiquei apavorada, minha prima e eu, a Aurea Muller Grubba, nós duas. A desgraçadíssima da Roda parou lá em cima para alguém em baixo embarcar e nós duas tremendo de medo lá em cima. Nunca mais fui, só fui uma vez” (2009).

Acerca da oportunidade de usufruir de um dos brinquedos, o *Dangler*, sempre muito anunciado nos jornais como uma das grandes atrações, a senhora Maria P. Schimtz também relata uma experiência traumática, ao afirmar que

Dangler era um chapéu que as pessoas ficavam penduradas nas correntes. Fiquei tão mal que queria morrer. Vomitei tanto que achei que não ia chegar em casa. Fiquei uma semana doente. O estômago virou todo. Não posso nem lembrar que dá uma coisa ruim no estômago. Acabou com o dia (2009).

Os parques-teatros possuíam atrações que iam além dos divertimentos, pois também ofereciam barracas de disputas e jogos de azar. Sobre eles, Bruno Leuprecht afirma que “o parque era jogatina, eles comiam todo o dinheiro do povo. Eram jogos de azar, jogava roleta, dava tiro ao alvo” (2009). E, para o entrevistado, os parques-teatros para incentivar a população a arriscar a sorte e o dinheiro nos jogos, utilizavam os “sapos”. O senhor Bruno acerca desses “sapos” explica que “eles arrumavam um sapo, como diziam, o sapo era você ir lá, jogar e ganhar, mas depois tinha que devolver o dinheiro. E depois as outras pessoas iam lá jogar, mas perdiam” (2009).

O tempo de permanência na cidade era consideravelmente maior dos que nas décadas anteriores estudadas. Durante os anos 1940, os Circos, Circos-Teatros e Parques-Teatros permaneciam, em média, segundo os entrevistados, de duas a três semanas, podendo chegar muitas vezes a mais de um mês. Podemos então presumir que Jaraguá do Sul deixava aos poucos de ser apenas um ponto de passagem para tornar-se um destino procurado pelos empresários.

Um dos fatores dessa mudança pode-se creditar ao grande comparecimento do público às apresentações, segundo Maria P. Schmitz “Enchia! Não tinham atrações na cidade; a atração era ir na missa ou uma festinha” (2009). Afinal, de acordo com o Sr. José Schmitz, ao referir-se à presença do público: “vinham de todos os lugares. Não tinha muitas estradas, mas eles davam um jeito de vir. Vinha todo mundo ali” (2009).

Por fim, os parques-teatros foram a grande novidade da década de 1940; um diferencial em relação aos anteriores circos e circo-teatros. A principal diferença estava no fato de as apresentações teatrais serem gratuitas, assim, quem não tivesse condições de pagar os brinquedos poderia beneficiar-se de uma apresentação teatral, ao contrário dos circos e dos circos-teatros, nos quais o pagamento da entrada era obrigatório, mesmo que fosse considerado barato. Esse procedimento constituiu-se, certamente, em fator de aproximação com a população, além de criar uma imagem positiva de suas presenças na cidade.

Os parques-teatros eram, também, considerados, assim como os circos e circos-teatros, espaços de sociabilidade, onde as pessoas podiam se encontrar, conversar, namorar. O senhor Bruno Leuprecht afirma que “nós iam arrumar namorada. As moças iam também, nós iam mais para arrumar namorada do que para brincar” (2009).

Sobre as repercussões dos circos, circos-teatros, e especificamente dos parques-teatros durante os anos de 1940, pode-se constatar, por meio dos relatos dos entrevistados, que constituíam algo “diferente”, como afirma o Sr. José Schmitz:

Naquele tempo não tinha televisão, no cinema passavam aqueles filmes americanos que falavam em inglês e a gente lia embaixo, não entendia a metade. Então os circos e os parques vinham porque o pessoal queria uma coisa diferente, nova, de fora, pro pessoal verem coisas diferentes (2009).

Para o sr. Bruno Leuprecht, o parque-teatro era o lugar da diversão, pois “ íamos nos parques, quando eles vinham para nos divertir, tinha os brinquedos e as apresentações de teatro, que eram para fazer o povo rir.(...) Eu sempre me divertia”(2009). Sair da rotina e experimentar o contato com essas opções de divertimento artístico-cultural era um dos pontos altos da presença dos parques-teatros na cidade, motivo de admiração da população jaraguense. Excetuando-se a questão dos jogos de azar, como abordada por um dos entrevistados, não foi verificada nenhuma notícia negativa ou visão pejorativa de suas presenças na cidade.

É salutar compreender que as transformações urbanísticas operadas pelo poder municipal ao longo dos anos de 1940 provocaram alterações quanto à instalação dos circos e dos parques-teatros, obrigados a encontrar alternativas de espaço na aérea central da cidade. Ainda que os terrenos ociosos cada vez mais desaparecessem, sempre foi possível encontrar acomodações adequadas para que eles pudessem armar suas estruturas e atrair multidões ao longo da década.

Isso, mesmo com o clima tenso típico dos anos de 1940, com os reflexos da 2ª Guerra Mundial e da nacionalização perpetrada por Vargas. A guerra atingiu diretamente a população, uma vez que cidadãos jaraguenses foram enviados ao campo de batalha. Com isso notícias destes e de todos os acontecimentos eram massivas nos periódicos da cidade. Outro ponto importante desse período foi a mudança no cotidiano, principalmente no que se

refere às opções de lazer, estas seriamente afetadas pelas leis [não ficou claro quais leis] que procuravam coibir tais atividades. Assim, como nas décadas anteriores estudadas, podemos identificar, entre as influências dos parques-teatro na cidade, a possibilidade de alegria e felicidade que continham os momentos passados nos circos, circos-teatros e parques-teatros. Momentos de tensão eram substituídos, mesmo que por poucos instantes, pela alegria proporcionada por esses empreendimentos artísticos.

Com todas essas informações em mente, podemos compreender que os jaraguenses aguardavam a chegada dos parques-teatros e os prestigiavam quando estavam na cidade. Com o crescimento econômico, a cidade deixava de ser um ponto de passagem para tornar-se parte do roteiro das companhias, em permanências cada vez mais longas. Dada essa permanência, a presença de escolares em suas instalações, e a ausência de noticiário desfavorável, pode-se inferir que a presença dos parques-teatros em Jaraguá do Sul evidenciam não apenas um gosto da população local como, especialmente, uma relação de divertimento, evasão e espaço de sociabilidade que se mostraram positivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu, como já afirmei na introdução, de um desejo. O desejo de conhecer e fazer conhecer um pouco de parte da história da cultura brasileira, mais especificamente, a respeito dos circos, dos circos-teatros e dos parques-teatros. Entretanto, os estudos referentes aos circos e circos-teatros no Brasil são lacunares e essas lacunas fizeram-se sentir em boa parte da pesquisa, mas creio tê-las superado com grande esforço em localizar os estudos no país. Todavia, uma lacuna não foi possível superar, a que se refere aos estudos acerca dos parques-teatros, ou seja, não foi localizado nenhum estudo que se referencia à estrutura e ao funcionamento deste. Assim, para compreendê-lo, tive de ater-me aos relatos dos que vivenciaram essa atividade artística.

Ao longo do trabalho outras lacunas foram sentidas como, por exemplo, a referente à historiografia jaraguaense, uma vez que esta é extremamente limitada. São poucos os historiadores que se dedicaram a compreender e a analisar a história e o desenvolvimento do município, não ultrapassando, com isso, a uma dezena de títulos publicados ou não, acarretando, dessa forma, muitos pontos desconhecidos da história jaraguaenses, principalmente em relação às atividades artístico-culturais no município.

Além dos estudos e pesquisas, outro ponto de dificuldade foram as documentações oficiais, como: requerimentos, alvarás de inspeção, licenças e uma grande variedade de documentos que poderiam ter respondido a algumas perguntas, infelizmente, não foram conservados por administrações públicas que, em muitos momentos, acharam mais prudentes queimar os documentos do que tê-los ocupando espaço dentro do Arquivo Público.

Contudo, apesar desse pequeno panorama exposto de algumas dificuldades enfrentadas, parte delas sentida em maior ou menor grau em toda a pesquisa histórica realizada em nosso país, os resultados obtidos mostram-se pertinentes e contribuem para o entendimento destas atividades artísticas no Brasil. Através de todas as fontes pesquisadas, pude compreender um pouco das influências das atividades do circo, do circo-teatro e do parque-teatro em Jaraguá do Sul nos anos de 1920 a 1950. Também, pude compreender que a Cidade, além de materialidade e espaço, é também, como afirma Pesavento, sensibilidades e sociabilidades; que os Circos, Circos-Teatros e Parques-Teatros foram, ao longo dos anos pesquisados, importantes constituintes da paisagem urbana e eram, em excelência, espaços

nos quais as pessoas procuravam se sociabilizar e espaços suscitadores das mais diversas emoções. Abranger essas manifestações culturais sem revelar os mais diferentes aspectos da cidade teria sido como esquecer parte importante dessa história.

Nas três décadas pesquisadas, a passagem dos empreendimentos culturais no distrito, e posteriormente no município, foi sempre de grande alegria e comemoração entre os jaraguenses. Era aguardado com grande expectativa o momento em que esses empreendimentos chegavam a Jaraguá do Sul, e toda essa expectativa era revertida em público nas funções. Através dos relatos, fica claro a importância dada ao anúncio da chegada dos circos, circos-teatros e parques-teatros ao município, seja pelo jornal ou pelo trem que chegava à estação. Portanto, antes mesmo de se instalarem em Jaraguá do Sul e iniciarem as apresentações, estes se tornavam o assunto na cidade.

Identificamos também que, no momento em que a cidade foi se desenvolvendo economicamente, a presença circense, dos circos-teatros e, posteriormente dos parques-teatros foi aumentando. Desse modo, o município deixava de ser apenas ponto de passagem, onde permaneciam poucos dias, para tornar-se parte importante do roteiro, ficando, em alguns momentos, quase um mês na localidade. Essa diferenciação temporal da presença dos empreendimentos artísticos corroborou a imagem de modernidade que os habitantes possuíam de si mesmos, pois a cidade estava crescendo, se modernizando, colocando-se em dia com a modernidade. No período examinado, o “ser moderno” era bastante discutido e difundido na mídia jaraguense, com o sentido de abertura para o novo, uma vez que a presença circense ocupava essa função, transmitindo o que acontecia nos grandes centros e da cultura de outras regiões brasileiras, visto que ainda não havia surgido a televisão e poucos possuíam rádio.

Um das mais importantes consequências relatadas sobre essa presença está relacionada à mudança de rotina, pois coincidiram com as transformações político-econômicas no Brasil e no mundo, como a Ditadura do Estado Novo, as duas Guerras Mundiais, a proibição de manter hábitos e línguas tradicionais. Em meio a todas essas agitações e inquietações políticas e econômicas, os circos, circos-teatros e parques-teatros representaram um “alívio” em um cotidiano marcado, em alguns momentos, por muito temor e apreensão.

Para compreender as influências das manifestações culturais que se apresentaram em Jaraguá do Sul, torna-se relevante apontar que a presença circense mais marcante foi do Circo Irmãos Queirolo. Todos os entrevistados, em algum momento, mencionaram a passagem

dessa companhia em Jaraguá do Sul, dos números apresentados e da dupla de palhaço formada pelo Chic-Chic e Harris. Esse fato pode ser creditado à recorrência desse circo na cidade e à boa relação com os seus habitantes. Ademais, a lembrança é um fator que vem, mais uma vez, legitimar a afirmação da importância dos empreendimentos artísticos no município ao longo das três décadas observadas.

Entretanto, um dos pontos mais relevantes verificados nesta pesquisa, os circos, circos-teatros e parques-teatros eram, antes de tudo, espaços de sociabilidade. Ir ao circo significava, além de desfrutar de um divertimento, estreitar laços sociais, conhecer pessoas, interagir com elas, fazer amizades, namorar, “jogar conversa fora”. Em muitas ocasiões, principalmente na década de 1920, quando eram escassas as opções e também no período da Ditadura Vargas, os circos e os parques representavam uma das únicas opções, além das missas e cultos religiosos, destas oportunidades de encontros. Muitas amizades, namoros e até casamentos ocorreram em consequência desse trânsito pela cidade que os momentos de lazer suscitavam.

Foi possível entender, ao longo da análise, a importância e as influências da presença dos circos, circos-teatros e parques-teatros para Jaraguá do Sul, uma vez que terrenos ociosos eram tornavam-se povoados de alegria, magia e encantamento proporcionados por esses empreendimentos artísticos. Com isso, no momento da despedida, ficava a certeza para a população de que logo outro chegaria e que, por mais uma vez, o terreno ocioso seria novamente preenchido e a alegria poderia ser vivida mais uma vez.

Cada reportagem localizada, cada relato gravado, cada fotografia, cada peça do quebra-cabeça foi juntada para formar esse grande mosaico, revelando momentos de verdadeira emoção. Sinto pelo fato de que muitas vezes as limitações impostas pela palavra escrita não puderam descrever a magnitude dos sentimentos, da alegria de ver um espetáculo circense, um sorriso estampado no rosto ao lembrar esse fato.

Por fim, essa pesquisa, antes de tentar chegar a uma grande conclusão ou a uma grande teoria sobre o circo, o circo-teatro e o parque-teatro, procurou abrir caminhos para futuras pesquisas. Campos, como o parque-teatro, totalmente inexplorados no Brasil, podem ser frutos de futuras indagações de outros pesquisadores que se interessarem por esse assunto.

Assim, há ainda inúmeras perguntas a serem feitas e respondidas sobre o assunto, pois não nenhum tópico mostra-se esgotado e novos olhares poderão trazer novas descobertas e novas respostas. Há que se aumentar cada vez mais o número de pesquisadores nessa área para tentar, mesmo que de modo incompleto, suprir algumas dessas lacunas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUED, Bernadete Wrublewski, EISLLER, Roberto João. **Alfaiates imprescindíveis: imigração, trabalho e memória.** Jaraguá do Sul: Design Editora, 2006.

ANDRADE, Lourival Jr. **Mascates de sonhos (As experiências dos artistas de circo-teatro em Santa Catarina- Circo Teatro Nh'Ana).** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, 2000.

ANDRADE, José Carlos dos Santos. **O espaço cênico circense.** São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2006.

ANDRIOLI, Luiz. **O Circo e a Cidade. Histórias do grupo circense Queirolo em Curitiba.** Curitiba: Edição do Autor, 2007.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo.** São Paulo: Editora Perpectiva S.A, 1981.

AVANZI, Roger, TAMAOKI, Verônica. **Circo Nerino.** São Paulo: Pindorama Circus/Codex, 2004.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social.** Enciclopédia Einaudi. Vol V, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p.296-332.

BRANCHER, Ana (org). **História de Santa Catarina estudos contemporâneos.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CAMAROTTI, Marco. **O Palco no Picadeiro: na trilha do circo-teatro**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COLLAÇO, Vera. **Teatro da União Operária, um palco em sintonia com a modernização brasileira**. Florianópolis: UFSC, 2004. Tese de Doutorado

CORRÊA, Carlos Humberto. **História de Florianópolis Ilustrada**. Florianópolis: Insular, 2005.

COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de. **A década de 20 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

DUARTE, Regina Horta. **Noite circenses- Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo, Brasiliense, 1972.

FAUSTO, Boris. **Historia do Brasil**. 11. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1990.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. São Paulo: FUNARTE/SNT,s/d.

MAJCHER, Olga Piazeira; CANUTO, Alcioni Macedo; LOPES, Sidnei Marcelo. **Colônia Húngara no Jaraguá**. Jaraguá do Sul, 2008.

- MAJCHER, Olga Piazeira. **Busca das Raízes**. Jaraguá do Sul: Edição dos Autores, 2003.
- _____. **Encontros e Reencontros**. Jaraguá do Sul: Edição da Autora, 2005.
- MERÍSIO, Paulo Ricardo. **O espaço cênico no circo teatro: caminhos para a cena contemporânea**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Área de Concentração: Estudos do Espetáculos. Dissertação de Mestrado, 1999.
- NECKEL, Roselane. **A república em Santa Catarina. Modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003
- PRADO, Décio de Almeida . **Teatro Brasileiro Moderno**. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatah. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.
- _____. *Com os olhos no Passado: A cidade como Pamlimpsesto*. IN: **Esboços**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História na UFSC.nº 11, 2004. p.25-30.
- _____. *História, Memória e Centralidade Urbana*. IN: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debastes, 2007. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>DOI: en tours d'attribution. p. 02-10
- _____. *Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano*. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8,nº16,1995. P.279-290.
- PIFFER, Ademir; KITA, Silvia Regina Toassi. **Baependi: 100 anos de muitas Histórias**. Jaraguá do Sul: Design Editora, 2008.
- RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Inacen, 1988.

SACHET, Celestino, SACHET, Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de História.** Florianópolis: Editora Século Catarinense, 1998.

SCHÖNER, Anselmo. **O arco-íris encoberto. Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas.** Joinville: Oficina de Comunicações, 2000.

SCHMÖECKEL, Eugenio Victor. **Memória Jaraguaense.** Jaraguá do Sul: Gráfica e Editora "CP", 1997.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História Privada do Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ermínia. **O circo "- sua arte e seus saberes - o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX.** São Paulo: Editora Altana, 2007.

_____. **Circo-Teatro. Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil.** São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Emilio da. **Jaraguá do Sul: um capítulo na povoação do Vale do Itapocu.** Jaraguá do Sul, 1975.

STULZER, Frei Aurélio. **O Primeiro Livro do Jaraguá.** Niterói: Editora Vozes, 1973.

KITA, Silva Regina Toassi. **Os reflexos da nacionalização do ensino nas escolas públicas e particulares de Jaraguá do Sul.** Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FUBR, 1998.

PERIÓDICOS

O CORREIO DO POVO - Jornal de Jaraguá do Sul: Foram pesquisados aos anos de 1920 a 1950, sendo que nos anos de 1932 a 1934 não houve a impressão do jornal.

JORNAL DE JARAGUÁ- Jornal de Jaraguá do Sul. Foi pesquisado o ano de 1934.

JORNAL DE JOINVILLE – *Jornal de Joinville*: Foram pesquisados os anos de 1920 a 1940.

O CLARIM- *Jornal de Joinville*: Foram pesquisados os anos de 1930 a 1940.

RELATÓRIOS

Relatórios de Joinville- Foram pesquisados os relatórios de Joinville referentes ao ano de 1919 à 1934.

Relatórios de Jaraguá do Sul- Foram pesquisados os relatórios de Jaraguá do Sul referentes ao ano de 1934 à 1950.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)